

---

TRABALHO: OS LAZERES NO TEMPO HISTÓRICO: UMA ABORDAGEM  
INICIAL

CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM LAZER E RECREAÇÃO

MATÉRIA: LAZER E SOCIEDADE

PROFESSOR: NELSON DE CARVALHO MARCELLINO, Dr.

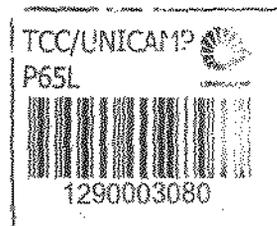
ALUNO: LUIZ WILSON PINA



FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

1º semestre de 1991

---



SUMÁRIO.

---

Introdução ..... fl. 01

Os lazeres na Grécia, na Antiguidade Clássica ..... fl. 05

Os lazeres em Roma, na Antiguidade Clássica ..... fl. 10

Os lazeres na França, na Idade Média ..... fl. 42

Os lazeres entre os Astecas, na véspera da  
conquista espanhola ..... fl. 60

Os lazeres na Holanda, no tempo de Rembrandt ..... fl. 63

Os lazeres entre os mineiros, no tempo de Germinal ..... fl. 73

Os lazeres nos Estados Unidos, na região e no  
tempo do Faroeste ..... fl. 78

Os lazeres na Rússia, durante a Revolução de Outubro ..... fl. 82

Os lazeres na Alemanha, na época da República de  
Weimar ..... fl. 84

---

A handwritten signature in the bottom right corner of the page.

## INTRODUÇÃO

### \* OS LAZERES NO TEMPO HISTÓRICO: UMA ABORDAGEM INICIAL

Uma das idéias centrais dos estudos e das construções teóricas sobre o lazer, nas décadas de 60 e 70, era a de que o processo evolutivo da humanidade conduziria para uma "civilização do lazer", quando os recursos da sociedade, incluindo o tempo utilizado na produção e oferta de bens e serviços, sustentariam uma existência humana voltada para os lazeres.

Colocamos então uma primeira questão concernente a essa idéia: Teriam os analistas e estudiosos do lazer, ao traçaram tão atraente perspectiva, se baseado principalmente na progressiva redução do tempo de trabalho, associado a uma elevação do nível de bem-estar e da qualidade de vida das sociedades em geral?

Essa real redução do tempo de trabalho - em 1990, os alemães trabalharam em média 1.560 horas, segundo as estatísticas oficiais, e os norte-americanos 1.847 horas, enquanto em 1960 os mesmos alemães trabalharam 2.080 horas (Jornal da Tarde, dia 29.07.91, página 13) - permitiria então a ocorrência de uma situação única na história da humanidade: muito tempo disponível para ser utilizado ao livre arbítrio ou com livre escolha, pela massa da população.

Temos nessas colocações um conjunto de conceitos, evidentes ou ocultos, ainda merecedores de muitos estudos e análises, sobre os seus conteúdos e significações: tempo disponível; tempo de trabalho; bem-estar; qualidade de vida; massa populacional; tempo livre; livre arbítrio e livre escolha; lazer e lazeres.

Podemos elaborar ainda uma segunda questão: A prática em massa dos lazeres seria um fenômeno contemporâneo, e mais especialmente desta segunda metade do século XX?

E, como terceira questão, a organização desses lazeres de massa seria também e tão somente um fenômeno atual?

Esta última questão lembra uma das asserções dos historiadores, encontrada por exemplo na frase de Gemma Verdi, in *Historia*, nº 399, Maio 1991, Milão, Editora Cino del Duca, página 24: a sorte do patrimônio cultural iraquiano é um problema que deve ser considerado por qualquer um que tenha o senso da história e a conhecimento consciente de quanto o passado seja ligado por fios mais ou menos longos com o nosso presente.

Ou seja, todo o nosso presente seria consequência do que os seres humanos e as sociedades fizeram no passado? Neste caso, o lazer e os lazeres atuais seriam consequentes da evolução histórica do

fenômeno lazer e das práticas dos lazeres?

Para um analista do lazer, em que medida contribuiria para uma melhor e mais profunda compreensão do fenômeno e de suas práticas o seu estudo retrospectivo, dentro das diversas fases do processo civilizatório do ser humano e de suas sociedades?

O presente trabalho é uma tentativa de se aprofundar nessa questão, como passo inicial do estudo das abordagens teóricas sobre o lazer. O objetivo é reunir elementos que possam auxiliar na compreensão e na análise do fenômeno e suas práticas, objetos dos quadros teóricos a serem estudados.

Desses estudos teóricos, podemos comparar nessa primeira fase três esquemas de análise, como orientação para escolha dos textos a estudar e das informações a identificar e recolher dos mesmos, relativamente à evolução histórica dos lazeres do ser humano.

Sebastian de Grazia, em *Tiempo, Trabajo y Ocio*, versão em espanhol de "Of work time and leisure", Madri, Editorial Tecnos, 1966, página 1 em diante, aborda o panorama do lazer em quatro etapas principais: da Grécia a Roma; o foco cristão; para a sociedade do trabalho; tempo liberado de máquinas.

Stanley Parker, em "A Sociologia do Lazer", São Paulo, Zahar Editores, 1978, página 19 em diante, divide o panorama do lazer em dois momentos: A Grécia e o lazer ideal; o lazer na Sociedade Industrial.

Frederic Munné, em "Psicosociología del tiempo libre: un enfoque crítico", Cidade do México, Editorial Trillas, 1980, página 11 em diante, adota um esquema mais amplo, em seis etapas: A Skholé como ideal grego; o otium romano; o lazer como ideal cavalheiresco; o lazer como vício no puritanismo; o lazer burguês como tempo subtraído ao trabalho; o lazer contemporâneo.

Desses três esquemas de análise, extraímos um critério de divisão do tempo histórico dos lazeres, utilizado na escolha dos textos, dos quais foram produzidos resumos simplesmente informativos, que servirão de base para as seguintes etapas do trabalho de aprofundamento no tema, como explicado no diagrama a seguir:



A escolha desses textos e sua análise, terão também uma função de teste dos esquemas teóricos que serviram de base para essa seleção como um princípio do seu estudo e de verificação do seu conteúdo.

Essa seleção também é necessária pela dimensão do trabalho: deve-se ficar clara a constatação da total impossibilidade de se traçar um quadro geral completo do assunto tratado - a evolução diacrônica dos lazeres: em primeiro lugar, a história da humanidade é imensamente rica e variada, não só em eventos, mas principalmente em imagens e atividades do cotidiano, e o volume de trabalho necessário seria gigantesco e fora do alcance de um único pesquisador; essa mesma história ainda não está completamente relatada, muito restando a fazer; os documentos pesquisados não incluem civilizações antigas igualmente muito ricas e variadas, como a chinesa, a indiana, a árabe e a japonesa.

Adaptando-se ao critério de seleção, baseado exatamente nas seis etapas de Frederic Munné, trabalho este que como já explicado acima servirá na próxima etapa de teste e análise do seu conteúdo, foram resumidos apenas de modo informativo: os lazeres na Antiguidade Clássica, Grécia e Roma; os lazeres na Idade Média, neste caso circunscritos à França; uma amostra dos lazeres na Holanda do século XVII, um país de religião protestante e uma sociedade muito dedicada ao trabalho; os lazeres entre os mineiros, no tempo de Germinal, no século XIX, portanto já na época da industrialização posterior à Revolução Industrial; breve amostragem sobre os lazeres em uma época conturbada, a Rússia da Revolução de Outubro, e de um país em situação contemporânea, a Alemanha da República de Weimar; como curiosidade, os lazeres entre os Astecas, na época da Conquista Espanhola.

Seria prematuro nesta fase do trabalho traçar correspondências entre as práticas, ou fazer comparações primárias, sem considerar todas as diferenças qualitativas e quantitativas nas variáveis sociais, políticas e econômicas das diversas sociedades. Porém é muito interessante, neste primeiro momento, retirar dos textos estudados a organização empírica dos lazeres pelos romanos do tempo do Império, e analisar em seguida a organização esportiva norte-americana - os duzentos e cinquenta grandes anfiteatros, alguns muito sofisticados e caros (o Superdome de Nova Orleães e o Silverdome de Pontiac custaram U\$ 285.000.000,00 cada um), tem capacidade total para receber sete milhões de espectadores (Heimermann, Benoît, "Les gladiateurs du Nouveau Monde", Paris, Gallimard, 1990, página 119).

E o que dizer dos condutores no Circo Romano, organizados em verdadeiras escuderias, competindo diante de uma assistência entusiasta? A linha de largada no Circo Romano, a linha de largada no circo da Fórmula 1, cujas escuderias ostentam cores e brasões, cuja assistência se disputa pelos melhores pilotos.

Utiliza-se hoje, ainda de modo empírico, embora alguns estudos já se dediquem a esse tema, a polivalência de uso de determinados espaços, como os ginásios esportivos, os estádios, os grandes galpões. E o que dizer da utilização polivalente do anfiteatro de Curion, em Roma?

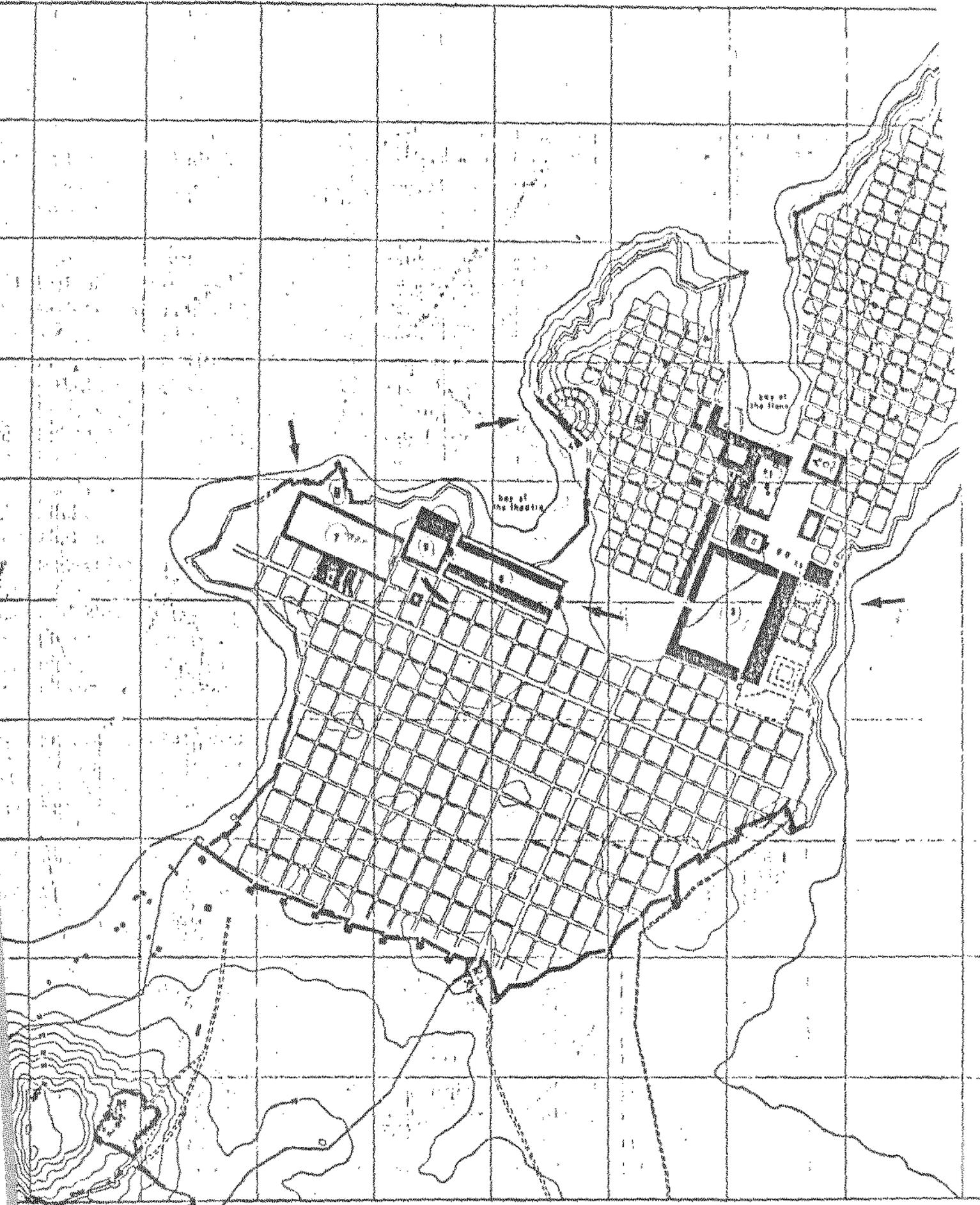
E ainda nos exemplos da Roma Imperial, o que pensar da concepção das termas, que reunia<sup>o</sup> banhos a vapor, piscinas, locais de exposição, bibliotecas, locais de estar, e lojas, diante dos empreendimentos atuais denominados "Parques Aquáticos"?

Em Calgary, capital da província canadense de Alberta, existe uma grande parque aquático dentro do Shopping Center local, este por sua vez um dos maiores do mundo.

Este é o primeiro objetivo do presente trabalho: suscitar questões a respeito do lazer e dos lazeres, utilizando, antes ainda dos quadros teóricos, os conteúdos e temas de estudo fornecidos pela análise do assunto no tempo histórico.



A handwritten signature or mark is located in the bottom right corner of the page.



Cuadrícula 200

<p>0 200 400 600 800 1000 1200 1400 1600 1800</p> <p>                     5. Gimnasio                      6. Stadium                      7. Agora oeste                      8. Templo de Atenea                 </p>	<p>                     ——— Muralla arcaica                      - - - - - Muralla helenística primitiva                      ——— Muralla helenística tardía                 </p>	<p>                     ■ Plano de Mileto (Asia Menor) (siglos V al I antes de J.C.).                 </p>
---	---	--

## \*OS LAZERES NA GRÉCIA, NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

A antiga sociedade grega, anterior à Época Clássica, de acordo com as pesquisas arqueológicas e históricas, era de ordem militar, e sustentada por uma economia rural e pastoral.

"A sociologia do trabalho e da atividade dependia em parte do sistema servil, que dispensava o homem livre das funções alimentares e técnicas em benefício da civismo e da prática militar"<sup>(01)</sup>. Os lazeres - jogos e festas, estão principalmente ligados aos deuses e aos heróis, nas descrições da época - os poemas de Homero, a iconografia, as tradições, as lendas, a mitologia, etc.

Os legisladores gregos do início da Era Clássica - Licurgo, Sólon lançaram o embrião de uma regulamentação do lazer, reprimindo por outro lado o luxo e o ócio.

Sólon, citado por Jean-Marie André<sup>(02)</sup>, reconhece a necessidade de "do lazer, da diversão, da bebida e da música". Continuando com o mesmo autor, "a Grécia Clássica, que simbolizará para Roma o lazer grego, traz para o mundo antigo formas de divertimento, públicas e privadas, e uma ideologia, notadamente a idéia que a paz vitoriosa, após as Guerras Médicas, cria, com a prosperidade e a distensão, o clima do lazer (Platão, Leis, 694, e Aristóteles, Política, VIII 1341 a 28). O fenômeno urbano favorece o crescimento dos lazeres coletivos. O Século V A.C. é dominado pela primazia de Atenas, cujo progresso conjuga a arquitetura e a cultura liberal - a paideia.

As festas rústicas se integram à cidade, que na Antiguidade permanece próxima ao campo, daí uma osmose permanente. E Péricles teria feito de Atenas, segundo Tucídides, a capital dos entretenimentos, concursos e festas religiosas sem interrupção. Ele teria, segundo Plutarco (Péricles, IX) criado a civilização do espetáculo, com os seus banquetes e procissões em um quadro arquitetônico prestigioso. E ao lado dos espetáculos, a cidade permite ao homem livre uma infinidade de passeios: o homem livre é o ser de Lazer (Platão, Leis VIII.832d): tal é o tipo ateniense por excelência, formado por uma educação de lazer e de jogo. Sócrates, que une a seriedade intelectual ao divertimento perpétuo e à curiosidade desinvolta, pratica os exercícios do ginásio, o passeio higiênico e a vadiação"<sup>(03)</sup>.

O centro das cidades gregas é a agora, a praça. Analisando por exemplo a planta de Mileto (Ásia Menor), conforme o período entre os séculos V a I antes de Cristo, podem ser identificadas duas con-

(01) ANDRÉ, Jean-Marie, "Les loisirs en Grèce et a Rome", 1ª edição, Paris, Presses Universitaires de France, 1984, página 5;

(02) ANDRÉ, Jean-Marie, idem, página 9;

(03) ANDRÉ, Jean-Marie, idem, páginas 10 e 11.



centrações das ruas, em tabuleiros retílineos, a sul e a norte das duas ágoras, ágora sul, a maior, com área aproximada de 170x200m, e ágora oeste, com área aproximada 80x200m. As duas ágoras formam um eixo central, em torno do qual se distribuem outras grandes construções com finalidades públicas e coletivas: o ginásio, o estádio, os templos, o teatro, este voltado para uma baía, completando-se o conjunto com uma ágora menor, a ágora norte. A cidade se expande progressivamente para o lado sul, após ter ocupado todo o seu lado norte, uma península.

Igualmente o plano de Atenas mostra a ágora como o "coração" da cidade, integrando-se neste caso com a Acrópolis.

Arnold Whittick, organizador da obra "Enciclopedia de la Planificación Urbana", Madrid, Instituto de Estudios de Administración Local, 1975, 1405 pgs., define a ágora como "a praça pública principal da cidade grega antiga, que era o centro comercial e social da urbe. Era o espaço urbano onde tinham lugar as reuniões políticas, as cerimônias religiosas e, nos primeiros tempos, as representações teatrais. Desde o século VI A.C. em diante, foi também a praça do mercado e o coração mesmo da cidade grega. Anteriormente o centro urbano havia sido a Acrópole, porém com o crescimento da cidade a ágora se foi tornando cada vez mais importante, enquanto que a Acrópole foi sendo reduzida ao seu caráter de centro exclusivamente religioso. Em torno da ágora se agrupava uma grande variedade de edifícios de caráter público, comercial e religioso" (página 11).

Essa praça central reunia não apenas as atividades comerciais, mas também os ilusionistas, os prestidigitadores, os saltimbancos, os adivinhos. E a Política de Aristóteles propunha dissociar a ágora mercantil da ágora da Liberdade - atletismo cívico e lazer puro.

De qualquer forma, por elas passavam todos os cidadãos, ao longo do dia, ali se agrupavam nos dias festivos, e analisando com um conceito moderno, a partir da ágora se estabelecia "o fluxo de circulação" dentro da cidade, de e para as construções de caráter público e associativo (ginásio, estádio, teatros, templos, etc.).

Jean-Marie André afirma que "a civilização ao ar livre ocupa todos os locais públicos: a palestra (ginásio) onde se praticavam os jogos e sociedade, como por exemplo o par ou impar com dados, as fachadas dos templos, onde se jogava a petteia (jogo de damas sobre um plano de linhas entrecruzadas)" (04).

4) ANDRÉ, Jean-Marie, op. cit., página 12.

Os gregos associavam os banhos ao lazer, como uma atividade social. O local para banhos era anexo ao ginásio. Originalmente frio, passou-se com o tempo a se adotar o banho com água morna, misturando-se e dosando-se água fria com água quente, com exceção de Esparta, onde somente o banho frio era considerado como adequado à vida saudável e digna (banho morno=signo de fraqueza ou de debilidade). Nesses banhos se misturavam as várias classes sociais.

Os jogos de sociedade, ao ar livre ou nas residências, segundo a estação, os jogos de azar, os banquetes e festejos, tanto os públicos quanto os oferecidos por cidadãos aos amigos e conhecidos, e que compreendiam também jogos de adivinhação, faziam igualmente parte dos lazeres habituais dos gregos dessa época.

Abordando a questão cultural no lazer, Jean-Marie André afirma: "Reação da consciência aristocrática, em Atenas, como mais tarde em Roma, o ideal do lazer nobre, liberal, toma a dupla forma de uma crítica dos lazeres de massa e de uma restauração dos valores da paideia, tanto no espetáculo quanto nos divertimentos privados" (05).

Platão e Aristóteles criticam os gostos e preferências da multidão "inculta", que pelos tumultos procura impô-los aos demais, e os profissionais que se vulgarizam, para serem melhor aceitos pelo público, visando além disso aos prêmios dos concursos. Os autores teatrais gregos, como por exemplo Aristófanes, também ironizaram e criticaram o "mau-gosto", sem deixar no entanto de tentar agradar tais preferências "duvidosas".

Platão (Leis, 814) catalogou as danças, sérias e frívolas, enquanto vários autores, como Aristófanes e Xenofonte, ironizam os lazeres citadinos, em suas obras, e defendem as alegrias e os prazeres sãos dos lazeres no campo, cujo habitante poder<sup>ia</sup> ainda, levantando-se cedo, ir até a cidade para passear ou para ver tragédias e comédias no teatro.

A expansão da civilização grega nas regiões circundantes do Mar Mediterrâneo disseminou conceitos e costumes, como descreve Jean-Marie André: "A civilização helenística é dominada pelo progresso de grandes monarquias que elegem suas capitais como centros da festa: Alexandria, Pérgamo, Antioquia... O Egito dos Lâgidas exerce uma espécie de primazia, com os seus soberanos tratados como deuses vivos e benfeitores - os Evérgetes. Os

(05) ANDRÉ, Jean-Marie, op.cit., página 14.

soberanos desenvolvem os equipamentos sócio-culturais, em suas capitais e em Atenas, a qual, decaída da sua grande política, permanece como um centro de fervor religioso e de lazer" (06).

Proliferam em todo o mundo grego as festas, os espetáculos, as competições esportivas, como as Olimpíadas. Os teatros ocupam espaços privilegiados nas cidades, e as representações teatrais fazem parte da vida do cidadão, que as assiste regularmente. Os atores são organizados em confrarias, que estipulam salários sob contratos fixos.

As atividades esportivas se sofisticam. O ginásio de Chios é dotado de aquecimento por estufa; é completado por salas de leitura e se integra a um complexo. O de Pérgamo comporta um teatro e uma biblioteca. Existem mesmo os encarregados de preparar a juventude para o atletismo, nos ginásios. E os banhos aumentam em quantidade, em tamanho e em recursos, integrando-se aos ginásios ou fazendo parte de complexos importantes, dos quais são os principais atrativos (pode-se neste caso observar o paralelismo dessa idéia com o conceito moderno da instalação-âncora, ou seja, aquela que atrai a maior parte do público, por exemplo a loja de departamentos no shopping center, ou o parque aquático no grande centro esportivo).

Quanto às competições olímpicas, Jean-Marie André observa que o amadorismo aristocrático deu lugar ao profissionalismo esportivo; o próprio Aristóteles lamentou esse estado de coisas; os orçamentos das cidades se tornaram mesmo pesadamente exigidos, e as competições passaram a ser exploradas politicamente, como pela dinastia dos Ptolomeus do Egito, cujos campeões eram super-treinados.

Os filósofos gregos legitimam também o repouso do ser humano, deixando ainda uma margem para a contemplação, que deve conduzir à sabedoria e à virtude; Aristóteles, em Política, Livro II, Capítulo VI, aborda o lazer individual: "Se o repouso e o trabalho são ambos indispensáveis, o repouso é pelo menos preferível, e é uma questão importante saber em que se deve empregar o lazer. Certamente não no jogo; se não, o jogo seria o nosso fim último. Se possível, é melhor descartar o jogo entre as nossas ocupações. Quem trabalha precisa de descanso: o jogo não foi imaginado senão para isso. O trabalho é entremeado de fadiga e de esforços. É preciso entremeá-lo convenientemente de recreações, como um remédio. O descanso é ao mesmo tempo um movimento da alma e um repouso, pelo prazer de que se acompanha. Todavia, este prazer não é o mesmo para todos; cada um o ajusta à sua maneira de ser e a seus hábitos. O homem de bem a coloca nas coisas honestas. Deve-se aprender, portanto, mesmo que seja para

si mesmo, a passar honesta e agradavelmente os momentos de lazer que se tiver na vida e também saber ocupar-se para utilidade dos outros" (07).

Segundo Jean-Marie André (página 20), Aristóteles defende a necessidade social de um "bom uso do lazer" e define uma qualidade de lazer ligada ao nível cultural (espetáculos puramente sensoriais para a massa; música, leitura, ginástica, para a elite).

O mesmo autor conclui que a associação cidade/natureza teve lugar importante nos lazers da civilização grega, cujos cidadãos procuravam tanto os equipamentos urbanos quanto os espaços campestres, para as suas atividades de entretenimento e de descanso.

Já as civilizações helenísticas, a partir dos Lágidas, sucessores de Alexandre de Macedônia, conquistador de grande parte do atual Oriente Médio, e herdeiras do patrimônio cultural grego, ligado todavia aos fatores culturais das sociedades dominadas, criaram, através dos reis do Egito, da Síria e de algumas outras regiões, "um estilo de vida suntuoso e refinado, que associa as alegrias do corpo e o encantamento permanente" (08).

Em primeiro lugar, esses reis criaram verdadeiros "clubes reais", para uma vida de prazer: banquetes, festins, orgias, bebedeiras, principalmente entre os Ptolomeus do Egito.

Foram ainda adeptos da navegação de prazeres: grandes navios (para a época) de extremo luxo, foram construídos para os reis. O navio de Hierão de Siracusa, denominado Alexandria, possuía biblioteca, banhos, ginásios para exercícios físicos. Os dos Ptolomeus do Egito eram verdadeiros palácios flutuantes, para navegar pelo Nilo e percorrer as margens do Mediterrâneo.

Desenvolve-se também a caçada em caráter aristocrático, praticada em grande escala pelos mesmos Ptolomeus, pelos Selêucidas na Síria, onde possuíam "reservas de caça".

Jean-Marie André conclui: "A civilização helenística, recolhendo a herança da Grécia Clássica, legou a Roma uma quantidade de formas de divertimento, espetáculos, jogos de sociedade, lazers cultivados. Seu elitismo conduz à aristocracia romana e em seguida aos Césares a idéia mesma da organização dos lazers, codificada pelos filósofos gregos. Seu elitismo cultural favorecerá, na consciência romana, a maturação do lazer liberal" (09).

(07) ARISTÓTELES, "A Política", tradução de Roberto Leal Ferreira, sobre versão em francês de Marcel Prelot, São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora, 1991, página 68;

(08) ANDRÉ, Jean-Marie, op.cit., página 68;

(09) ANDRÉ, Jean-Marie, op.cit., páginas 22, 23 e 24.

## \*OS LAZERES EM ROMA, NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

Antes de abordar os lazeres na época romana, na capital e nas províncias do Império, é necessário resumir na medida do possível a organização social dos romanos e a sua utilização do tempo.

Esses dois assuntos são explicados detalhadamente por Jérôme Carcopino, na obra "La vie quotidienne à Rome, à l'apogée de l'Empire", Paris, Hachette, 1939, seção II, capítulo I, primeira parte, e capítulo I, segunda parte, da qual transcrevemos a seguir um resumo adaptado.

No mundo antigo, as estruturas sociais eram baseadas no sistema do servilismo e da escravidão. E nisso não foram diferentes os gregos, que mantiveram o mesmo sistema nas diferentes fases do seu processo civilizatório, desde os tempos anteriores à Época Clássica até as civilizações helenísticas. Se repetimos esse fato conhecido de domínio público, é porque tem relação direta com os lazeres, tanto na civilização grega quanto na romana.

"Em princípio, a organização social romana separava duas categorias principais: os seres nascidos livres, cidadãos de Roma ou não, radicalmente separados, pela superioridade de sua origem, da multidão dos escravos, rebanho de face humana, sem direitos, sem garantias, sem personalidade, à disposição permanente do senhor.

Em seguida, os homens livres são separados: os cidadãos romanos, por origem familiar, ou de cidadania concedida por decreto; e os outros indivíduos que eram submetidos ao Império desses mesmos cidadãos. Os cidadãos romanos eram protegidos pelas mesmas leis que sujeitavam os outros homens livres, não cidadãos de Roma.

Enfim, os próprios cidadãos romanos se encaixavam em uma escala de valores sociais, determinada de acordo com o nível de suas fortunas.

No degrau mais baixo, os humildes, os "humiliores", a plebe, as pessoas de baixa condição, sem capital e sem bens próprios, passíveis de severa punição em caso de qualquer crime; em seguida, os burgueses da época, os "honestiores", a quem a possessão de pelo menos 5.000 sestércios assegura a honorabilidade, e cujas penas para possíveis crimes são menos severas do que para a plebe; acima de 4.000 sestércios de posse, classificam-se os "cavaleiros", que podem receber cargos de confiança, seja em funções civis, seja em funções militares; no topo, a ordem senatorial, cujos membros, possuidores

de pelo menos um milhão de sestércios, podem assumir, na época do Império, e por determinação imperial, altos comandos e altos postos.

A partir da ordem equestre, os cidadãos podiam se candidatar aos altos cargos da magistratura e à edilidade; à prefeitura das cidades; e outros cargos mais, na ordem política romana. Todo esse sistema apoiava-se em sua base nos escravos: a estes cabia o trabalho duro e penosos, as tarefas mais humilhantes, as atividades mais pesadas. Trabalho sem tempo nem duração determinadas, mas sempre de acordo com a vontade ou a necessidade do senhor. À medida que, primeiramente a República romana, em seguida o Império, foram expandindo as suas conquistas territoriais, cresceram em quantidade e aumentaram em variedade os escravos de Roma.

Todo esse sistema era sustentado pelos territórios conquistados: tributos e os melhores produtos eram enviados para a Capital. E embora os romanos tenham exercido um colossal esforço civilizatório em todos os territórios ocupados, urbanizando as aglomerações e transformando-as em cidades organizadas, dotando-as de aquedutos e ligações por estradas com as respectivas regiões, de teatros e termas para melhorar a sua qualidade de vida, evidentemente os melhores e mais abundantes recursos se concentravam na capital romana, para uso e desfrute por parte dos seus cidadãos.

E essa população cresceu: na época de Trajano (segundo século da nossa era), de uma população total estimada de 1.200.000 habitantes, cerca de 500.000 pessoas eram assistidas pelo Estado, considerando um total de 150.000 chefes de família que recebiam seu sustento da organização pública (e de três a quatro pessoas por família). Acrescentando-se a isso cerca de 400.000 escravos, pode-se estimar em 100.000 o número de chefes de família que podiam se manter sem assistência direta do estado romano.

Finalmente, essa organização social não era rígida, apresentando possibilidades para o exercício de uma mobilidade entre as classes que permitia ao escravo até mesmo se tornar cidadão romano, e ao estrangeiro ocupar cargos e desempenhar papéis importantes na estrutura comunitária.

Quanto à utilização do tempo, é possível reconstituir o dia a dia do cidadão romano com um grau razoável de exatidão, considerando evidentemente o cotidiano da maior parte dos habitantes da cidade, abstração feita dos mais ricos, pelo seu excesso de opulência, e dos que viviam na miséria.

A primeira observação é que o dia não era dividido, como se faz no mundo atual, em um horário rígido e imutável. O calendário romano, do qual procede o nosso, obedecia à duração do movimento de rotação terrestre em torno do Sol. Os doze meses do nosso ano mantêm a ordem, a duração e os nomes que lhes foram dados por Júlio César e pelo imperador Augusto. Todos os meses, inclusive fevereiro nos dias bissextos, contêm o mesmo número de dias ao qual estamos habituados. E a fé astrológica introduziu o uso das semanas de sete dias, subordinadas aos sete planetas que giravam em torno do Sol (os sete planetas conhecidos naquela época). O cristianismo apenas adaptou esse calendário, determinando como dia do Senhor o sétimo da semana, em latim "dies Dominica", de onde se originou a palavra domingo (domenica, em italiano, dimanche, em francês). E a contagem das horas se iniciava no meio da noite, que a civilização moderna fixou como meia-noite.

Os povos antigos procuravam estabelecer medidas para a duração do dia, e os gregos inventaram o relógio solar. Cujas medidas, por causa do formato do planeta, variavam de local para local, segundo a latitude, não existindo portanto um relógio padrão que pudesse ser feito em um cidade e colocado em outra. Dependendo do relógio de sol, os romanos do final do quarto século antes de Cristo dividiam o dia em duas partes, uma antes do meio-dia, e a outra depois. Ainda dos gregos, os romanos adotaram a "clepsidra", ou relógio à água, que supria as deficiências do relógio de sol (ineficaz em dias de bruma). O relógio à água permitiu estender para a noite as medidas de tempo adotadas para o dia.

Entretanto, a medida das horas era variável; não tinha a rígida divisão atual, em minutos e segundos; como as doze horas do dia eram divididas pelo relógio solar entre o nascer e o por-do-sol, essas horas aumentavam e diminuíam no mesmo passo e em sentido contrário conforme as estações do ano; o mesmo ocorria conseqüentemente com as horas noturnas. As horas diurnas e as horas noturnas não eram idênticas entre elas e às nossas horas a não ser duas vezes por ano, nos equinócios (ponto da órbita da Terra em que se registra uma igual duração do dia e da noite, o que sucede nos dias 21 de março e 23 de setembro). Antes e depois, elas se modificavam, sempre inversamente as diurnas das noturnas, até os solstícios, onde o seu afastamento atingia o grau máximo (conforme a relação entre a Terra e o Sol, os dias 22 ou 23 de junho correspondem ao solstício de inverno no hemisfério sul, com o dia mais curto e a noite mais longa do ano; os dias 22 ou 23 de dezembro correspondem ao solstício de verão no hemisfério sul, com o dia mais longo e a noite mais



curta do ano. No hemisfério norte, invertem-se os solstícios, pois as estações são opostas; 22 ou 23 de junho solstício de verão, 22 ou 23 de dezembro solstício de inverno. Essas observações tem importância na análise do fenômeno lazer, pois a duração do dia interfere também nas atividades).

Assim, no solstício do inverno, o dia para os romanos, com 8 horas e 54 minutos de claridade solar, contra 15 horas e 6 minutos de obscuridade, tinha uma hora diurna com duração de 44 minutos  $4/9$ ; e uma hora noturna com duração de 1 hora 15 minutos  $5/9$ . No solstício de verão, a situação se invertia; e era a vez das horas noturnas se contraírem enquanto aumentava a hora diurna.

Conseqüentemente, situação difícil de compreender para o indivíduo contemporâneo, as horas romanas variavam dia a dia, em sua duração. Os romanos, portanto, não podiam determinar as suas atividades com a mesma precisão rigorosa dos tempos atuais.

Como exemplo, no solstício de inverno, as horas diurnas começavam na hora "prima", equivalente ao período de 7hss às 8h17, e terminavam na hora "duodécima", de 15h42 às 16h27, quando então começavam as horas noturnas. No solstício de verão, as horas diurnas começavam na hora "prima", de 4h27 a 5h42, terminando na hora "duodécima", de 18h27 a 19h33, quando se iniciavam as horas noturnas. As horas noturnas reproduziam por rigorosa antítese o dispositivo das horas diurnas, durando no inverno o equivalente às horas diurnas no verão, e vice-versa. Daí, muitas conseqüências que repercutiam profundamente na vida romana. Como os meios de medir as horas inconstantes que marcavam o seu ritmo devida permaneceram empíricos e insuficientes durante toda a antiguidade, a vida dos romanos nunca foi regulada com a precisão matemática à qual já estamos habituados e que se impõe hoje ao nosso emprego do tempo. A existência dos romanos seguia pois uma flexibilidade e uma elasticidade desconhecida em nossas capitais contemporâneas. Por outro lado, como a duração de tempo sobre a qual ela se desenvolvia se pautava pela diversidade das estações, ela passava por fases de atividades cuja intensidade variava de acordo com as dimensões das horas diurnas, intensidade essa mais fraca nos meses mais sombrios, e mais fortes nos meses de maior luminosidade.

(O desenvolvimento tecnológico modificou profundamente esse quadro: mesmo em regiões onde as estações apresentam grandes diferenças, os sistemas de iluminação, aquecimento e proteção ambiental permitem a continuidade de inúmeras atividades humanas, no trabalho e no lazer).

Quanto às suas ocupações, deve-se distinguir primeiramente os homens das mulheres: estas mantinham-se a maior parte do seu tempo em casa, principalmente as de condição mais modesta, presas às obrigações familiares; as mais abastadas dispunham de mais tempo, para suas visitas, ir aos passeios ou aos espetáculos. Quanto aos homens, eles saíam cedo de casa. Aqueles que tinham de ganhar a vida, começavam suas atividades na primeira hora (variável, como vimos, a cada dia). Se eram ociosos, tinham de atender à sua clientela - isto é, as pessoas com quem mantinham relacionamentos de interesses e de dependência. Os relacionamentos entre os romanos seguiam obrigações de respeito, de "obsequium", na hierarquia social dos escravos até o último grau. Os mais abastados eram assim frequentados por uma numerosa clientela, aos quais forneciam ajuda ou socorro material, em dinheiro e em espécie. Boa parte do dia era preenchida nesse vai-e-vem, pois por mais rico que fosse o cidadão, sempre havia alguém de hierarquia mais alta ao qual se devia render homenagem. As mulheres eram excluídas desse festival de bajulações. Uma vez terminado o ciclo de visitas, todos se encaminhavam para suas demais ocupações.

Roma, sobretudo no tempo do Império, era verdadeiramente a cidade dos que viviam de rendas. Os grandes proprietários rurais, os administradores e acionistas das sociedades, os funcionários do sistema, e enfim os cerca de 150.000 proletários mantidos pelo Estado (nesta caso na época imperial), que recebiam um dia por mês víveres aos quais tinham direito por serem cidadãos romanos.

Mas por sua qualidade de capital e centro principal do mundo romano, a cidade atraía também atividades de trabalho efetivo, de especulação, de tráfico, de comércio, de finanças.

Produtos de toda parte afluíam a Roma. Da mesma forma, comerciantes e artesãos de todos os povos relacionados com os romanos frequentavam a cidade, ou nela se estabeleciam. Isso gerava oportunidades inúmeras de ocupação, para os libertos (escravos que haviam sido libertados pelos seus senhores, ou que haviam comprado a sua liberdade), para os indivíduos que não tinham a cidadania romana, para os estrangeiros que nela se estabeleciam. A cidade chegou a agrupar mais de 150 corporações de ofícios (antecessoras dos modernos sindicatos de classe).

Os trabalhadores de Roma se distinguiam entretanto, comparativamente aos das grandes cidades contemporâneas: primeiro, espalhavam-se por toda a cidade, e por todos os ofícios da época, pois não existiam indústrias de porte nem grandes magazines ou entrepostos comerciais; eram em sua quase totalidade do sexo masculino; e final-

mente, suspendiam as suas atividades, com exceção de algumas ocupações (proprietários dos cabarês, por exemplo), logo após o meio-dia.

Os romanos que trabalhavam para ganhar a sua vida eram conscientes e organizados, e não se deixavam absorver demasiadamente pela sua atividade. Já pelas características do seu calendário e do seu sistema de medida das horas e da duração do dia, já pelos sistemas determinados pelas suas corporações de ofício, o tempo de trabalho dos romanos correspondia, por dia útil, à duração de sete de nossas horas no verão, e a seis de nossas horas no inverno.

Assim, inverno como verão, os trabalhadores romanos gozavam de sua liberdade durante a melhor parte da tarde, e nossa semana de quarenta horas, com a sua repartição diferente do tempo, lhes seria pesada e cansativa. Eram prevenidos, pelos seus hábitos de origem camponesa, e pela idéia que tinham do papel de sua cidade e de sua sociedade no mundo de então, contra o esgotamento do trabalho incessante e das tarefas muito cansativas, e dessa forma mercadores e lojistas, artesãos e operários manuais, fortalecidos pela vitalidade de suas associações profissionais, haviam chegado a uma organização do seu trabalho que lhes concedia cada dia, durante dezessete a dezoito horas de nossas vinte e quatro atuais, a satisfação de viver em repouso, ou de desfrutar do seu lazer. Neste caso, participavam de atividades em grau próximo ao do patriciado romano, ou seja, às categorias mais abastadas da população, o que também significava importante fator de estabilidade política" (10).

Relativamente aos lazeres dos romanos, é necessário distinguir três épocas: a época primitiva, dos primórdios da civilização romana, a época da República, e finalmente a época do Império.

Jean-Marie André atribui o lazer primitivo dos romanos em relação à natureza (pastoral e rural) e em relação à sua religiosidade. Em primeiro lugar, são distintos os dias "fastos", nos quais eram permitidas muitas atividades, dos dias "nefastos", nos quais haviam proibições e interdições. Esses dias eram marcados no calendário, e assinalados por diferentes tipos de atividades. "O lazer, alegria dos homens e homenagem aos deuses, se confunde com a feliz vacuidade das feriae, que deixa traços duráveis na consciência romana: nota-se uma relatividade ao mesmo tempo sagrada (a boa vontade dos deuses) e profana (o ciclo das estações e dos trabalhos). O esquema antigo propõe um otium relativo à vida rural, mas integrado aos demais fatores culturais e sociais" (11)

(10) CARCOPINO, Jérôme, "La vie quotidienne à Rome, à l'apogée de l'Empire", Paris, Librairie Hachette, 1939, páginas 86 a 118 e 213 a 224;

(11) ANDRÉ, Jean-Marie, op.cit., páginas 25 e 26.



O mesmo autor propõe uma evolução do otium, como segue: "em seguida aparece um ritmo funcional e laico fundado sobre a oposição do labor e do mercado; vai-se à cidade para os negócios e os processos, e ali se descobre a facilidade da vida citadina (o otium urbanum). Mas em breve o otium significa trégua nos combates (a civilização militar característica dos povos antigos) e a primeira explicação dessa noção, por Ennius, parece designar a folga dos soldados. A cidade, com os seus contatos sociais, suas diversões e seus prazeres, cristalizará, desde a época real, o sonho de divertimento e distensão do soldado-camponês. E a influência dos etruscos não deve ser negligenciada: os testemunhos históricos da época helenística descrevem a aristocracia etrusca como o povo da moleza; mas na primitiva sociologia do lazer a contribuição etrusca (banquetes e jogos fúnebres) se dilui nas influências helênicas. Em seguida, o lazer aparece inserido no sistema cívico, com a era das conquistas romanas, que cria uma casta de soldados-cidadãos. Ao calendário religioso, que rege o repouso agrícola e as atividades jurídicas ou cívicas, se superpõem um sistema sócio-político novo, a ocupação de soldado, ligada à ocupação de cidadão. O lazer não resulta mais exclusivamente das tabus religiosos das atividades, mas também e sobretudo da distensão lícita garantida pela paz vitoriosa. A segunda zona de atividade (produtiva ou profissional) se torna lazer relativo. Cícero evoca aqueles para os quais o lazer é gestão dos negócios pessoais" (12).

Característica interessante: os feriae, os dies festi, marcam, no ciclo dos trabalhos e das colheitas, a proteção dos deuses, e o reencontro com a felicidade e o bem-estar.

As festas rústicas assinalam a alegria pelas colheitas e a preocupação de protegê-las das calamidades.

Essas festas foram gradualmente urbanizadas, e se tornaram mais populares, deixando de ser apenas religiosas; tornaram-se progressivamente laicas. Associadas às mesmas, aparecem então os ludi, os jogos romanos, que gradualmente se inserem no calendário das festas.

Esses jogos, que resultam de votos ou de celebrações de agradecimento, são muito extensos. Assim, na época de Cícero, os jogos de setembro, com a finalidade de atrair a proteção do deus Júpiter, duram de 5 a 19.

Jean-Marie André explica que "a extensão das festas corresponde ao mesmo tempo à sociologia do trabalho (a urbanização libera o homem livre do trabalho agrícola), à religião dos dies festi ou religiosi, e às leis republicanas. Em 354 A.C. contam-se já cento e setenta e cinco dias de festa, festas rústicas, banquetes sagrados,

e ludi. E o caráter religioso das festas, atenuado gradualmente pela laicização do espetáculo, é atestado na gênese e na organização dos jogos cênicos republicanos. Assim, Tito Lívio sublinha que o primeiro espetáculo organizado tinha como função apaziguar a cólera celeste quando de uma peste, em 364 A.C.; e o teatro revela a essência primitiva do lazer: os jogos institucionalizados do III século A.C., a partir de 240 A.C., comportavam comédias e tragédias adaptadas do repertório grego. Do total citado de cento e setenta e cinco, os jogos cênicos duravam cento e um dias. Homenagem aos deuses, o espetáculo teatral se desenrolava no início nos recintos sagrados, durante a boa estação, próximo ao templo da divindade, mantendo-se o público em pé durante a representação" (13).

Analisando os relatos dos historiadores e dos autores e cronistas da época (Plauto, Cícero, Catão), Jean-Marie André conclui que "a Roma do século II A.C. já era a capital da alegria e do prazer" (14).

E durante a República já se iniciam dois processos de sistematização do lazer, finalmente confirmados e expandidos fortemente na época do Império: a organização do lazer e a arquitetura do espetáculo.

"A medida que os jogos se tornam laicos, se transformam em um dever cívico, tanto para o espectador como para o organizador. Os magistrados são seus encarregados; passam dos consules aos edis e ao pretor. Como os custos crescem, sendo os jogos acrescidos de um litúrgie, os orçamentos do Estado são insuficientes, e os magistrados financiam uma parte dos espetáculos. Esses hábitos dispendiosos são legados aos Césares" (15).

Quanto ao segundo processo, "a extensão dos ludi, circenses ou scaenici, provoca em Roma toda uma série de pesquisas no sentido da utilidade funcional, do deleite e da satisfação - critérios complementares da arquitetura segundo Vitrúvio.

Procura-se primeiramente definir a estrutura do espetáculo. A partir de 179 A.C., vemos os censores, guardiões das finanças públicas tanto quanto das tradições morais, colocar em adjudicação teatro e proscênio, um palco à disposição dos edis e dos pretores (Tito Lívio, XL.51 e XLI.32). Os tradicionalistas reagiram contra a construção de teatros permanentes, signo de moleza e de luxo estrangeiro. Ora, esse combate de retardamento está perdido de antemão. Os

(13) ANDRÉ, Jean-Marie, op.cit., páginas 31 e 32;

(14) ANDRÉ, Jean-Marie, op.cit., página 34;

(15) ANDRÉ, Jean-Marie, op.cit., páginas 34 e 35.

legionários desmobilizados viram os teatros gregos da Itália do Sul e da Sicília.

As pesquisas, na arquitetura do espetáculo, são muito empíricas.

O Forum Boarium abrigou os primeiros combates de gladiadores, o circo, os primeiros jogos cênicos, o folclore bufão, o hipismo e o atletismo.

Mas, no final da República, dois importantes progressos no sentido da arquitetura funcional foram realizados: o teatro permanente e o esboço do anfiteatro.

Após a construção de um teatro em madeira por Mummius, em 145 A.C., após as audácias do edil Scaurus, erguendo em 58 A.C. um teatro em madeira com uma parede de cena em material durável (mármore, vidro, madeira dourada), o grande Pompeu anexou ao tempo de Vênus um teatro em pedra com 18.000 lugares, no Campo de Marte. O conforto disputa nesse teatro permanente com a utilidade funcional: o calor tórrido era enfrentado pelo escorrer de água nas escadarias. O sonho naturalista de frescor e de sombra penetra na arquitetura funcional, e as técnicas se aperfeiçoam (essências perfumadas, bálsamo e sassafrão) O problema da climatização torna-se tão mais crucial que os espetáculos começam de manhã, no final da República. Desde 78 A.C., Catulo havia imaginado estender uma cobertura em tecido de linho sobre a platéia.

O primeiro anfiteatro, provisório, em madeira, parece remontar à iniciativa de Curion, tenente de César, que havia concebido dois teatros justapostos que pivotando, formavam a elipse de um anfiteatro. Os teatros provisórios conheceram o conforto dos assentos, dos quais uma parte era reservada aos senadores e à ordem equestre. Posteriormente, aparecem os dissignatores, cuja função era marcar os lugares reservados pelos cidadãos, antecipadamente ao espetáculo" (15).

A Época Republicana viu nascer e se consolidar diversos tipos de espetáculos: os munera, os combates de gladiadores, possivelmente herdados dos Etruscos, e que no início representavam uma oferta de sangue aos mortos e aos gênios da Morte; até o fim da República, esses jogos eram oferecidos quando dos ludi fúnebres das grandes famílias; posteriormente, e de forma institucionalidade durante o Império, adquiriram a função de simples espetáculos; foram introduzidos em Roma em 264 A.C., e ainda durante a República os gladiadores se profissionalizaram e se especializaram. Outro tipo de espetáculo era a uenatio, uma caçada artificial, que na época clássica integrava os combates de animais e a exibição de animais amestrados. O circo também permitiu uma expansão das competições

(15) ANDRÉ, Jean-Marie, op. cit., páginas 35, 36 e 37.

hípicas - carros e cavaleiros, com predominância final dos primeiros. Assinale-se também um processo evolutivo no campo dos esportes: "A tradição esportiva da Roma Antiga não tem nada a ver com o lazer no senso moderno. Ela está ligada em seu início ao treinamento paramilitar: as armas, os cavalos, a natação; a velha educação romana e a disciplina militar, ciência do treinamento, convergem: assim, Plutarco conservou o programa do filho de Catão o Antigo - esgrima, lançamento de dardo, adestramento do cavalo, pugilato, treinamento sob calor e frio, e, muito importante, a passagem a nado de um rio impetuoso e frio. No final da República, subsiste dessa tradição o esporte individual, ou organizado pelos clubes de jovens, no Campo de Marte, como relata Estrabão (Geografia, V.8): o terreno plano tem uma extensão impressionante; oferece livre curso para as corridas de carros e para todas as evoluções equestres; acolhe também uma multidão imensa de jovens pessoas que ali se exercitam no disco, na bola, na ginástica. E a natação também tem os seus adeptos: o Tibre próximo convida ao mergulho. E de modo geral, inúmeros autores insistem nos benefícios dos esportes individuais. Mas o gosto da performance aparece nas mentalidades: as leis contra os jogos de dinheiro autorizam as apostas sobre o esporte" (16).

Evolui-se também para o lazer individual: "a reflexão pessoal, favorecida pelos sistemas gregos, o contato com os lazeres gregos fazem regredir o puritanismo rústico-militar. A procura do prazer triunfa da má consciência cívica e militar, e das censuras daqueles que durante muito tempo lançaram o anátema sobre a desocupação urbana, que degradava a mão-de-obra, mesmo servil: aqueles que preferiam movimentar as mãos no teatro e no circo ao invés do campo e das vinhas. Todas as escolas filosóficas preconizam um bom uso do lazer e têm tendência a individualizá-lo. O epicurismo, considerado individual e asocial, cria clubes, cenáculos; desenvolve-se um epicurismo sociológico, solidário de uma arte de viver distinta e refinada: na vestimenta, na vilegiatura no campo, na vilegiatura na praia; ele opõe à concentração urbana as vilas nas cidades - os grandes jardins; desenvolve o gosto dos banquetes e o culto das belas artes, às vezes confundido com o diletantismo superficial e o furor de colecionar. E as outras escolas, mesmo a estóica, são igualmente receptivas ao lazer individualizado, fruto da natureza individual" (17).

(16) ANDRÉ, Jean-Marie, op.cit., páginas 43 e 44;

(17) ANDRÉ, Jean-Marie, op.cit., páginas 44, 45 e 46

Os aspectos urbanos relacionados com o lazer são também abordados por Jean-Marie André: "a concentração urbana, e tanto quanto ela, a revolução arquitetônica vinda da Grécia favoreceram o passeio e a vadiação. O helenismo introduziu na arquitetura pública o pântico e a basílica, dos quais Vitrúvio, sob Augusto, codificará a estrutura.

Os pânticos cobertos aparecem desde 193 A.C., e o Campo de Marte começa a adquirir no século II A.C. seu caráter de quarteirão-passeio graças ao Pântico de Otávio e ao de Metello Macedônico. O Fórum romano, enriquecido de basílicas, não foi ornado de pânticos, por causa da densidade da construção e da falta de espaço. Mas as cidades romanas de plano regulado terão um fórum encerrado por amplos pânticos, à imagem das cidades gregas. Existiam vários locais de perambulação: as ruas de comércio, os foruns, os mercados; e para a vagabundagem intelectual, importada dos pânticos e dos ginásios da Grécia helenística e até da Sicília grega, os pânticos da cidade, os ginásios.

O mundo da perambulação engloba os mundanos e os marginais; entre estes, o scurra frequentador dos festins, um tipo de parasita social, que diverte os outros e anima as festas.

Vilipendiada pelos mais moralistas, a perambulação se imporá no século I A.C. sob duas formas: a livre deambulação dos cidadãos, notadamente dos poetas; o passeio estilizado, ligado ao entretenimento, no ginásio da vila. As sátiras de Horácio, anteriores à modernização da capital, revelam um lazer citadino ligado ao passeio: às vilegiaturas em moda, o poeta prefere os passeios romanos" (18).

Com o desenvolvimento urbano, o campo se tornou um local de retiro. No último século da República, o ponto de referência é a cidade, com seu conforto e seus prazeres: "A villa rustica, cenário do lazer camponês, vai se urbanizar, ao mesmo tempo que aparecem formas de vilegiatura específicas; a villa intra-urbana periférica se desenvolve em Roma como variante da villa suburbana mista; a villa marítima invade as praias na moda, -no Sul do Lácio e na Campânia. E a villa faz cada vez mais concessão aos prazeres da vida; as peças nobres não são mais centralizadas no átrio, mas sobre um peristilo-jardim; são rodeados de pânticos pavimentados, que abrem para as palestras e para os passeios, os quais contribuem para o lazer físico. São desenvolvidos coleções de esculturas e de pinturas, parques, viveiros, parques de caça, jardins e bosques" (19).

(18) ANDRÉ, Jean-Marie, op.cit., páginas 46, 47 e 48;

(19) ANDRÉ, Jean-Marie, op.cit., páginas 49 e 50.

As vilas também foram implantadas na costa: deram lugar assim a lazeres marítimos: além do que já oferecia a natureza, os seus proprietários fizarem muitas obras para arranjar melhor os espaços e os seus atrativos: molhes, canais que permitiam que o mar avançasse sobre a terra, diques, piscinas de água do mar. Passeios, banquetes, bebedeiras e festas eram correntes, entre os privilegiados da época final da República.

Mas a cidade, centro dos prazeres, tinha também os seus cabarês e os seus banhos, ou termas: estes se expandiram ainda durante a época republicana; em 33 A.C., a cidade tinha 150 banhos. As termas e os teatros permanentes atraíam e eram circundados pelos locais de comércio dos prazeres. E notadamente pelos cabarês, dos quais existiam várias categorias: pequenos locais para se beber e se consumir refeições ligeiras; verdadeiros hotéis-restaurantes, como em Ostia ou em Pompéia; cafês-jardins, como os que existiam em um local privilegiado de vilegiatura, a Baía de Nápoles.

Jean-Marie André observa que o repasto romano, etimologicamente, significa "comunidade vivida", e não comunidade de comilança e de bebedeira (convivium, o repasto, e não compositio e concenatio). Tradicionalmente, as refeições com convidados eram acompanhadas por música e dança, herança etrusca, assim como uma forte influência na culinária.

Os romanos da era republicana eram adeptos da leitura, a partir da descoberta da cultura grega nas regiões italianas anteriormente colonizadas pelos helenos, principalmente a Sicília, depois do final do século III A.C.; as guerras com os gregos e com a Macedônia conduzem a Roma ricas bibliotecas dos vencidos, juntamente com os escravos-pedagogos e os escravos-filósofos. Expande-se em Roma, por meio dessas duas vertentes, a cultura grega, e a leitura se torna corrente e valorizada entre os cidadãos romanos cultivados, os quais apreciam igualmente a contemplação das obras de arte. Surge uma literatura profissional, que engloba poetas, autores teatrais de tragédias e comédias.

Finalmente, ainda na época republicana, eram muito conhecidos e praticados os jogos de sociedade, herdados principalmente da Grécia, e transmitidos para as famílias romanas, de modo geral, pelos preceptores dos seus filhos.

Alguns desses jogos são praticados por grupos mistos, adultos e crianças, como o micatio, um jogo de adivinhação e aposta: cada um dos dois jogadores tenta adivinhar o número de dedos da mão direita levantados pelo outro; um jogo com nozes, que consiste

em adivinhar o número de nozes, par ou ímpar, que o outro esconde na mão; e outros mais, a maioria envolvendo dinheiro.

Os cenários para os jogos são os mais variados possíveis: em público, nas residências, nos fundos dos albergues e cabarês.

Os romanos tinham uma tábua de jogo, a tabula lusoria, que servia, como na época helenística, de plano de jogo; e que podia ser arranjada em tabuleiro, com 12 raias e 24 casas. No jogo das doze casas, eram utilizados 15 piões brancos e 15 pretos, que deviam progredir da 1ª à 24ª casa, de acordo com o que apontassem os dados lançados.

Mas é o Império Romano que finalmente institucionaliza o lazer, de tal forma que Jean-Marie André se refere ao mesmo como "um sistema mundial dos lazeres" (página 63, capítulo III).

Jérôme Carcopino sintetiza o regime do lazer conforme estabelecido pelo Império: "todos conhecem a tirada fulminante de Juvenal contra os seus contemporâneos - o povo que não desejava mais do que duas coisas no mundo: o pão e os jogos. Ou, em latim, panem et circensis.

A invectiva do poeta reflete a objetiva realidade histórica. No período do Império, os Césares se encarregavam de nutrir e de distrair o povo romano. Por suas distribuições mensais do Pórtico de Minucius, os imperadores lhe asseguravam o pão cotidiano. Pelas representações e espetáculos que lhe ofereciam em suas diversas instalações, religiosas ou laicas, no Fórum, nos teatros, no estádio, no anfiteatro, nas naumaquias (representações de combates navais; locais para as mesmas), os imperadores (e o Estado Romano) preenchiavam e disciplinavam o seu lazer, o mantinham perpetuamente em expectativa pelos divertimentos renovados sem cessar, e mesmo nos anos mais pobres onde os problemas de sua tesouraria os obrigava a conter os seus esbanjamentos, se engenhavam a lhe oferecer mais festas ainda, que nenhum povo, em nenhuma época, em nenhum outro país, viu novamente na mesma proporção.

Os calendários romanos são repletos de dias de festas e de celebrações, de caráter religioso, de finalidades públicas, determinados por tradições e também pelas estações do ano e respectivas mudanças climáticas e de modo de vida (o tempo natural da existência - determinando comportamento e ritmos de vida). Somente em feriados públicos - *feriae publicae* - cuja tradição se perde nas origens latinas e republicanas e que se perpetuaram no Império, os romanos celebravam 45 (quarenta e cinco) por ano.

Estudando as diversas épocas imperiais, e os respectivos dias de celebração de grandes eventos - conquistas de novos territórios, campanhas militares e suas vitórias, nascimentos de filhos dos

imperadores, aniversários dos príncipes, etc., e os feriados fixos nos calendários, os historiadores chegaram a um mínimo de 182 (cento e oitenta e dois) dias feriados por ano, total portanto maior do que na época republicana (175). A esse mínimo devem ser acrescentados outros feriados variáveis de acordo com os acontecimentos de cada ano, as festas campestres incorporadas pela cidade, as festas religiosas dos deuses de outros povos participantes do Império, os festejos das corporações de ofícios, as celebrações militares, além dos feriados e festas determinados pela vontade ou pelo capricho do próprio imperador.

Para reflexão, essa quantidade de dias feriados aparece como a consequência inevitável da evolução política e social que levou os senhores do império a se servir, ampliando-as, das festas que a religião havia introduzido outrora em Roma, para consolidar a sua dominação sobre as massas populares. Na origem dos feriados romanos da época imperial se encontra a religião, em combinação com usos ancestrais impregnados de tradições da época inicial de República. Tanto pelas lutas como pelas corridas, pelas representações dramáticas como pelos desfiles triunfais, procurava-se não somente alegrar os deuses, como também captar a sua energia momentaneamente incarnada no magistrado triunfante, nos atores dos dramas e nos vencedores das competições.

Progressivamente secularizando os jogos, o comportamento do povo nos jogos passou a obedecer não a uma liturgia religiosa, mas a um código de comportamento social. As homenagens eram feitas não apenas aos deuses, mas aos imperadores passados e presentes.

As novas crenças haviam relegado a segundo plano a antiga religião romana, e o respeito popular ocorria mais por costume do que por conhecimento. Se acontecia de uma fé viva fazer bater o coração dos espectadores, era a da astrologia, graças à qual eles contemplavam com admiração: na arena, a imagem da terra; no fosso que a delimitava, o símbolo dos mares; no obelisco implantado no terraço central, o emblema do sol surgindo no cume dos céus; nas doze portas de acesso, as constelações do Zodíaco; nas sete voltas da pista, o vagar dos sete planetas e os sete dias da semana, no circo propriamente, uma projeção do Universo e uma síntese do seu destino. E se um entusiasmo levantava o espírito do público, era aquele que provocava, no cortejo preliminar, a visão em esculturas dos bons imperadores passados, e, simultaneamente em seu camarote, em carne e osso, do excelente imperador vivo, graças ao qual ocorriam as representações em tal quantidade e com tanto brilho. Entre a multidão e o príncipe, elas estabeleciam o contato salutar que o impedia de se fechar em um perigoso isolamento, ~~e ela,~~ de desconhecer a augusta presença do César.

Como dizia Plínio o Jovem, o imenso público tinha não apenas a felicidade de ver o seu imperador em pessoa no meio do seu povo, mas de se aproximar do mesmo durante as peripécias da corrida, do combate de gladiadores ou do drama, partilhando suas emoções, seus desejos, seus temores e suas alegrias. Assim a autoridade se distendia, na familiaridade dos sentimentos comuns, e, ao mesmo tempo, se retemperava nas vagas de popularidade que a envolviam. E, em um tempo no qual se calavam os comícios, onde o Senado recitava as lições que lhe haviam sido transmitidas, era somente nessas ocasiões que a opinião pública podia se manifestar e ganhar algum tipo de influência. Uma vez formada essa opinião, os imperadores procuravam canalizá-la e dirigi-la, projetando sobre a multidão a responsabilidade de sanções que eles queriam aplicar mas aparentando ao mesmo tempo que o seu rigor havia sido determinado pelo povo.

É assim que os espetáculos, sem fazer parte integrante do regime imperial, sustentavam sua estrutura, e, sem se incorporar à religião imperial, alimentavam ainda o que podia existir de fé e de crença. Isso não é tudo: os espetáculos, no regime autocrata dos imperadores romanos, auxiliavam a evitar as revoluções. Em Roma, onde as massas compreendiam 150.000 desocupados mantidos pelo socorro da Assistência Pública, e talvez a mesma quantidade de trabalhadores que, ao longo do ano, não tinham mais nada a fazer todos os dias, após as doze horas aproximadamente (de acordo com a divisão temporal do dia romano), e aos quais no entanto era negado o direito de participar das atividades políticas, os espetáculos ocupavam o seu tempo, cativavam as suas paixões, reorientavam os seus instintos, derivavam as suas atividades. Um povo que se enfastia está amadurecendo para a revolta. Os Césares não deixavam o povo nem passar fome nem se esfastiar. Os espetáculos foram a grande diversão para a desocupação dos seus súditos, e, em consequência, o instrumento seguro do seu absolutismo. Empregando neles recursos fabulosos, e rodeando-os dos seus cuidados, eles providenciaram sabiamente a segurança do seu poder.

Dion Cassius conta que Augusto, tendo um dia repreendido o pantomimo por aborrecer Roma pelo barulho que provocava com suas rivalidades e suas disputas, escutou a seguinte resposta ousada: é do teu interesse, César, que o povo se interesse por nós.

A exceção de Tibério, todos os imperadores rivalizaram de prodigalidade para preencher o programa dos jogos tradicionais, estendê-los até o fim da noite, dobrá-los por uma infinidade de espetáculos fora de série.

Esses programas se tornaram extremamente dispendiosos, e os mais sábios dos imperadores procederam da mesma forma que os piores dentre eles. Assim Trajano, o *optimus princeps*, considerado um dos mais sensatos dos governantes romanos: segundo Dion Cassius, sua sabedoria nunca deixou de prestar atenção às vedetes da encenação, do circo e da arena, por que ele sabia muito bem que a excelência de um governo não se revela menos no cuidado com o divertimento público do que na atenção às questões sérias, e, se as distribuições de trigo e de dinheiros satisfazem os indivíduos, são necessários espetáculos para o contentamento do povo em massa.

A política dos Césares procurando distrair cada vez mais os seus governados, se incluía na necessidade que rege os governos de massa. E a adoção dessa política garantiu o seu sucesso na manutenção da estabilidade do Império, fundamentando o seu processo civilizatório" (20).

A principal consequência, para o lazer, é resumida por Jean-Marie André, à página 63 da obra citada: "É sob o Império, que dá ao mundo romano sua unidade política e cultural, que se escava definitivamente o fosso entre os lazeres de massa, regidos por uma organização social, e o lazer individual, objeto de uma procura refletida. O poder imperial organiza os espetáculos, empiricamente. A função política abolida, os espaços cívicos se encontram metamorfoseados em função e espaço sócio-culturais. A capital e as capitais do Império se tornam centros de atividades panegíricas, e de decisão coletiva. A arquitetura recebe a marca do lazer coletivo (pórticos multiplicados, anfiteatros, termas); ela se modela, tanto no palácio oficial como na vila, sobre os novos relacionamentos entre atividade e lazer. O urbanismo se torna um urbanismo do passeio. A louvação política sela a unidade do povo e do Império pela uniformização dos lazeres: Roma exporta para o Oriente helenizado os jogos com gladiadores, enquanto integra definitivamente o atletismo grego. O Império assegura a coabitação durante cerca de cinco séculos da Monarquia, da República das Letras e da civilização dos lazeres" (21).

(20) CARCOPINO, Jérôme, "La vie quotidienne à Rome à l'apogée de l'Empire", Paris, Librairie Hachette, 1939, páginas 294 a 308, resumo traduzido e adaptado por Luiz Wilson Pina.

(21) ANDRÉ, Jean-Marie, op.cit., páginas 63 e 64.

Em primeiro lugar, os imperadores transformaram a cidade de Roma em um imenso cenário de exposição permanente de obras de arte. Agrippa e Vitrúvio, no tempo de Octávio Augusto, procuraram fazer uma Roma de passeio e de exposição artística permanente, e consideravam a magnificência como atributo da arquitetura pública. Segundo Plínio, a contemplação de obras de arte requer a ociosidade e o silêncio. O bairro do Campo de Marte, com seus pórticos, jardins, termas, repletos de estátuas, representa muito bem esses conceitos. As obras de arte gregas, troféus das guerras vitoriosas e das conquistas, faziam parte de um conjunto, onde a arquitetura era de criação romana, mesmo se influenciada pelos helenos. E os jardins eram abertos ao público, justamente para tornar as caminhadas e os passeios "edificantes".

"Vitrúvio definiu um urbanismo onde os pórticos, na proximidade dos templos e dos teatros, desempenhavam um papel de distensão, relaxamento e passeio (Arch., V.p). A vegetação, que regenera a vista fatigada dos cidadãos, era ali essencial. E os passeios públicos não operavam a mesma mistura social que os bulevares modernos, ou que os próprios espetáculos antigos; o Aventino, por exemplo, era um local de passeio exclusivo das pessoas consideradas mais distintas"<sup>(22)</sup>.

Porém o que mais chama a atenção entre os lazers romanos é o grande espetáculo, os "jogos". Jérôme Carcopino os descreve, dentro dos seus respectivos cenários: "Os jogos por excelência eram aqueles do circo: circenses (em latim). Eles não são concebidos jamais fora dos edifícios dos quais têm o nome e que, construídos expressamente para esses jogos, apresentam dimensões variáveis sobre o plano uniforme de um longo retângulo com os cantos em semicírculos. O circo de Flaminium, de 221 A.C., no local onde hoje se ergue o Palácio Caetani, era delineado por dois eixos de 260 e de 400 metros; o circo de Gaius, elevado por Calígula no Vaticano, tinha 180 metros de comprimento por 90 metros de largura, e seu obelisco central ornamenta hoje a praça de São Pedro. E o Circo Máximo, ou Circus Maximus, cuja construção aproveitou o próprio relevo natural, em uma depressão entre o Palatino e o Aventino, tem o seu local utilizado atualmente para as exposições e para espetáculos da Roma contemporânea. Originalmente, os espectadores ocupavam os flancos das duas colinas limítrofes, e a pista era no fundo da depressão, formada pelo vale Murcia. As primeiras cocheiras e estrebarias,

(22) ANDRÉ, Jean-Marie, op.cit., página 65.

na verdade simples barracões desmontáveis, foram erguidos a partir de 329 A.C., e a sua grandeza monumental, da qual a Arqueologia encontrou não mais do que vestígios, lhe foi conferida entre o último século antes e o primeiro século de nossa era. Com 600 metros de comprimento e 200 metros de largura, podia, em seus três blocos de arquibancadas, o de baixo com assento em pedra, o segundo com assentos em madeira, e o terceiro com lugares em pé, reunir, segundo os cronistas da época, cerca de 350.000 espectadores, dos quais 250.000 sentados. Continha, além das dependências para os concorrentes, seus equipamentos e seus animais de corrida, as estrebarias e os depósitos, e também lojas para astrólogos, pasteleiros, e outros negócios da época.

Ao mesmo tempo que aumentavam as dimensões do circo, ampliava-se também o programa dos jogos, dos ludi. A corrida comportava obrigatoriamente sete voltas da pista. Mas o número de corridas por dia foi aumentando com o tempo, 12 na época de Augusto, 34 sob Calígula, 100 no tempo dos Flávios (quando então Domiciano reduziu cada corrida para cinco voltas). Também os ludi de um dia foram sucedidos por semanas e por quinzenas de jogos. Alterou-se igualmente o conteúdo dos jogos. Às simples corridas foram acrescentadas inúmeras variedades: acrobacias, como saltar de um cavalo para outro; ajoelhar-se sobre a montaria; apanhar uma peça de tecido no chão sem descer do cavalo.

As corridas de carro se diversificavam: bigas, com dois cavalos; trigas e quadrigas, com três e quatro animais; e até mesmo corridas de carros puxafos por dez cavalos. Cada corrida fazia-se ressaltar pela solenidade do seu início e pela apresentação do seu aparato. A saída era dada ao som de trombeta pelo consul, pelo pretor ou pelo edil que presidia aos jogos, atirando um guardanapo branco na arena. Luxuosamente paramentado, com uma pesada coroa de folhas de ouro, esse personagem tinha a seus pés os carros concorrentes, alinhados impecavelmente, em uma ordem determinada por sorteio. Cada um deles representava com honra uma estrebaria, ou factiones, entre as quais eram distribuídos, e que haviam sido fundadas para subvencionar as grandes despesas necessárias para a seleção e o treinamento dos concorrentes, homens e animais, e para receber, a título de remuneração mais ou menos compensadora, os prêmios pagos aos vencedores pelos magistrados que presidiam aos jogos e frequentemente aumentados pela generosidade do príncipe. Se é duvidoso que as proporções da pista tenham permitido um alinhamento cômodo de mais de quatro quadrigas por vez, é certo que não existiam mais do que quatro factiones, geralmente associadas duas a duas; de um lado



os Brancos (factio albata) e os Verdes (factio prasina); e, do outro, os Azuis (factio veneta) e os Vermelhos (factio russata). Cada um, além dos condutores, disputados a preço de ouro, utilizava os serviços de um pessoal numeroso, de tratadores e de treinadores (doctores et magistri), de veterinários (medieci), de alfaiates (sarcinadores), de seleiros (sellari), de guardas de estrebaria (conditores), de palafreiros (succonditores), e dos tubilatores, que tinham por missão provocar o ânimo competitivo dos participantes com seus gritos e aclamações.

Para início da prova, cada condutor (auriga), vestido com a cor de sua factio, atraía a curiosidade e os prognósticos da multidão. Esses intervalos entre as corridas, e toda a excitação que as precedia, serviram para Ovídio aconselhar aos seus discípulos na arte do amor a frequentar o circo, onde surgiam as ocasiões interessantes para suas iniciativas.

Condutores e animais se tornavam famosos e conhecidos na cidade de Roma, e de Roma para o Império. Os condutores, na sua maioria, eram escravos, que se libertavam graças aos seus sucessos nas corridas, e muitos enriqueciam, pois recebiam donativos dos magistrados ou do Imperador, além de salários exorbitantes que exigiam dos proprietários das factionum, para não abandoná-las por outra que lhes pagassem mais.

No final do primeiro século, e na primeira metade do segundo século depois de Cristo, Roma se orgulhava da presença desses auriga de elite, chamados miliarii por terem ganho mais de 1.000 vezes o prêmio das corridas. Os historiadores os comparavam aos melhores jôqueis de Epsom (Inglaterra) no final do século XIX, embora os condutores romanos os superassem em prestígio em sua respectiva sociedade.

A extraordinária consideração que os condutores tinham em Roma se explica evidentemente por suas qualidades e desempenho, pelo duro e precoce treinamento ao qual haviam sido submetidos e pelos perigos inerentes à sua atividade, onde muitos sucumbiram jovens.

A violência dos sentimentos que eles inspiravam a todo um povo tinha origem entretanto em fontes menos puras: a paixão do jogo, exercido durante as corridas e onde os jôqueis motivavam as apostas. A vitória de uma equipagem (condutor e cavalos) provocava o enriquecimento de alguns e o empobrecimento de outros; e a atração do ganho em jogo era tanto maior sobre a multidão romana por ser a mesma composta em grande parte por desocupados.

Para acalmar a multidão, e consolar os perdedores, era servido um banquete, ao final do espetáculo, e durante o mesmo, eram distribuídos prêmios e guloseimas, atirados sobre os espectadores.

Os próprios imperadores participavam dessas paixões, e Vitélio por exemplo mandou executar os adversários dos seus preferidos, os Azuis, enquanto Caracala condenou à morte os condutores dos Verdes. Os mais sábios dentre os imperadores não participaram desses exageros, mas souberam aproveitar muito bem a submissão dos seus súditos aos jogos. Que funcionavam eficientemente como um derivativo às necessidades de agitação que existem nas massas populares, e as facções substituíam os partidos políticos, como objeto de preferência popular, o Circo substituindo o Forum. O regime imperial soube eficazmente utilizar tudo isso para facilitar o estabelecimento da paz pública e garantir a sua estabilidade institucional" (23).

Os jogos circenses não eram os únicos espetáculos da Roma Imperial: existiam também os triunfos, para comemorar vitórias e conquistas, e até mesmo em ocasiões diversas foram comemoradas vitórias fictícias de alguns imperadores (Cláudio, Domiciano); festas sob muitos pretextos, durante as quais ocorriam jogos diversos; inaugurações de monumentos, como por exemplo do Teatro de Marcellus e do Coliseu, este em 80 D.C., quando os festejos duraram cem dias.

A organização dos lazeres, segundo Jean-Marie André, é justificada de modo explícito por Fronton, preceptor de Marco Aurélio, na obra Principia Historiae: Trajano, organizando o teatro para os exércitos, aplicava os princípios tirados da mais alta sabedoria política. Essa doutrina se embasa na consciência do fato de que se controla o povo romano essencialmente por duas coisas, o abastecimento e os espetáculos. Mais grave: o poder obtém a aprovação tanto pelos divertimentos quanto pelas realizações sérias; negligenciar as realizações sérias é mais prejudicial, negligenciar os divertimentos é mais impopular" (24).

Mas, além dos circenses, existiam outros tipos de ludi: munera, venationes, scaenici. Estes últimos, os jogos cênicos, são também descritos por Jérôme Carcopino: "de acordo com alguns eruditos, os grandes jogos cíclicos teriam compreendido sob a República mais representações cênicas do que corridas. Mas, embora tal afirmação seja muito difícil de ser comprovada, essa proporção seguramente se reverteu durante a época imperial. Os circenses superavam as tragédias, as comédias e seus sucedâneos.

Plínio o Jovem deplora a importância que atribuem às corridas não apenas a população em geral, mas as pessoas que se acreditam distintas e que se dizem sérias: quando eu penso nessa diversão fútil, tola, monótona, que os prende no seu lugar, jamais satisfeitos, sinto uma certa alegria

(23) CARCOPINO, Jérôme, op.cit., da página 308 à página 321, resumo traduzido e adaptado por Luiz Wilson Pina;

(24) ANDRÉ, Jean-Marie, op.cit., página 72.

por não experimentar essa outra alegria. Se, em sua época, as corridas haviam assim conquistado a elite, pode-se imaginar sem dificuldade a atração que as mesmas exerciam sobre os homens da rua, cuja ambição comum era de conservar a renda suficiente para se oferecer a propriedade de dois escravos robustos, os quais o carregando sobre as suas nuças, lhe permitiriam, até o fim de sua vida, de tomar lugar sem perigo no circo em tumulto. E Trajano seguramente interpretou o desejo da maior parte dos seus súditos, quando no ano 112 lhes ofereceu jogos extras, e lhes pagou o circo por trinta dias em seguida, e o teatro somente durante uma quinzena consecutiva. Acrescente-se entretanto que essas representações teatrais foram dadas sobre três palcos simultaneamente. Mas, por maiores que fossem, os três teatros de Roma somados tinha aproximadamente um quinto da capacidade do Circus Maximus.

O semicírculo do teatro de Pompéia, erigido em 55 A.C. a nordeste do Circo Flaminius, continha 27.000 lugares para espectadores sentados; o semicírculo do teatro de Balbus, traçado em 13 A.C., sob o atual Monte dei Cenci, compreendia 7.700 lugares sentados; finalmente, concebido pelos arquitetos de Júlio César, terminado pelos arquitetos de Augusto em 11 A.C., o semicírculo do teatro de Marcellus, que coroa hoje o Palácio Sermoneta, tinha 14.000 lugares sentados. Esses números, se pequenos comparados com os do Circo Máximo, são impressionantes quando confrontados com os maiores teatros do mundo contemporâneo, como por exemplo os 3.600 lugares do Scala de Milão. O menor dos teatros de Roma tinha uma capacidade superior à dos maiores teatros norte-americanos atuais, e somente considerando as suas dimensões vê-se que, mesmo sendo menos imperiosa entre os romanos do que a paixão pelas corridas, a representação teatral os atraía muito. Para satisfazer essa preferência, os governantes romanos inspiraram ou financiaram a construção de teatros em pedra, no entanto mais onerosos ainda pois a estação entre os jogos Megalenses e os jogos Plebei durava apenas de abril a novembro, e mesmo durante esse período reduzido as representações tinha lugar em um certo número de dias. Mesmo declinando, essa preferência somente terminou após o Império, e para ilustrar como exemplo, o Teatro de Pompéia foi restaurado sob Domiciano, sob Diocleciano, sob Honório, e pela última vez pelo próprio rei ostrogodo Teodorico, um dos chefes bárbaros a conquistar Roma, entre 507 e 511 de nossa era.

À primeira vista, há a tentação de se louvar nessa persistência a vocação do povo romano pela arte dramática, ilustrada pelos nomes de Plauto e Terêncio. Mas na realidade, o que se passou entre os atenienses repetiu-se com os romanos, e quando Roma começou a construir teatros permanentes, e que o mundo que ela regia se cobriu,

à sua imagem, desses edifícios semelhantes aos seus, nos quais a amplitude opulenta e o traçado perfeito nos impressionam fortemente, a arte dramática à qual estavam destinados decaía, como se existisse incompatibilidade entre a sua sobrevivência e os eventos de massa. As últimas tragédias compostas são do reino de Augusto (como a Medéia de Ovídio), e não se conhecem novas comédias a partir do reino de Cláudio. Desde o tempo de Nero, os letrados que compuseram obras dramáticas se contentaram em lê-las, como Sêneca fez com as suas tragédias, nas auditoria, diante de outros letrados como eles. Desde o final do primeiro século antes de nossa era, o teatro subsistiu à base do antigo repertório.

E o teatro romano sucumbiu sob a forma clássica que havia adotado, se mantendo somente graças a subvenções cada vez mais pesadas, e se sustentando graças a transformações radicais que dele expulsaram a literatura: a evolução da tragédia, cuja representação redundou finalmente em figuras de balé, com acompanhamento musical, por instrumentos e vozes; e a pantomima, com os mímicos criando segundas naturezas com as suas fantasias, e subordinando o canto à mímica, e traduzindo os sentimentos por seus passos, sua dança, suas atitudes e seus gestos.

E finalmente, os grandes mímicos, que interpretavam as obras teatrais, foram progressivamente substituídos por atores que adaptavam às suas técnicas os temas que haviam escolhido, onde as palavras deixavam de ter importância, como as legendas de muitos filmes atuais. Na composição das mímicas romanas, entravam os mesmos ingredientes que vemos hoje nos filmes de segunda categoria: se de ação ou aventura, mortes, perseguições, prisões movimentadas, catástrofes grandiosas, salvamentos miraculosos, em um enredo mais ou menos estruturado, ou então frouxo e banal; se de amor ou psicológicos, os idílios langorosos, as paixões banalizadas, romances ou casamentos arranjados para cobertura das manobras adúlteras, o sentimentalismo vulgar. E, para escândalo dos moralistas, a mesma nudez em cena. Assim, o teatro romano terminou por valorizar a perfeição dos seus meios e dos seus efeitos. E aproximou-se da vulgarização das matanças cruéis dos anfiteatros, trabalhando mais com os instintos do público do que com os seus sentimentos.

É difícil compreender a aberração, mancha sobre uma civilização cujas realizações ainda hoje nos impressionam, na qual tombou o povo romano quando transformou os antigos sacrifícios rituais religiosos em uma festa cruel, celebrada alegremente por toda a cidade, e quando entre todos os prazeres que lhe eram oferecidos preferiu a matança de seres humanos, entre si e por animais ferozes.

Os próprios magistrados transformaram essas matanças em meios de conquistar os votos dos seus eleitores, a tal ponto que o Senado, em 63 A.C., aprovou uma lei cassando a eleição de magistrados que tivessem financiado esse tipo de jogos durante os dois anos anteriores ao escrutínio.

Mas os imperadores os utilizaram intensamente, e alimentando o gosto da multidão pelos jogos mortais da arena, neles forjaram o mais seguro e ao mesmo tempo o mais sinistro dos seus instrumentos de reinado e poder.

Pelos decretos de Augusto, os munera, ou seja, os jogos sangrentos de origem sacrificial e religiosa, tornaram-se tão oficiais e obrigatórios quanto os jogos do Teatro e do Circo. E o Império os dotou de grandiosos edifícios especialmente apropriados à sua destinação, e cuja forma nos parece hoje como uma criação nova e possante da arquitetura imperial: os anfiteatros.

A engenhosidade da idéia de Curion, partidário de César, em 52 ou 53 A.C., ao construir dois teatros em madeira muito espaçosos e montados sobre pivôs, voltados para dois lados extremos opostos, permitia que neles fossem realizados jogos cênicos, pela manhã, sem que o rumor de uma das representações não atrapalhasse a outra, e que após o meio-dia, girando sobre os pivôs, os dois semicírculos formavam um único oval, e as paredes dos seus palcos removidas davam lugar a uma única arena, onde então eram desenvolvidos os munera. Essa separação dos horários, aliás, já dá idéia do caminho que tomavam as preferências do público, visto que à tarde era muito maior a quantidade de cidadãos com o seu tempo liberado.

Os escritores da era de Augusto criaram a palavra latina para designar esse novo gênero de monumento: amphitheatrum. E o mesmo imperador o realizou permanentemente, em pedra. Edificado primeiramente por um seu familiar, C. Statilius Taurus, em 29 A.C., destruído por um incêndio em 64 D.C., e concluído em 80 D.C., é o anfiteatro Flaviano, mais conhecido como Coliseu.

O imperador Augusto completou esse anfiteatro por uma naumaquia, em forma de elipse com eixos de 556 e 537 metros, destinada a combates navais, com uma ilha artificial no meio da área coberta de água. E Trajano construiu, para satisfazer o público, o anfiteatro Castrense, e mais uma naumaquia, a naumaquia Vaticana, ambos inexistentes atualmente.

Talhado em mármore travertino compacto e duro, cujos blocos extraídos perto de Tivoli foram levados até Roma por uma estrada de 6 metros de largura construída expressamente, o Coliseu forma, sobre dois eixos de 188 e 156 metros, um oval bem arredondado com 527 metros de curva, e ergue os quatro andares de suas muralhas à altura de 57 metros. Os três primeiros suportam três fileiras de arcadas, guarnecidas primitivamente por estátuas, que se diferem entre si pelas ordens das colunas dos seus pilares: dóricas, jônicas, coríntias. O quarto andar consiste em uma parede com janelas para o exterior, e cujas pilastras sustentavam a cobertura de tecido instalada nos

dias de sol mais forte, para abrigar os combatentes da arena e os espectadores. A capacidade do Coliseu era de 45.000 pessoas sentadas e 5.000 em pé, com vias de acesso e de escoamento engenhosamente estabelecidas. Para os mais abastados, existiam assentos em mármore, em um local especial denominado podium, com visão privilegiada da arena. Também com visão privilegiada dos espetáculos, localizavam-se os camarotes: do imperador e da família imperial, do lado Norte, do prefeito da cidade e dos magistrados, do lado Sul.

A arena tinha 86 metros de comprimento por 54 metros de largura, e era rodeada por uma grade metálica, distante 4 metros do bloco sobre o qual estava instalado o podium. Essa grade destinava-se a proteger o público das feras que eram soltas na arena. Enquanto os gladiadores entravam por uma das arcadas do grande eixo da construção, as feras eram alojadas previamente no sub-solo. Esse sub-solo, em efeito, após ter sido dotado de canalizações que permitiram no ano de 80 D.C. de inundar a arena rapidamente, para transformar o anfiteatro em naumaquia, era provido de celas em alvenaria onde eram trancadas as feras, antes dos espetáculos. Um sistema de planos inclinados e de monta-cargas permitia o seu acesso à arena.

Quanto aos espetáculos realizados no anfiteatro, já são sobejamente conhecidos dos contemporâneos: combates de gladiadores, entre si, ou então contra condenados de direito comum; combates entre feras; gladiadores contra animais selvagens; de condenados contra feras; exibições de animais com habilidades adquiridas em treinamento; e pela manhã, combates mortais entre condenados, dos quais não deveria sobreviver nenhum. Nas naumaquias eram realizados os combates navais, que atraíam igualmente grande público. Os gladiadores, em geral escravos, eram treinados pelos lanistas, fora de Roma. As vezes, eram cidadãos livres, que se alugavam aos lanistas. Em Roma, o próprio imperador empresariava os combatentes, por intermédio dos seus procuradores.

Esses jogos sangrentos se disseminavam pelo Império, principalmente nas cidades da Península Italiana, mas se concentravam evidentemente na Capital. Quando Tito reinaugurou o Coliseu, em 80 D.C., foram mortos na arena 5.000 feras em um só dia de jogos.

A dimensão desses espetáculos, e sua presença na vida dos cidadãos de Roma, podem ser exemplificadas pelos jogos oferecidos por Trajano em 109 D.C., quando, em 117 dias consecutivos, de 7 de julho a 19 de novembro, combateram 4.912 pares de gladiadores, dos quais os sobreviventes receberam do imperador o dom de sua liberdade.

No horário matinal, o anfiteatro era destinado ao suplício dos condenados, deixados na arena diante das feras famintas de suas gaiolas;

desses condenados fizeram parte, por muitos anos, os cristãos, ao sabor da tolerância, generosidade e interesses políticos dos imperadores.

Esses jogos deploráveis evidentemente provocaram reações contrárias entre os mais humanos ou mais esclarecidos. Augusto, por exemplo, tentou aclimatar em Roma os Jogos Gregos, onde as lutas e disputas atléticas, concebidas como os modernos esportes, fortaleciam o corpo ao invés de aniquilá-lo, e cujos programas concediam a sua parte ao espírito. Domiciano, na mesma tentativa, construiu um estádio especial, o Circus Agonalis, onde é hoje a Piazza Navona, para os jogos denominados Agon Capitolinus, cujos prêmios, concedidos pelo imperador, recompensavam alternativas entre a corrida a pé e a eloquência, o pugilato e a poesia latina, o lançamento do disco e a poesia grega, o lançamento do dardo e a música. Para os exercícios "espirituais" desses jogos, fez edificar o Odeon, cujas ruínas se escondem hoje sob o Palácio Taverna. No seu reinado, os jogos gregos, sustentados por suas concessões, conheceram uma voga efêmera. Mas não conseguiram concorrer com os jogos sangrentos. O Agon Capitolinus ocorria uma vez a cada quatro anos, e o Circus Agonalis tinha 15.000 lugares e o Odeon 5.000, destinados portanto a um público restrito, comparativamente ao Coliseu. E esses jogos nunca foram muito populares, para a plebe, nem interessantes, para as elites. E enquanto as arenas se espalharam por todo o Império, até mesmo nas províncias do Norte da África, os jogos gregos se mantiveram apenas na própria Grécia, principalmente na Ática, e na Itália em Nápoles.

Alguns imperadores tentaram humanizar os jogos, e Marco Aurélio reduziu os seus orçamentos, mas após o seu reinado, os romanos abandonaram o palco pelo anfiteatro. A partir do segundo século da nossa era, nas províncias, e principalmente na Gália e na Macedônia, os arquitetos dos teatros modificaram suas estruturas, para que pudessem ser utilizados para combates de gladiadores e combates com feras.

Os dramas negros, isto é, as representações trágicas mais fortes e mais cruéis, foram transferidos para o Coliseu; nessas representações, os personagens condenados à morte eram realmente executados, ou sofriam suplícios reais.

Os palcos em más condições não foram mais recuperados, e após o ano de 235 D.C., o teatro Marcellus foi abandonado.

Foi necessária a conversão dos romanos ao cristianismo para que essa preferência pelos jogos sangrentos se reduzisse. Se as corridas no circo continuaram, as matanças na arena cessaram por obra dos imperadores convertidos. No fim do quarto século da nossa era, eles não

existiam mais no Império Romano do Oriente, capital Constantinopla, e a partir de 404 D.C. foram prescritos também no Império Romano do Ocidente, sede Roma" (25).

Aspecto importante dos jogos e dos espetáculos na época do Império Romano: de modo geral, se disseminaram pelas províncias do Império, sendo realizados às expensas das municipalidades, que recorriam muitas vezes ao auxílio financeiro dos imperadores. Como resultado prático, disseminaram-se também pelas regiões do Império as arenas, anfiteatros e teatros, e destes últimos ainda existem muitos remanescentes.

Os lazeres dos romanos não se resumiam aos espetáculos e jogos.

Jérôme Carcopino descreve igualmente outros tipos de atividades:

"Nos dias sem espetáculos oferecidos pelo imperador ou pelos magistrados, os romanos utilizavam a sua tarde para passar, jogar, e para os exercícios físicos e o banho."

As ruas da Roma Imperial estavam sempre cheias, durante o dia, e ofereciam ao passante um espetáculo vivo e interessante, reunindo pessoas oriundas dos países e dos povos que constituíam o imenso Império.

Nas galerias, nos jardins dos imperadores, deixados abertos à visitação do público, na esplanada do Campo de Marte, com suas galerias, que abrigavam do sol e da chuva, galerias essas que compreendiam em seus perímetros áreas de templos, pátios interiores cheios de folhagens, paredes decoradas com afrescos, estátuas entre as colunas e nos pátios, obras de arte trazidas geralmente dos territórios conquistados, principalmente da Grécia, os romanos perambulavam ou formavam grupos a conversar ou a observar os passantes. Muitas dessas áreas haviam se transformavam em pontos de encontro, onde faziam ponto os tagarelas e os boateiros.

Quando a tagarelice cansava, intervinham os jogos, pelos quais os romanos eram apaixonados até o exagero; os próprios imperadores haviam tentado refrear essa paixão, mantendo as proibições da era republicana. Mas nada detinha as apostas, sponções, a respeito de qualquer assunto ou tema; o jogo de dados; o já descrito jogo de par ou ímpar, com nozes, pedras ou pequenos ossos, ou o micatio, jogo de par ou ímpar apenas com os dedos da mão; o xadrez romano, o latrunculi, jogo de combinação e de cálculo, com um tabuleiro de 60 casas; o jogo de damas, mais simples, improvisado com riscos no solo ou incisões no pavimento, revelados por graffiti encontrados por arqueólogos no lugar do antigo Forum; o jogo com nozes, seja

(25) CARCOPINO, Jérôme, op.cit., páginas 322 a 362, resumo traduzido e adaptado por Luiz Wilson Pina.

tentando atirar um noz sobre uma pilha sem desmanchá-la, seja acertando com a sua noz as dos adversários, seja tentando atirá-la certeira-mente em um pequeno buraco cavado no chão.

Como em todos os tempos, esses jogos podiam ser praticados inocente-mente, por pura diversão, ou então a dinheiro, o que os tornava viciosos, e provocava brigas e confusões. E os albergues e cabarês tinham pequenos espaços para os jogos, sendo que a legislação romana que determinava para os jogadores a dinheiro a mesma severidade que para os ladrões, não atingia os proprietários desses locais, que assim podiam proteger essa prática.

Mas havia para o povo romano uma outra utilização de sua liberdade, e nas termas que haviam construído, os imperadores lhe haviam preparado uma *recreatio* em toda a força dessa palavra. O nome das termas é grego; mas a realidade que elas representam, associando pela primeira vez a palestra, espaço onde os corpos se relaxam, com os banhos, onde eles se purificam de sua sujeira, é especificamente romana. É um dos mais belos presentes que o regime imperial proporcionou, não somente para a arte, enriquecida por esses monumentos dos quais o tamanho, as proporções, a economia racional nos inspiram uma profunda admiração, mesmo se subsistem apenas em ruínas, mas principalmente para a civilização. Graças às termas, a higiene entrou na ordem do dia, da cidade e da população, e ao alcance das massas; e nos ambientes muito bem cuidados onde eram implantadas, os exercícios e os cuidados corporais se constituíram em um prazer apreciado por todos, e um divertimento acessível aos mais humildes. Desde a metade do terceiro século A.C., os romanos haviam empresta-do dos gregos o uso de implantar uma sala de banho em sua casa da cidade ou em sua vila no campo. Mas esse era um luxo dos ricos, e a austeridade republicana que impedia Catão o Censor de se banhar na presença do seu filho se opunha à criação de banhos fora do círculo da família. Mas com o tempo o gosto pela limpeza se mostrou mais forte do que o excesso de pudor. Ao longo do segundo século A.C., banhos públicos, naturalmente distintos para os homens e para as mulheres, apareceram em Roma: os *balneae*, cujo gênero feminino da palavra distingue dos *balnea*, os banhos privados. Benfeitores do povo construíram alguns, outros foram implantados por empreendedores, para tirar proveito das taxas de entrada que cobravam. Em 33 A.C., foram recenseados, e totalizavam, como já visto anteriormente, 170. A partir dessa época continuaram aumentando em número, e se aproximaram de mil. Sua entrada era extremamente barata, e as crianças tinham ingresso livre. O mesmo edil Agrippa, que havia determinado o seu primeiro recenseamento, quis marcar a sua magistradura por



uma liberalidade, e se encarregou do pagamento dos seus ingressos, ao longo do ano de sua edilidade. Pouco depois, fundou as termas que conservam o seu nome, e cuja gratuidade de acesso seria perpétua.

Este foi o princípio de uma revolução que, ligada ao conceito tutelar que o Império formou a respeito do seu papel relativamente às massas, ocorreu tanto na história da arquitetura como na história dos costumes, e que deveria expandir, de acordo com a repetição do seu modelo (a terma), essas construções cuja grandeza progressiva respondeu de reino a reino à afluência crescente das multidões.

Assim cresceram as termas imperiais: no Campo de Marte, as de Nero; em face do Coliseu, as de Tito; no Aventino, e a nordeste das termas de Tito, as de Trajano, sob cujo reino também foi implantado o célebre aqueduto que tem o seu nome (em 22 de junho de 109); as dos Antoninos, ou de Caracala; as de Diocleciano; e finalmente as de Constantino, no Quirinal. As de Diocleciano, com área de treze hectares (130.000 m<sup>2</sup>) e as de Caracala, com 11 hectares (110.000 m<sup>2</sup>) são as melhor conservadas, e deixam maravilhados os turistas que as visitam.

As termas, no seu arranjo típico, reuniam formas de banho as mais diversas: a sudação a seco e o banho propriamente dito, o banho frio e o banho quente, as piscinas e as banheiras. Além disso continham, no enorme quadrilátero delimitado externamente pelos pórticos e galerias com numerosas lojas, jardins e passeios, estádios para exercícios esportivos e salões de repouso, salas de ginástica e os ateliês de massagem, e até mesmo bibliotecas e museus.

Ofereciam aos romanos uma espécie de síntese dos bens que podem fazer a vida bela e feliz.

No centro se erguiam os prédios das termas propriamente ditas. Próximos à sua entrada, ficavam os vestiários onde os banhistas se trocavam. os apodyteria; depois vinha o tepidarium, grande peça abobadada, onde a temperatura era morna, e se interpunha entre o frigidarium, ao norte, e o caldarium, ao sul. O frigidarium, muito vasto para ser coberto, continha uma grande piscina, onde mergulhavam os banhistas. O caldarium, precedido por câmaras (sudatoria, laconica) cuja alta temperatura provocava grande transpiração, formava uma peça circular com uma cúpula, e era clareado pelo sol do meio-dia e da tarde, e aquecido pelos vapores que circulavam entre os suspensurae sub-jacentes ao seu pavimento; era rodeado de pequenas salas onde se podia tomar o banho isoladamente, e rodeava por sua vez um grande recipiente de bronze cuja água era aquecida por um forno colocado embaixo do mesmo. Enfim, esse dispositivo gigantesco era flanqueado de palestras, onde os banhistas, já despídos, podiam se entregar a seus exercícios favoritos. Esse grupo imponente de prédios era rodeado de uma esplanada, refres-

cada por espaços sombreados e por fontes, a qual servia como terreno de jogo, e que era circundada por uma passeio contínuo e mais elevado relativamente à sua superfície. Atrás desse passeio se dispunham as salas de ginástica e os salões de estar e encontro, e as salas de biblioteca e de exposição. Nisso residia a verdadeira originalidade das termas. A cultura física, associada à curiosidade intelectual.

Dessa forma foram vencidos os preconceitos que os romanos alimentavam relativamente aos esportes à moda grega, que ao invés de serem praticados em público para exibição, eram praticados nas termas em complemento aos banhos, dos quais preparavam o efeito benfazejo para o corpo e secundavam o seu resultado, útil para a saúde.

*colunas em que se fazia a prática, ali que o tempo de cuidados pessoais, etc.*  
Assim, o povo romano contraiu, como uma necessidade, o hábito de frequentar as termas todos os dias e ali passar o melhor do seu lazer.

Geralmente, as termas eram abertas aproximadamente às sete horas da manhã, e eram fechadas ao por-do-sol. A princípio, as termas públicas podiam ser frequentadas indiferentemente por homens e mulheres nos mesmos horários, e igualmente sem distinção de idade. As mulheres não apreciavam a frequência ao mesmo tempo que os homens, utilizavam outras termas especialmente previstas para o seu uso exclusivo.

Adriano, entre 117 e 138 D.C., determinou através de decreto que os banhos deveriam ser separados segundo os sexos. Mas, como o plano original das termas não previa essa separação, foram determinados horários diferentes para os homens e para as mulheres. As termas passaram portanto a permanecer abertas mais algumas horas, após o por-do-sol, para equilibrar os horários de frequência.

De acordo com Juvenal, as portas dos anexos das termas eram abertas para o público, sem distinção de sexo, desde a quinta hora do dia (9h29-10h44), segundo o horário moderno, no verão, e 10h31-11h15, no inverno. Na hora seguinte, a sexta, era aberto para as mulheres exclusivamente o prédio central. Na oitava hora, no inverno, ou na nona hora, no verão, era o turno dos homens, que podiam permanecer nas termas por três horas, fechando estas, portanto, na undécima hora no inverno (2h58-3h42), e na duodécimas hora no verão (18h17-19h33).

Ao contrário dos gregos, que se despiam para a prática de esportes, entre os romanos somente a luta atlética previa a disputa dos participantes com o corpo nu, untado com um unguento especial feito de óleo e cêra para proteger a pele, e com uma camada de areia ultra-fina, para dar mais firmeza aos golpes.

Entre as demais práticas físicas, eram praticados diversos jogos com bolas: um denominado trigon, com três jogadores posicionados em triângulo, lançando com uma mão e apanhando com a outra as bolas atiradas de um para o outro sem avisar; com a palma da mão servindo para

rebater a bola, precursor do jeu de paume, francês, que por sua vez deu origem ao tênis; o harpastum, que consistia em uma disputa da posse da bola entre os concorrentes; e outras variedades, como bola ao fundo, bola na parede, As bolas eram cheias ou de areia - harpasta, ou de plumas - paganica, ou então de ar - follis, neste caso servindo para um jogo onde os participantes a disputavam apenas com as mãos. Existia também um tipo de balão de grande formato, cheio de terra ou de farinha, que os jogadores golpeavam com os punhos.

Os halteres eram utilizados tanto pelos homens como pelas mulheres, as quais praticavam muito também as corridas.

Os praticantes desses jogos vestiam uma túnica comum, à moda da época; as mulheres também usavam um tipo de maiô, para os jogos; e existia ainda uma espécie de casaco ou blusa, confeccionada especialmente para os esportes, veste precursora dos atuais agasalhos e camisetas.

O banho deveria obedecer, segundo as recomendações dos romanos, encontradas nos textos da época, à seguinte sequência: após as práticas esportivas, o banhista se despia em um dos vestiários, ou apodyteria, do estabelecimento termal; em seguida, entrava em um dos sudatoria que flanqueavam o caldarium, e ativava a sua transpiração naquela atmosfera aquecida; era o banho a seco; entrava depois no caldarium, com a mesma temperatura elevada, e onde podia molhar-se com água muito quente, e raspar a pele com o strigile, instrumento especial para essa finalidade; assim limpo, parava no tepidarium, local onde a temperatura era mais amena, para fazer a transição, antes de correr para o frigidarium, para mergulhar na água fria da piscina.

Como era evidentemente impossível de se esfregar sozinho com o strigile, os banhistas recorriam ao auxílio dos escravos, para o que pagavam também uma taxa às termas. Os menos abonados recorriam ao auxílio dos amigos e acompanhantes.

Após o banho, muitos permaneciam no recinto das termas, conversando com os amigos e com os tagarelas, nos salões de conversação, ou então iam ler um livro nas bibliotecas, ou ainda iam caminhar no passeio principal das termas, entre as obras de arte que os imperadores ali implantavam. Muitas das obras mais preciosas que hoje ornaram grandes museus ou palácios da Itália foram recuperadas entre as ruínas das termas.

Excessos também ocorriam nas termas, que facilitavam determinados

tipos de prazeres. Alguns exageravam nos banhos, como o imperador Cômodo, que tomava oito por dia. Mas, de modo geral, associando o exercício a diversos tipos de banhos, em um ambiente da melhor qualidade e adornado com magníficas obras de arte, os romanos obtinham um grande bem-estar físico, ao mesmo tempo que se integravam socialmente à sua comunidade, e abriam a mente para as conquistas do espírito. Adquirindo em conjunto o gosto pela limpeza e pelo bem-estar físico, pelos esportes úteis ao melhor condicionamento corporal, e pela cultura desinteressada e livre, os romanos puderam por muitas gerações retardar a sua decadência, e puderam atingir um antigo ideal que havia inspirado a sua evolução, mente sã em corpo sã" (26).

Jean-Marie André conclui que as termas se tornaram verdadeiros "conjuntos sócio-culturais", pelas suas instalações e pelas obras de arte que abrigavam, nos seus nichos e pórticos.

Como no mundo moderno, os lazeres romanos também seguiam modismos; vilegiaturas estereotipadas, conforme a época; determinados tipos de passeios; determinados lazeres intelectuais.

E além dos passeios, os romanos também viajavam muito, pelas regiões do Império. A região preferida é o Egito, pela riqueza cultural de sua antiga civilização. Tinham para isso de superar a longa duração da viagem, e o seu grande desconforto, malgrado a excelência das estradas do Império. As viagens de puro lazer eram também prejudicadas pela dificuldade de hospedagem, sendo as hospedarias do Império consideradas pelos cronistas da época como totalmente desconfortáveis e inseguras. Nessas condições, são as grandes viagens profissionais que dominam, com sua mistura de atividade e de lazer. As pequenas viagens, entretanto, são muito comuns, principalmente quando das vilegiaturas, as visitas às vilas no campo ou nas praias.

Já a caça está principalmente ligada ao lazer "príncipesco"; são os imperadores e suas cortes que a praticam com frequência; os proprietários rurais também a praticam, porém frequentemente com um sentido utilitário, enriquecer a mesa dos banquetes.

E finalmente, os banquetes, a gastronomia, como rito social, tem um lugar importante entre os lazeres romanos. São acompanhados por músicos e dançarinos, saltimbancos e poetas. Seus intermédios tem um função recreativa, e até mesmo cultural.

O "lazer liberal" centralizou seu interesse na eloquência e na erudição, nos banquetes e nas reuniões das pessoas mais cultivadas.

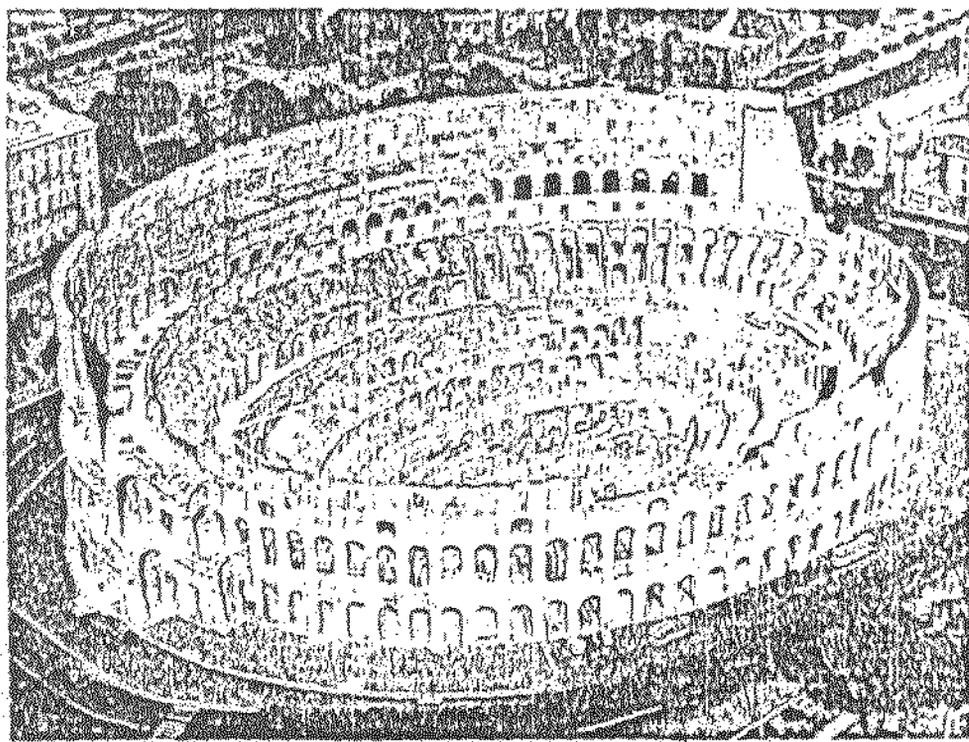
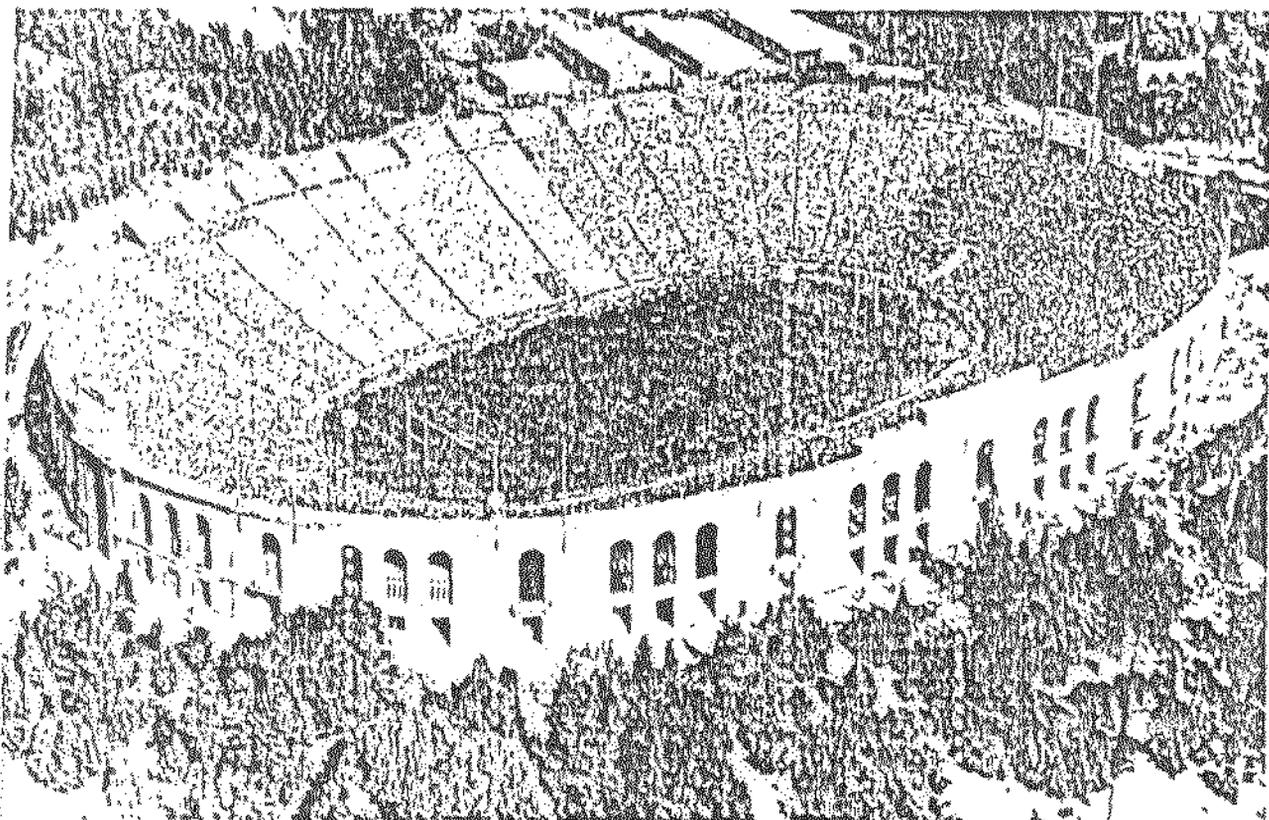
A leitura também atrai muitos interesses: todas as grandes termas tinham bibliotecas públicas. Iniciadas no reino de Augusto, atingiram

(26) CARCOPINO, Jérôme, op.cit., páginas 363 a 385, resumo traduzido e adaptado por Luiz Wilson Pina.

durante o Império um total de 28, em Roma. Escritores, poetas e cronistas se tornam famosos, como os dois Plínios, o Velho e o Jovem, Cícero, Plutarco, etc. Em diferentes épocas, como por exemplo a dos Antoninos, eram costumeiras as conferências e as recitações, nos salões públicos e em teatros.



A handwritten signature or mark, possibly a stylized 'R' or 'L', located in the bottom right corner of the page.



Como um Estádio Norte-Americano de "football" se assemelha ao Coliseu Romano.

(Memorial Stadium, Universidade da Califórnia, Berkeley)

Fonte: PLACES, A Quartely Journal of Environmental Design, The Design History Foundation, Volume 6, Número 6, Verão 1990, página 7.

A small, handwritten mark or signature in the bottom right corner of the page.

## \* OS LAZERES NA FRANÇA, NA IDADE MÉDIA

O controle do tempo, na Idade Média, manteve o critério dos romanos, de dividir o dia em vinte e quatro horas, doze horas depois do nascer do sol até o crepúsculo, e doze horas para a noite. Conseqüentemente, a hora do dia era variável; em junho era de noventa minutos (pelo sistema atual) e em dezembro era de trinta minutos. Os momentos do dia eram designados pelas orações dos monges e clérigos, quais sejam, matinas, laudes, prima, terça, sexta (meio-dia), vésperas e completas.

"O sol regula a vida dos homens, na cidade como no campo. A jornada de trabalho varia portanto segundo as estações. Começa na hora em que nasce o sol ou uma hora mais tarde, e termina no momento em que se extingue a luz do dia ou em que soam as completas" (27).

Com as naturais diversidades entre as categorias de trabalhadores, o trabalho começava no verão entre quatro e cinco horas da manhã, e terminava entre sete e oito horas da noite; no inverno, se iniciava entre cinco e seis horas da manhã, e terminava por volta de cinco horas da tarde.

"No caso de um engajamento de longa duração, o empregador fixa arbitrariamente a duração da jornada de trabalho. Assim, no verão, a jornada no artesanato parisiense atinge no máximo dezesseis a dezassete horas; no inverno, não ultrapassa onze horas. Mas esses números correspondem ao total de horas compreendidas entre o começo e o fim do trabalho, deve-se diminuir as pausas e os tempos das refeições para se obter a jornada de trabalho real. Segundo a estação e segundo a categoria, essas pausas podem durar de duas a três horas e meia. Os camponeses, muito mais próximos da natureza do que os trabalhadores parisienses, tem um ritmo de vida comparável, na medida em que o seu trabalho é regulado pela marcha do sol. Relativamente ao ritmo de trabalho anual, admira-se o número importante de festas celebradas que constroem outro tanto de dias feriados, seja cerca de noventa dias, contando-se os domingos. No total, o número médio de dias de trabalho por mês atinge cerca de uma vintena. Para os trabalhadores rurais a regulamentação é menos precisa, pois muitas tarefas devem ser feitas todos os dias, mas são igualmente proibidos de trabalhar nos domingos. Quanto às férias, não existem na Idade Média, a não ser nas universidades e nos tribunais. Na Universidade de Paris, pelo final do Século XIV, os cursos cessavam de 28 de junho a 25 de agosto para

27) VERDON, Jean, "Les loisirs en France au Moyen Age", Paris, Librairie Jules Tallandier, 1980, página 10.

a Faculdade de Artes e até 15 de setembro para as Faculdades de Teologia e de Direito; os trabalhos no Parlamento de Paris se interrompiam do início de setembro até o dia 12 de novembro. Mas os conselheiros do Parlamento, nesse período, iam trabalhar em Ruão e Troyes. Além disso, fora os dias de festas e os domingos, o Parlamento folgava uma semana na Páscoa, cinco dias em Pentecostes, cinco dias no Natal, no total cento e cinquenta dias por ano. Para os homens da Idade Média de condição modesta, camponeses e artesãos, para os burgueses em uma certa medida, deve-se falar de civilização do trabalho e não exatamente de civilização do lazer. Pelo menos os momentos de descontração, as distrações, não são totalmente desconhecidas, mas, muito mais do que em nossos dias, os lazeres são integrados ao trabalho.

Pode-se perguntar em que medida os nobres trabalham e em consequência tem lazeres. Em todo caso as ocupações e as distrações são então estreitamente ligadas. Muito próximo da natureza, o homem medieval faz um lugar muito maior ao corpo do que ao espírito em suas distrações" (28).

A ligação com a Natureza, em toda a Idade Média, é muito forte; as cidades crescem lentamente, de acordo com o crescimento populacional, retardado por calamidades naturais e pelas guerras constantes; as florestas ocupam grande parte do território; e a civilização medieval recorre às mesmas florestas, que lhe fornecem a matriz energética e o seu material mais importante de construção, neste caso associado à pedra.

As estações são bem diferenciadas, e a proteção contra o frio e contra a umidade do outono e do inverno é insuficiente; as construções não são perfeitamente vedadas, mesmo nos castelos senhoriais e nos palácios principescos, nos mosteiros e sedes dos chefes da Igreja. A chegada da primavera é portanto constantemente festejada e celebrada: para o povo, alívio diante do aquecimento da temperatura e do degelo; para os burgueses, aumento do tempo de trabalho; para as classes aristocráticas, possibilidades de passeios nos campos e nos jardins, viagens e caçadas.

Ao longo da Idade Média, desenvolve-se a arte dos jardins, neste caso restrita ainda às classes aristocráticas e senhoriais. Tratados concernentes a essa arte foram mesmo escritos. E vários príncipes criaram parques com cuidados jardins; em alguns destes, foram implantadas galerias, pavilhões de estufas, locais para o "jeu de paume", o ancestral do tênis, e pavilhões de banhos.

(28) VERDON, Jean, op.cit., páginas 10 a 15.

2

festejos em ocasiões profanas, como por exemplo na época da semeadura, no final das colheitas e na época das vindimas. Em algumas regiões, são festejados santos padroeiros de determinadas categorias, como a dos cordoeiros, por exemplo. As festas de início de inverno e de verão, São Martinho e São Nicolau, dão igualmente lugar a festejos com danças e divertimentos, bem como uma das principais festas litúrgicas, a de Todos-os-Santos. Além desses eventos, as pessoas na Idade Média procuravam aproveitar as ocasiões familiares para promover festejos ou reuniões festivas. Batizados, casamentos se constituem em ocasiões para comer, beber e sobretudo dançar, principalmente no caso deste último: "Mais do que os batismos, os casamentos comportam divertimentos variados. Se casar exige aliás alguns lazeres. Para conquistar uma jovem mulher deve-se ir ao baile, participar das festas aldeãs. O casamento constitui um evento para toda a aldeia; a paróquia inteira dele participa. Após a cerimônia religiosa os convidados se dirigem para o local onde se desenrola o banquete e as diversões que lhe sucedem; em geral se trata de um celeiro, onde se come, se bebe, alguns jogam, em geral aos dados, e sobretudo se dança, pois o celeiro é suficientemente grande para permitir os embates dos dançarinos" (30).

Os principais elementos dessas festas populares são, além da comida e da bebida, apreciadas sobremaneira pelos mais pobres, que tinham assim oportunidade de compensar suas carências alimentares, generalizadas na Idade Média, os jogos e principalmente a dança, com instrumentos ou acompanhada por refrões. A Igreja tentou conter a dança, mas terminou por utilizar-se dela, nos ritos e no folclore. "As relações entre as danças medievais e o paganismo aparecem no fato que elas se regroupam na sua maioria em duas estações, que correspondem ao solstício de inverno e ao solstício de verão. A Igreja luta contra os ritos pagãos, com mais ou menos sucesso. As danças primaveris são transferidas frequentemente para o culto da Virgem Maria; dança-se em maio em hora à Virgem. No total, as festas populares permitem aos homens da Idade Média de manifestar sua participação em um grupo social. As famílias, as paróquias, as profissões encontram nessas festas um elemento de coesão indiscutível" (31).

(30) VERDON, Jean, op.cit., página 42;

(31) VERDON, Jean, op.cit., página 47.

Em toda a Idade Média, comprovado pelos historiadores e pelos cronistas de todas as suas épocas, uma das ocupações preferidas era a caça, tanto a montaria quanto a caça com falcões.

Mas a caça não era permitida a todos: desde a época dos merovíngios, na França, os bosques e florestas eram mantidos como reservas de caça, permitida somente aos príncipes e aos nobres; o povo podia caçar somente em algumas regiões delimitadas, mesmo assim pequenos animais prejudiciais às colheitas e pássaros pequenos ou de passagem.

Posteriormente, a caça foi liberada, com exceção das reservas reais ou particulares; mas o crescimento demográfico provocando o crescimento das cidades e a expansão das vilas e aldeias, e a redução das florestas e bosques, a aristocracia, com receio de uma diminuição do número de suas presas, constitui vastas reservas. Criam-se assim verdadeiros parques, como o de Vincennes. E as leis se tornam mais rígidas: "o decreto de 10 de janeiro de 1397 retira o direito de caça de toda pessoa não nobre, salvo às pessoas da Igreja e aos burgueses vivendo de suas rendas. Assim o direito de caça, inicialmente direito natural, em seguida acessório ao direito de propriedade, torna-se apanágio da soberania" (32).

"Toda uma organização se desenvolve, com finalidade de assegurar a proteção dos bosques e de velar à proteção da caça" (33).

Os monteiros e falcoeiros formam verdadeiras classes profissionais, inclusive com tratados escritos por especialistas determinando critérios para sua atuação e recomendações para o tratamento dos animais - cavalos e aves, bem como o que fazer com a caça abatida.

Ao longo da Idade Média, organizou-se a caçada real; igualmente os nobres tinham as suas caçadas organizadas de forma muito precisa, a partir do século XIV.

"Os méritos da caça foram exaltados muitas vezes: assim o grande falcoeiro de um califa escreveu em um tratado de falcoaria redigido por volta de 995: a caça comporta uma infinidade de méritos, de prazeres aproveitáveis, de belezas manifestas, de propriedades benéficas para a continência e para a pureza da alma e a dignidade dos honestos meios de subsistência, aos sabores múltiplos. Com a caça, ganha-se a animação, a alegria de coração, os benefícios tangíveis e escondidos, o exercício físico, a resistência na marcha, a agilidade na sela e a premonição contra as doenças. Acrescenta-se a isso que a caça inspirou a alta literatura, adágios famosos, delicadas questões de direito e de tradições poéticas.

(32) VERDON, Jean, op.cit., página 54;

(33) VERDON, Jean, op.cit., página 57.

Quatro séculos mais tarde o conde de Foix, Gaston Phébus, expõe argumentos semelhantes a favor da caça: Primeiramente o bom monteiro não pode cometer nenhum dos sete pecados capitais. Com efeito a ociosidade excita, por imaginação, o gosto do prazer carnal. O homem não tem outra preocupação do que permanecer em um local e pensar no orgulho, na avareza, na cólera, na preguiça, na gulodice, na luxúria e na inveja; porque o homem pensa mais no mal do que no bem por causa dos seus três inimigos: o diabo, o mundo e a carne. A imaginação é mestra de todas as obras boas e más que se realizam. Ora o bom monteiro não pode ser ocioso; por consequência ele não pode ter má imaginação nem realizar atos vis. Se ele caça, não pensa senão em dormir, a fim de estar fresco e disposto para preencher diligentemente o seu ofício. Desde a alba ele está ocupado, pois ele deve seguir as pistas, retornar ao grupo, cavalgar com os cães, gritar bem e tocar bem a corneta, despistar e encurralar o seu cervo, quando os cães o perderam, esfolar o animal, quando este é apanhado, fazer bem a curtição, pensar em ceiar e se colocar a abrigo, ele e seu cavalo, uma vez retornado à hospedaria, enfim dormir e se repousar. E o monteiro vive mais alegremente do que as outras pessoas, pois ele goza a Natureza e encontra grande prazer em caçar, e em repousar após a caça. Além disso os monteiros vivem por mais tempo, pois o excesso de alimentação é muito prejudicial. Ora os monteiros comem e bebem menos que todos os outros. Convém portanto de amar os cães e as caçadas e os divertimentos que proporcionam os animais e os pássaros. E todos aqueles que amam o trabalho e o prazer dos cães e dos pássaros tem boas qualidades.

A caça seria portanto proveitosa tanto sobre o plano da alma quanto do corpo. Mas não exatamente essas as razões essenciais que incentivam os homens da Idade Média a praticá-la. O Imperador da Alemanha Frederico II, autor da *De arte venandi*, distingue dois objetivos principais que sempre foram perseguidos pelos caçadores: o lucro e a distração.

A caça constitui antes de tudo um lazer para o soberano e os aristocratas; a caça permite desfrutar da natureza na bela estação, quando a mesma é doce e agradável; de muitos tipos de caçada as mulheres podem participar; e além disso dá motivo e origem a muitas conversações, nas quais se passa agradavelmente o tempo. E finalmente, mesmo para as classes aristocráticas, a caça fornece um excelente e precioso reforço à alimentação; e suas peles também são muito úteis" (34)

(34) VERDON, Jean, op. cit., páginas 75 a 79.

Já a pesca não é tão louvada; segundo Jean Verdon, por ser uma atividade liberada e permitida para toda a população. Tem evidentemente uma forte finalidade utilitária, fornecendo grande parte da alimentação da época, quando as colheitas eram muito instáveis, dependendo sempre dos fatores climáticos e muito frágeis diante das calamidades naturais.

Da mesma forma que a caça era muito abundante nas florestas e bosques da França da época, com uma fauna variada e muitos tipos de pássaros desafiando os caçadores em montarias e com falcões, os peixes também povoavam em quantidade e em variedade rios, lagos, riachos, lagoas, açudes e as regiões de pesca a beira-mar. Mas a pesca era praticada principalmente nos rios e nos açudes. A pesca no mar era feita somente por profissionais.

A pesca pode constituir uma distração, e atualmente é praticada como tal por muitas pessoas; entretanto, na Idade Média, sua principal finalidade era, como observado acima, obter produtos de alimentação; ocasionalmente era praticada como atividade de lazer, e neste caso com vara e linha.

"Deve-se lembrar que a Idade Média foi uma época de perpétua sub-alimentação, de carestias e de fomes cortadas, em certos dias, por comilanças anormais? escreveu Lucien Febvre em *Combats pour l'histoire*. Essas refeições exageradas constituem momentos de distensão. Infelizmente as informações concernem sobretudo os festins da alta sociedade. Os ágapes populares são frequentemente citados, por exemplo quando das numerosas festas que, como já vimos, se desenvolvem ao longo do ano, mas elas não dão lugar a mais amplas realizações. Assim a documentação privilegia mais uma vez os príncipes, os nobres, em detrimento das pessoas do povo.

Uma outra observação que vale para todas as classes da sociedade é que se aprecia comer e beber bem. Também na vida dos homens da Idade Média os festins, pouco numerosos para as pessoas de condição social humilde, constituem momentos privilegiados. Entretanto, uma evolução se desenha ao longo desse extenso período. Na época galo-romana, os festins seguiam a tradição anterior: visavam a restaurar o corpo, mas também a dispensar aos convivas os prazeres da civilização; eram acompanhados de música, cantos, alegria. Os meios onde a tradição romana não desapareceu inteiramente fazem da refeição um momento essencial; não se limita somente a comer bem; importa de desfrutar de um cenário tão agradável quanto possível, de ali permanecer muito tempo, escutando-se às vezes música. Se alimentar não é somente uma necessidade, mas um divertimento.

Lucien Febvre (1875-1959)  
 História da Civilização da França Média  
 t. 1, p. 100-101  
 C

Entre os bárbaros que dominaram a Gália Romana, a atmosfera das refeições é totalmente diferente; o ambiente é mais austero, porém as refeições festivas são seguidas de prolongadas bebedeiras; nada de música, nem de músicos, flautistas, tocadores de cítaras ou de tímpanos. Com o advento do cristianismo, por vezes as refeições eram seguidas de cânticos da Igreja, por diáconos ou coros. Entre os Carolíngios, as refeições se sofisticaram um pouco. Eram acompanhadas por leituras, de textos sacros ou históricos. Comia-se e bebia-se muito.

Já na Baixa Idade Média, os documentos permitem distinguir com mais precisão os nobres e os burgueses. Os banquetes aristocráticos são integrados geralmente em um conjunto de distrações: jograis, músicos, saltimbancos, contadores de estórias, folclóricas, lendárias, romanceadas. Já os burgueses desfrutavam de festins bem guarnecidos; após os quais se conversava ou se jogava.

Os festins nupciais receberam mesmo um roteiro, em parte de uma obra, *Ménagier de Paris*, composta por um burguês do século XIV para a sua jovem esposa, uma espécie de roteiro para organizar melhor as diferentes refeições.

Entre a aristocracia, as refeições festivas são associadas às festas, e às ocupações específicas da Cavalaria, as justas e torneios.

Os festins populares eram evidentemente muito mais simples; procurava-se sobretudo compensar a alimentação insuficiente consumida no cotidiano, e as distrações somente eram mais correntes nas ocasiões especiais, como batizados, casamentos e comemorações" (35).

Nas cidades medievais, um dos principais elementos da paisagem era a taberna. No final da Idade Média, Paris contava com mais de quatro mil tabernas de vinho; todas as classes sociais bebiam muito e sempre. Em Flandres, chegou-se a fazer uma lei em Ypres proibindo mais de um albergue para cada oito moradias. Na França bebe-se vinho, sendo a cerveja consumida pelos mais pobres. Em Flandres, entretanto, a cerveja é preferida; em 1441, Bruges conta com cinquenta e quatro cervejarias - estabelecimentos que produzem e vendem cerveja diretamente ao público.

As tabernas ofereciam à população o único local fechado disponível para as suas horas de folga cotidianas, ou ao longo da semana. Os celeiros eram liberados somente para as festas principais da paróquia; as igrejas e suas dependências anexas, somente para as festas religiosas; suas moradias, embora utilizadas quando dos

(35) VERDON, Jean, op.cit., páginas 101 a 128.

familiares, não ofereciam atrativos; os camponeses, maioria da população da época, viviam sem comunicações com os demais, a não ser quando se deslocavam para os vilarejos ou aldeias; não havia qualquer tipo de cultura intelectual, pois não sabiam ler e escrever. A única alternativa era a taberna da aldeia ou vila, onde se podia beber em sociedade, conversar, jogar, contar estórias; se aquecer diante do fogo, no inverno; fazer negócios e regular as contas com os vizinhos. Para os habitantes das cidades, eram igualmente o único local onde podiam exercer tais atividades.

Os romanos haviam dotado as cidades da Gália de termas, com configurações semelhantes, embora em dimensões mais reduzidas, àquelas que possuíam em Roma; durante a época Galo-Romana, os banhos públicos haviam sido muito frequentados, e os aristocratas possuíam também banhos privados.

Esse costume não foi eliminado pelos bárbaros ocupantes; assim, a Idade Média não ignorava o uso dos banhos; "na época carolíngia, todo palácio devia possuir banhos quentes e frios. Em Saint-Denis, à Corbie, os banhos se encontram próximos ao claustro. Os príncipes mudam de vestimenta e se banham no sábado. Na Baixa Idade Média, os aristocratas, bem como os burgueses e o povo, tomam banhos quentes, notadamente após os exercícios fatigantes. As casas particulares muito raramente têm uma sala destinada a esse uso: o banho é preparado na lareira ou então é encomendado do exterior e levado até um quarto. Mas existem também os estabelecimentos públicos, as estufas. Os banhos públicos são numerosos em Paris: em 1292 a cidade conta com vinte e seis banhos, administrados por proprietários reunidos em uma corporação de ofício, cujos regulamentos se referem essencialmente à higiene e aos bons costumes; a profissão foi conhecida desde 1268, comprovamente. As estufas são abertas todos os dias, com exceção dos domingos e dos dias de festa, pela manhã, e oferecem banhos de vapor e banhos de água morna, o segundo duas vezes mais caros do os primeiros, preços fixados e aumentados quando necessário pelo preboste de Paris. Homens e mulheres se banham em conjunto, o que prejudicou relativamente a reputação desses estabelecimentos. Mas os usos condenados não são próprios apenas aos banhos parisienses. Os banhos flamengos, numerosos pois podem se contar quarenta em Bruges, no começo do século XIV, são renomados.

O banho se torna um hábito do qual não se pode mais dispensar, um prazer inexprimível; ele é concluído por uma refeição e por toda sorte de amenidades.

Existem banhos que são tomados em locais distantes, nas estações termais, por motivos medicinais, por exemplo nas águas de Bourbon. A hotelaria obtém grande lucro da exploração das fontes. Alguns estabelecimentos destinados à alta sociedade parecem muito confortáveis, com cada banho em uma casa à parte, com água quente e fria e quartos de repouso contíguos.

Tomar um banho não é entretanto um fato costumeiro para todos, porque privadamente ele era caro" (36).

Para avaliar melhor a importância relativa de certos números, como as tabernas (4.000 em Paris) e os banhos, estudos demográficos estabeleceram para Paris uma população aproximada de 25.000 habitantes em 1200; Londres teria uma população ligeiramente superior; e na primeira metade do século XIII, Roma e Colônia teriam cerca de 30.000 habitantes, Milão e Florença, 70.000 habitantes, Veneza e Bolonha 40.000 habitantes, segundo Michel Pastoreau ( ).

De acordo com o mesmo autor, as estimativas indicam para 1200 uma população de Europa em torno de 60.000.000 de habitantes, e o seu reino mais populoso, a França, teria cerca de 7.000.000 de habitantes. As concentrações urbanas são poucas, e suas dimensões muito reduzidas, comparadas com a situação atual.

Rabelais, em Gargantua, capítulo XXII, relaciona mais de duzentos tipos diferentes de jogos praticados no início do século XVI, cuja maior parte já era praticada anteriormente.

Muitos dos jogos eram praticados tanto por crianças quanto por adultos. "Sociedade da rotina e da monotonia, a medieval é também a da festa e do jogo. Uma acompanha a outra, e para todo mundo, mesmo os mais desfavorecidos, há um tempo para o aborrecimento e outro para o déduit (divertimento). Este é reservado, cada dia, aos primeiros momentos da tarde e a uma boa parte da noite, e cada semana à totalidade do repouso dominical obrigatório. Além disso, toda cerimônia importante é acompanhada de folguedos coletivos, em que se misturam cavaleiros e vilões, gente dos burgos e dos campos" (37).

É necessário em primeiro lugar separar os jogos em dois grupos: os jogos ao ar livre e os jogos de salão: dos primeiros, os preferidos são o jeu de paume e a soule, o primeiro pela aristocracia e principalmente pela burguesia, e o segundo pelo povo.

(36) VERDON, Jean, op.cit., páginas 139 a 142;

(37) PASTOUREAU, Michel, "A vida cotidiana no tempo dos cavaleiros da Távola Redonda", São Paulo, Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1989, página 133.

O jeu de paume tem esse nome pelo uso da palma da mão, para lançar uma bola do outro lado de uma rede posicionada a partir do nível do solo; na primeira metade do século XVI, a bola passou a ser impulsionada por uma raquete ou por um batedor ou bastão. Existiam então em Paris vários locais para esse jogo, inclusive cobertos.

A soule era um jogo mais brutal, e era praticado sobretudo no inverno, entre habitantes de localidades diferentes, ou então da mesma localidade, neste caso geralmente entre pessoas casadas e solteiras; existiam dois tipos: um no qual a bola era impulsionada com os pés, e outro no qual os jogadores utilizavam um bastão mais ou menos longo possuindo uma extremidade recurvada.

Outro jogo muito popular era o bilhar, neste caso jogado diretamente sobre a terra, impulsionando-se a bola com bastões grossos e curtos, às vezes recurvados; esse jogo era semelhante ao atual croquet, sendo praticado ao ar livre.

O jogo de bolas, por sua vez, era parecido com a atual bocha: tentava-se lançar grandes bolas para posicioná-las o mais perto possível de uma estaca cravada na terra, ou de uma outra bola, deslocando as bolas dos demais jogadores.

Outras atividades tinham um fundo guerreiro: assim a prática de tiro, com arco ou com bestas; as competições eram frequentes, e os senhores e castelões muitas vezes ofereciam prêmios aos vencedores.

A parte esses jogos, outros de cunho local ou regional eram praticados, como aquele de tentar derrubar uma ave, galo ou ganso, atirando-se um bastão ou uma pedra; ou como o de lançar-se uma moeda perto de uma faca cravada na borda de uma tábua, e o vencedor seria aquele cuja moeda ou cujo disco (outro tipo de projétil usado) tocasse a faca sem cair da mesa; esse jogo também era praticado ao ar livre, cravando-se a faca na terra; nos jogos de Natal, eram praticadas as lutas com bastões; o jogo do quadrado consistia em tentar acertar discos ou peças de moeda em um pequeno quadrado, desenhado na terra ou em um assoalho.

Os burgueses e aldeões também praticavam alguns jogos perigosos, de origem guerreira, neste caso tentando imitar os cavaleiros: o jogo do escudo, em que tentavam se proteger com escudos dos adversários com facas; e as lutas com espadas manejadas com as duas mãos.

"Dos incontáveis jogos de salão, os dados são os mais populares: Eles cumprem o papel que mais tarde será representado pelas cartas. Joga-se em todas as categorias sociais - na choupana, no castelo, na taberna e até nos mosteiros - com uma paixão desenfreada, que os soberanos e os prelados reformadores vituperam em vão. Apostam-se no jogo de dinheiro, roupas, o cavalo ou a casa. Além disso, é um jogo perigoso.

Apesar da utilização de um copo para os dados, as trapaças são frequentes, sobretudo devido ao emprego de dados falsificados. Mais inofensivo é a marelle, um jogo mais de reflexão do que de sorte: o vencedor é quem primeiro consegue alinhar três (às vezes cinco) peões sobre uma figura geométrica formada por linhas perpendiculares e oblíquas. Mais elaborado é o enigmático tables, jogo muito mencionado pela literatura da época, mas cujas regras são pouco conhecidas: trata-se de uma espécie de gamão, de que podem participar dois ou quatro indivíduos, com vários dados e uma grande quantidade de lances. Às vezes, o mesmo termo designa o jogo de damas, cujas regras estabelecidas no século XII vigoram até hoje. Mas o jogo de salão por excelência é o xadrez, que aparece na França no século XI. Rapidamente torna-se o passatempo favorito da sociedade aristocrática. O tabuleiro geralmente se constitui na parte de cima de uma caixa ricamente decorada, no interior da qual se encontram outros jogos (tables, marelle). O tabuleiro como conhecemos hoje, com casas brancas e pretas alternadas, apareceu no tempo de Filipe Augusto (século XII). Os lances eram um pouco diferentes, pois havia diferenças na composição das peças: não havia rainha, uma peça que deu origem ao bispo porém tinha menos possibilidades de deslocamento" (38).

"Os jogos de sociedade necessitavam da presença de um grupo de homens e de mulheres; eles permitiam de fazer mostrar o espírito" (39).

Eram variados esses jogos de sociedade: o da briche, que consistia em se fazer esconder e se adivinhar com quem estava a briche, um tipo de pequeno bastão fácil de esconder; o jogo de São Cosme, no qual uma das pessoas representava o santo, para quem as demais dão oferendas, mas é proibido rir, e quem ri deve pagar uma prenda e tomar o lugar do santo; o jogo do Rei que não mente consiste em eleger um rei e uma rainha que interrogam os demais jogadores e são a seu turno interrogados por eles.

"Existem também os jogadores profissionais: os pelotiqueiros cujo ofício é distrair os outros, executam voltas acrobáticas, jogam dados ou xadrez. Participam dos festejos tanto entre as pessoas de condições modestas quanto entre os senhores; fazem animação com marionetes; acrobacias e jogos com facas; saltam, dançam e cabriolam. Com os pelotiqueiros, o povo se torna espectador" (40).

(38) PASTOREAU, Michel, op.cit., páginas 139 a 142;

(39) VERDON, Jean, op.cit., página 207;

(40) VERDON, Jean, op.cit., páginas 207 a 209.

Os espetáculos são sempre um capítulo interessante: os romanos haviam dotado os núcleos urbanos da Gália de teatros; alguns estavam entre os maiores do Império, como o de Vienne, com capacidade para 13.000 pessoas; igualmente circos e anfiteatros haviam sido implantados; e os ludi romanos, circenses e scaenici, ali se realizavam como na Capital.

Com o fim do Império, muitos foram destruídos nas invasões, e os remanescentes foram pouco utilizados, sobretudo os teatros. Entretanto, os espetáculos na Idade Média tinham cenários diferentes.

Em primeiro lugar, a rua: além de servirem para a contemplação popular do movimento, das pessoas e dos ofícios, e do desfile dos senhores ricamente vestidos e paramentados, servia também como campo de exibição dos pelotiqueiros e saltimbancos. Que faziam acrobacias de diversos tipos, exibiam animas ferozes, andavam na corda bamba, engoliam fogo e espadas. Compareciam bufões que contavam estórias ridículas; contadores de estórias dramáticas ou fabulosas; menestreis que compunham e cantavam canções.

As feiras também eram, para o povo, espetáculos atrativos; e delas participavam os saltimbancos e os músicos, muito numerosos na época. A eles se misturavam os charlatães, vendendo drogas e produtos mirabolantes.

Além dos festejos de origem religiosa, ocorriam muitas manifestações profanas, na celebração de eventos públicos ou privados. Nessas ocasiões, danças, música e jogos eram oferecidos à multidão. Um aspecto curioso e macabro ao mesmo tempo é o das distrações que constituíam as execuções capitais, as quais atraíam frequentemente grandes públicos, e eram objeto de comentário por muito tempo.

Eram frequentes também as procissões; algumas realizadas por corporações de ofícios, homenageando os seus respectivos patronos; outras realizadas por toda a cidade.

Citadas pelos historiadores, as entradas reais nas cidades também se constituíam em verdadeiros espetáculos, apreciados por todo o povo. Foi em uma dessas ocasiões que a mulher do Rei Felipe o Belo (século XIV), ao entrar em uma cidade de Flandres, então possessão da Coroa francesa, se admirou com a riqueza dos trajes das mulheres locais, observando que elas é que pareciam rainhas.

Entre os espetáculos formais, sobressai-se o teatro: "o teatro desempenha um grande papel na vida social dessa época. A história do teatro religioso comporta três períodos. O primeiro é o do drama litúrgico, correspondendo aos séculos X e XI; esse drama litúrgico é oriundo do próprio ofício religioso, sendo portanto executado em latim; no drama semi-litúrgico, que corresponde à segunda metade do século XII em diante, a língua vulgar, o francês, triunfa. Quanto à mise en scène, ela se torna tão complicada que exige a intervenção de profissionais e deve deixar o côro e a nave das igrejas, onde anteriormente se desenrolava o drama litúrgico.

Mas o público não deseja somente ser edificado, ele procura se divertir. O teatro cômico francês nasceu tardiamente no século XIII, posterior em alguns decênios ao teatro religioso em língua vulgar. Peças com cenas de taberna, do século XIII, suscitam o interesse dos espectadores vindos ao teatro para ocupar os seus lazeres. No século XV, malgrado os desastres da época (Guerra dos Cem Anos, com a Inglaterra), o povo aprecia vivamente as representações profanas ou cômicas que se multiplicam enormemente então. Diferentes gêneros são exercidos então: a comédia latina; os mistérios religiosos e profanos; o monólogo dramático; os dramas morais; e a farsa, geralmente grosseira, às vezes satírica. Os cenários variam com o tempo e com o gênero: o drama litúrgico é realizado na igreja ou na capela monástica; tornado semi-litúrgico, vai para o átrio da igreja; enfim os mistérios, as peças profanas são representados nos locais mais variados: praças públicas, encruzilhadas, parques e pradarias, etc. Em algumas cidades, como o frio e a chuva atrapalham representações e espectadores, as peças passam a ser representadas em locais fechados. Muitas vezes, o teto é constituído por uma imensa tela fixada por cordames. Alguns lugares são reservados às pessoas de qualidade, em camarotes de madeira. E as representações duram muitos dias, pois as peças são muito longas. Algumas contam 30.000 versos. Como muitas representações são pagas, as receitas permitem calcular o número de espectadores; assim em 1509 a Romans 4.780 pessoas assistem o primeiro dia da apresentação de um mistério, 4.220 pessoas assistem ao segundo dia e 4.947 pessoas veem a representação no terceiro dia. E as pessoas de todas as classes sociais se interessam pelo teatro. A Metz, em 1485, desde as 4 horas da manhã as pessoas do povo já estavam procurando lugar.

E os cenários são de dois tipos: em carros, cada um com um quadro, que desfilam diante dos espectadores; e o cenário simultâneo, conjunto de quadros que representam cada um deles um local

específico, identificado por painéis escritos. São complementados muitas vezes por animais mecânicos; igualmente são utilizados contrapesos com cordas, que permitem erguer os atores, figuras de pássaros, de nuvens, etc. Fogo e água também são utilizados nas representações.

Os atores, até o século XVI, são amadores, geralmente burgueses e operários, estudantes e juristas, e até alguns nobres e padres. Formam confrarias, as quais são numerosas. Alguns papéis são representados por mulheres. E os atores assinam contratos se comprometendo a desempenhar os seus papéis nas peças e a auxiliar na sua montagem.

Assinalemos para terminar que é toda a cidade que participa do espetáculo, atores e espectadores. Aliás é proibido de trabalhar durante o seu desenvolvimento. A circulação é paralisada, a vida econômica perturbada, os edifícios religiosos abandonados. Os sinos não soam para não atrapalhar os atores e perturbar a representação. Mas à noite a alegria se libera. Músicos distraem o povo, de sorte que frequentemente muitas noites se passam em divertimentos de todas as espécies, tanto para os estrangeiros como para os habitantes" (41).

As danças aristocráticas, além de se constituírem em diversão para os seus praticantes, também eram vistas pelo povo, como espetáculos. Existiam vários tipos dessas danças, algumas das quais eram desempenhadas como representações de pequenas histórias.

Os exercícios físicos, se tinham um lugar importante na vida do homem medieval, eram praticados sobretudo com finalidades militares: salto, corrida, natação, equitação, remo. Um dos exercícios mais praticados, entretanto, era herança direta dos romanos: o jogo de bola, no qual os participantes formavam um círculo em torno de um deles, que deveria apanhar a bola que os demais jogavam uns para os outros com força; interceptada a bola, ele trocava de lugar com quem a havia lançado; se tocado em cheio pela bola, sofria uma penalidade e era mantido no lugar central.

A leitura era um lazer bem mais restrito; poucas pessoas sabiam ler e escrever. A historiadora italiana Maria Luisa Minarelli afirma que a primeira biblioteca pública foi criada por Cósimo de Medici, em Florença, em 1444, reunindo manuscritos gregos e latinos - a Biblioteca Medicea (Historia, magazine mensal ilustrado, Milano,

(41) VERDON, Jean, op.cit., páginas 236 a 256.

2

Cino del Duca Editore, nº 399, Maggio 1991).

No entanto, as termas romanas possuíam coleções de livros, para uso dos seus frequentadores.

Na Idade Média, as coleções de livros, que custavam muito caro, eram privilégio das classes mais abastadas: os reis e príncipes, os senhores, os membros da Igreja, alguns burgueses. Os conventos e as instituições de ensino, ligadas à Igreja, também possuíam bibliotecas.

Como poucas pessoas sabiam ler, a difusão dos livros, manuscritos e em pergaminhos, material de produção lenta e de elevado custo, era muito restrita.

Entre as classes citadas, o gosto da leitura era relativamente disseminado. Como prática constante, somente entre os membros da Igreja; segundo Jean Verdon, a biblioteca era um elemento essencial de cada estabelecimento religioso. É fato por demais conhecido que a preservação e a disseminação dos textos gregos e latinos, e mesmo alguns de origem oriental, se devem ao trabalho dos monges, tradutores e escribas.

Outra prática de lazer preferida pelas pessoas na Idade Média é a conversação, a respeito de "assuntos inumeráveis" (Jean Verdon, pg. 284). Não se pode esquecer que, em uma época na qual não existiam jornais ou revistas, meios de comunicação, e a maior parte da população não sabia ler e escrever, era através da conversação que todas as informações podiam circular.

Igualmente nessa época se viajava muito. "As vias romanas sobreviveram por muito tempo, após as invasões bárbaras. Após o século XI surgiram estradas, seja devida à nova feudalidade, seja pela nova organização monástica da França. Mas a concepção da viagem aparece então como um pouco diferente da atual. Os deslocamentos de férias são pouco frequentes. As condições materiais são aliás mais duras e difíceis do que em nossos dias. Isso não impede que se possa transformar mais ou menos um deslocamento de negócios em viagem turística. Os homens da Idade Média não se privavam sem dúvida de admirar as paisagens que eles atravessavam, de encontrar prazer na mudança de região. E como eles eram menos avaros do seu tempo, eles misturavam prazer e negócios. No total não se pode entretanto se falar verdadeiramente de turismo, pois o fato de viajar para seu prazer era privilégio de um pequeno número de pessoas" (42).

(42) VERDON, Jean, op. cit., página 299.

juntar mantimentos, preparar as tribunas, as tendas, as estrebarias, os divertimentos mundanos e os festejos populares. Cada torneio é uma festa que atrai consideráveis multidões. Pois ainda que apenas os nobres participem, os espectadores pertencem a todas as categorias sociais. E essa festa é também uma feira, que reúne toda uma súpua de artistas, mercadores, cozinheiros, saltimbancos, mendigos e malfeitores.

O torneio dura, em geral, três dias. As equipes, formadas segundo a origem geográfica ou feudal, enfrentam-se, primeiro sucessivamente, depois simultaneamente, da manhã, após a missa, até o anoitecer, na hora das vésperas. A noite é dedicada à cura de ferimentos, aos festins, à música, à dança e ao romance"<sup>(43)</sup>.

Os torneios se disseminaram por grande parte da Europa cristã: Inglaterra, Itália, Países Baixos, Alemanha, e mesmo Hungria e Polônia, além da França, considerada o paraíso dos frequentadores dos torneios. A variação das justas veio se acrescentar às suas atrações, a partir do século XIV.

A respeito dos lazeres na Idade Média, Jean Verdon conclui: "Por sua natureza, os lazeres na Idade Média são bastante diferentes dos nossos. Eles são muito mais ligados ao trabalho. E as férias, às quais muitos dos nossos contemporâneos aspiram adiantadamente por muito tempo, são geralmente desconhecidas então. Para a massa das pessoas, pode-se falar de civilização do trabalho"<sup>(44)</sup>.

(43) PASTOREAU, Michel, op. cit., páginas 134, 135 e 136;

(44) VERDON, Jean, op.cit., páginas 299 e 300.



\* OS LAZERES ENTRE OS ASTECAS, NA VÉSPERA DA CONQUISTA ESPANHOLA

A civilização asteca foi brutal e repentinamente aniquilada pelos conquistadores espanhóis, que destruíram inclusive a maior parte da sua documentação escrita. O trabalho dos historiadores e arqueólogos restituiu parcialmente a estrutura sucial, política e religiosa.

Em sua região, o centro do atual México, onde se concentravam os astecas e sua capital, Tenochtitlán, dominando todos os outros povos que habitavam entre o Golfo do México e o Oceano Pacífico, os quais enviavam tributos em gêneros alimentícios e em mercadorias para os seus dominadores, a natureza dificultava a sobrevivência dos seres humanos. Os métodos agrícolas eram demasiado primitivos para superarem os efeitos das estiagens periódicas, e boa proporção do território era árida ou coberta de matas densas. Além disso, calamidades naturais afligiam o território, como nuvens de gafanhotos e ataques de roedores.

Os banquetes, nesse cenário, podem até assumir característica de festa. Geralmente, estavam associados a ocasiões ou a rituais religiosos. Eram realizados também para a diversão de parentes e amigos. Durante os banquetes, ouviam-se poemas declamados, com acompanhamento de instrumentos musicais, e os convivas dançavam, ao final do festim, ao som dos mesmos instrumentos.

Descrevendo o que denomina como "distrações", Jacques Soustelle relata: "Uma das distrações mais apreciadas era a caça. A gente do povo caçava para variar o trivial ou vender a caça; os nobres, para se distrair. Nos jardins e parques, ou no campo, eles perseguiram as aves com zarabatanas. Também se faziam granças caçadas, em particular durante o décimo quarto mês do ano (dividido em dezoito meses de vinte dias). No décimo dia desse mês, os guerreiros de México (os astecas) e Tlatelolco marcavam um encontro nos flancos cobertos de mata da montanha Zacatepetl, onde passavam a noite ao abrigo de ramagens. No dia seguinte, de madrugada, dispunham-se em um longa linha, e encurralavam veados, coiotes, coelhos e lebres, antes de lançar o assalto aos animais cercados. Os que matavam um veado ou um coiote recebiam um presente do imperador, que oferecia a todos comida e bebida. Ao fim do dia, os caçadores voltavam à cidade, trazendo os seus troféus de caça"<sup>(45)</sup>.

Boa parte do tempo da comunidade mexicana era absorvida pelas cerimônias religiosas, frequentes, prolongadas, minuciosas e programadas

(45) SOUSTELLE, Jacques, "A vida cotidiana dos astecas, à véspera da conquista espanhola". 1ª edição. São Paulo, Companhia das Letras/

com extremo cuidado, cultuando-se muitos deuses, entre eles Macuilxochitl, o deus do jogo.

"Para os antigos mexicanos, nada era mais importante do que esses gestos, cantos, danças, sacrifícios, ações tradicionais, pois se tratava, em seu espírito, de garantir a marcha regular das estações, a volta das chuvas, a germinação das plantas nutritivas, o renascimento do sol. Esse permanente esforço coletivo era a coisa mais séria, a obrigação mais imperiosa do povo asteca, que não o impedia de se dedicar às suas ocupações normais.

Os mexicanos entregavam-se ao jogo com paixão. Dois jogos cativavam a tal ponto certos astecas, que eles acabavam perdendo todas as poses e até a liberdade, pois chegavam a vender-se como escravos: o tlachtli e o patolli. O tlachtli, ou jogo da péla, era praticado no México desde épocas bem remotas. Descobriram-se estádios de péla nas cidades maias da grande época, em Tajín, em Tula; no Yucatán, o de Chichén-Itzã é um dos mais magníficos monumentos de toda a América Central. Os manuscritos locais representam com frequência campos de péla, em forma de T duplo. Dois times se enfrentavam, de ambos os lados da linha mediana, e o jogo consistia em arremessar para o campo adversário uma pesada bola de borracha. Dois anéis de pedra esculpida eram fixados nos muros laterais, e, se um dos times conseguisse lançar a bola através de um desses anéis, ganhava a partida. A bola somente podia ser tocada com os joelhos e os quadris. Só a classe dirigente era autorizada a jogar, e os participantes se entregavam a esse jogo com uma paixão extraordinária.

O tlachtli certamente tinha uma significação mitológica e religiosa. Pensava-se que o campo de jogo representava o mundo; a bola, um astro, sol ou lua. Na vida cotidiana e profana, o jogo da péla servia de pretexto a grandes apostas, pelas quais enormes quantidades de roupas, de plumas, de ouro e de escravos mudavam de mãos: pasatempo da elite por excelência, que para alguns terminava na ruína e na escravidão.

O patolli era um jogo de dados, utilizando um tabuleiro em forma de cruz dividido em casas, e grãos de feijão marcados com um certo número de pontos. De acordo com os números obtidos com o lançamento dos dados, deslocavam no tabuleiro, de casa em casa, umas pedrinhas coloridas. O que chegasse primeiro à casa inicial ganhava a partida e ficava com as apostas. Também tinha um significado esotérico; o tabuleiro tinha cinquenta e duas casas, isto é, o número de anos compreendido ao mesmo tempo pelo ciclo divinatório e solar. Ao contrário do anterior, era o jogo mais difundido em todas as classes.

Coisa curiosa, enquanto o puritanismo asteca se exercia com grande severidade contra a embriaguez e uma grande reserva presidia a vida sexual, não parece que se tenha tentado refrear o gosto pelo jogo" (46).

A divisão do tempo entre os astecas era bastante curiosa; não dispunham de instrumentos para dividir o dia. Assim, tambores e búzios dos templos marcavam nove divisões do dia, sendo quatro durante o dia e cinco durante o período noturno. Os intervalos de tempo eram determinados pelos sacerdotes, a partir da observação do Sol - oriente, poente e zênite, e dos astros.

Aspecto interessante relatado por Jacques Soustelle (página 190) é que a falta de iluminação artificial não interrompia as atividades à noite. A cidade do México, Tenochtitlán, era animada também por uma vida noturna: "sacerdotes que se levantavam várias vezes para rezar e cantar, jovens dos colégios de bairro que costumavam tomar banho na água gelada do lago ou das fontes; senhores e comerciantes que banquetevam; mulheres e guerreiros que dançavam à luz dos archotes; negociantes furtivos que se esgueiravam na laguna com suas canoas carregadas de riquezas; feiticeiros que iam a encontros sinistros; toda uma vida noturna animava a cidade imersa numa escuridão rompida, de quando em quando, pelos fogos avermelhados dos templos e a claridade das tochas resinosas" (47).

Finalmente, os conquistadores espanhóis mostraram-se, nos seus relatos, fortemente impressionados com o tamanho e com as características urbanas da capital. Ruas principais largas e retas, margeando canais, com três estradas elevadas ligando a cidade à terra firme, abastecida de água por um aqueduto, com um grande mercado, o de Tlatelolco, que impressionou sobremaneira os invasores, pelas suas dimensões e pela variedade de produtos que ali eram oferecidos, a cidade tinha belos jardins e praças, sendo que a central media cento e sessenta por cento e oitenta metros. Tinha também belos monumentos, templos e pirâmides, e era limpa, em comparação com as cidades européias da época, graças à abundância de água e aos hábitos de higiene de sua população, que tinham o hábito de se banhar regularmente, e se lavavam constantemente. Situada em uma laguna, a cidade, apesar da aglomeração das suas construções, tinha também vegetação; os habitantes plantavam nas áreas dos fundos de suas casas, e cultivavam flores nos seus pátios e terraços; o imperador possuía vários jardins, que eram como verdadeiros parques.

(46) SOUSTELLE, Jacques, op.cit., páginas 175, 187, 188, 189;

(47) SOUSTELLE, Jacques, idem, página 190.



*A*

\* OS LAZERES NA HOLANDA, NO TEMPO DE REMBRANDT (1606-1669)

Paul Zumthor agrupa as atividades de lazer praticadas pelos neerlandeses que viveram essa época sob o título "Divertimentos", nos capítulos XV, XVI e XVII; em outras partes de sua obra<sup>(48)</sup> podemos encontrar diversas práticas de lazer não descritas nos capítulos relacionados: no capítulo VII, "serão em família", e nos capítulos XVIII e XIX, sobre artes e letras.

Os mesmos neerlandeses denominaram esse período de "século de ouro", embora na realidade não tenha chegado a "ultrapassar a duração de uma vida humana, iniciando-se entre 1600 e 1610 e terminando por volta de 1675-1680", com a consolidação das duas grandes potências econômicas, políticas e militares rivais, França e Inglaterra, suas antagonistas no processo de colonização européia dos demais continentes.

Os Países Baixos, sobretudo na província da Holanda, apresentavam então um fenômeno de concentração urbana único na Europa do Século XVII. Se por falta de recenseamentos gerais não é possível saber-se com precisão a sua taxa de urbanização, Zumthor assinala que Amsterdã passou de 105.000 habitantes em 1622 para 140.000 habitantes em 1640. Graças ao estudo de registros civis e de alguns recenseamentos com finalidades fiscais realizados nas cidades, o mesmo autor pode afirmar que esse crescimento urbano não se restringiu a Amsterdã, mas ocorreu também nas outras cidades importantes da Holanda, como Haia, Rotterdam, Dordrecht e Leiden.

Além disso, sendo relativamente pequeno o território dos Países Baixos, a população rural se estabelecia a pouca distância dos núcleos urbanos. Generalizando, "as cidades, numerosas, em geral ricas, fortemente povoadas, muitas já seculares, dominavam a vida da nação, determinavam seus costumes, sua política, sua orientação espiritual. Nas províncias do oeste e do sul, densamente povoadas, desprovidas dos vastos descampados próprios das regiões de arrabalde, a diferença entre cidade e aldeia (no sentido em que a entendemos) era pouco nítida, fundando-se unicamente no estatuto jurídico"<sup>(49)</sup>.

(48) ZUMTHOR, Paul, "A vida cotidiana na Holanda, no tempo de Rembrandt (1606-1669)", São Paulo, Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1989, 391 páginas;

(49) ZUMTHOR, Paul, op.cit., página 49.

Não surpreende, portanto, que os lazeres descritos na referida obra sejam principalmente práticas de habitantes do meio urbano. As classes abastadas, além disso, praticavam a vilegiatura, mantendo residências nas aldeias, por interesses econômicos e para períodos de repouso ou de mudança de ambiente.

Os europeus de outros países admiravam o encanto e às vezes "a magnificência" das cidades neerlandesas (William Temple, embaixador da Inglaterra). "O burguês rico se orgulhava do esplendor de sua cidade como em outros países se orgulhava de seu patrimônio familiar" (50).

Com a maior parte das vias públicas pavimentadas já em 1650 (um grande avanço, na época, na Europa), com as margens dos canais transformadas em passeio (o que no Brasil do final do século XX ainda é muito raro, em um país com tantos cursos d'água), seguindo três modelos urbanos, o arredondado, com ruas mais ou menos circulares, o quadrangular, com ruas retilíneas, e em ponta entre dois braços d'água, em todas está presente a praça do mercado, o centro em torno do qual a vida se organiza (Zumthor, Paul, pg.26).

Zumthor descreve ainda que, nos bairros ricos, o canal é muitas vezes margeado por grandes árvores, e que nas cidades em via de expansão, constroem-se nos espaços vazios deixados pelo processo de ocupação os passeios públicos, compridos terrenos destinados ao passeio e a diversos jogos públicos, orlados de árvores e ladeados de tabernas.

O Passeio Público de Utrecht, fundado em 1637, mede setecentos metros e é considerado o mais belo da Europa. No bairro novo, no nordeste da cidade, a Prefeitura de Amsterdam criou um jardim público, raridade para a época, e em Haia, ao longo do bosque natural, instalou-se um passeio público e uma área verde onde eram mantidos alguns animais selvagens (Zumthor, Paul, pg.31).

As circunstâncias da época (mesmo com iluminação pública nas principais cidades a partir de 1669) não favoreciam as atividades ao ar livre, a não ser em algumas épocas, basicamente no verão. Mesmo assim, os neerlandeses utilizavam amplamente os espaços disponíveis, em suas cidades ou ao redor delas, construídos ou não, como por exemplo os canais no inverno, para patinação.

Mas uma constante no cotidiano era o serão familiar. "Depois do seu trabalho, o neerlandês se dedica aos prazeres da vida social, gozados

(50) ZUMTHOR, Paul, op. cit., página 25.

quase exclusivamente em família. Os artesãos, camponeses e pequenos comerciantes prolongavam até o jantar sua jornada de trabalho; os burgueses ricos vão adquirir, ao longo do século, o hábito de se libertar de suas tarefas até o fim da tarde. A partir do meio-dia, encontram-se alguns ociosos: velhos que gostam de fazer a sesta até por volta das três horas; mulheres da classe abastada; jovens da alta sociedade" (51).

O serão começava quando o burguês chegava em casa e, caso não estivesse fazendo frio, se sentava em um banco implantado diante da sua residência, com sua mulher e seus filhos. Enquanto conversava com os demais vizinhos, igualmente abancados diante de suas respectivas casas, as crianças brincavam na rua ou nas margens do canal. Ao cair da noite, todos entravam para o jantar, enquanto os boêmios ou os que não tinham família estavam nas tabernas.

Com mau tempo, a família iniciava o seu serão dentro de casa, com os amigos que chegavam. Leitura de textos sacros ou de livros de história, costura e bordado, pequenos trabalhos domésticos, são as atividades, completadas por canções, cujas coletâneas não faltavam em nenhuma casa. Canções tanto religiosas quanto profanas. Principalmente nas famílias abastadas, cuidava-se muito da educação musical dos jovens, e os cantos eram acompanhados por cravos, espinetas, flautas.

Nas residências familiares onde não havia o hábito musical (poucas, segundo Paul Zumthor), praticavam-se jogos de salão. As variantes dos jogos de dados eram muito populares. Mas predominavam os jogos de cartas, em uma vintena de tipos.

O jogo de xadrez estava restrito aos nobres, penetrando na grande burguesia somente no século seguinte. Mas o jogo de damas era de uso corrente nessa mesma burguesia.

Na segunda metade do século, importantes modificações sociais ocorreram, sob influência dos costumes estrangeiros, sobretudo franceses, e com a multiplicação dos cafés e das casas de fumo; os burgueses passaram a voltar para casa mais tarde, uma ou mais vezes por semana, e suas mulheres e filhos também começaram a sair. Mesmo assim, às dez horas da noite ressoavam o sino e o tambor da guarda e todos se recolhiam, salvo as eternas criaturas da noite, boêmios retardatários, malfeitores e vigias.

(51) ZUMTHOR, Paul, op. cit., página 99.



O serão apenas encerrava as ocupações de um dia muito ativo. Os neerlandeses eram considerados pelos visitantes estrangeiros como muito dedicados às suas obrigações de trabalho e da vida religiosa e familiar.

Mas eram também ativos no lazer, praticando várias modalidades, facilitadas pelo seu meio-ambiente geográfico e cultural. ||

A caça, esporte europeu da Idade Média, estava em desuso, com exceção da caça aos pássaros, liberada na região costeira.

Porém de preferência geral era a pesca, beneficiando-se de uma grande piscosidade de todos os cursos e planos d'água (rios, canais, lagos e lagoas).

Paul Zumthor observa que, "durante a estação de bom tempo, o esporte nacional é o passeio. Todos os domingos e dias de festa, as cidades despejam a sua população nas estradas, nos atalhos, nos canais, em direção aos campos ou à beira-mar; todas as classes sociais se misturam, uma massa ávida de vegetação e de ar livre. Alguns vão a pé, a maior parte utiliza carretas chamadas carros de brinquedo, uma cuba de madeira montada sobre rodas, barulhenta e sacolejante, que torna qualquer conversação impossível. Já o barco agrada mais às pessoas delicadas. Sobe-se à vela o Amstel, o Vegt, o Reno, navega-se dos lagos aos canais. Num ritmo tranquilo, desfruta-se melhor as belezas da paisagem e o prazer da companhia" (52).

Na primavera, os jovens iam fazer piqueniques nas florestas, ou visitavam os albergues das aldeias, nos domingos e nos dias de festas.

Resumindo o texto de Paul Zumthor: no inverno, praticava-se intensamente a patinação. A diminuição do ritmo dos negócios, durante essa estação, permitia que todos tivessem <sup>tempo de lazer</sup> mais tempo para o lazer. E quando lagos e canais se congelam, ninguém tirava mais os patins. Todas as classes se misturavam. Patinava-se com roupas de interior, sobre patins de madeira, com proa metálica e o dobro do comprimento do pé. Os neerlandeses eram tão hábeis nessa prática que se viam camponeses em cima de seus patins transportando um cesto de ovos. Percorriam-se grandes distâncias em um dia. Organizavam-se competições, das quais a mais importante, o "Circuito das Onze Cidades",

(52) ZUMTHOR, Paul, op. cit., página 196.

*ac*

estendia-se por duzentos quilômetros, percorridos, como por exemplo em 1676, no tempo corrido de dezesseis horas. Organizavam-se também corridas de barcos (canoas, chalupas a remo e à vela, barcos, etc.), quando a água não estava congelada. Com a participação de quatrocentas a quinhentas unidades, como na festa de São Martinho, diante de multidões de espectadores<sup>(53)</sup>.

"Os neerlandeses amavam os divertimentos em que se dá demonstração de habilidade, de força, de resistência, e nos quais o corpo se desenvolve. No gelo do inverno, nas areias da praia no verão, burgueses e camponeses praticavam o lançamento do disco: tratava-se de rolar uma espécie de roda o mais longe possível, com a ajuda de um mínimo movimento de mão" ( ).

O "jogo da péla comprida" era o mais popular, dentre os mais de quinze tipos de jogos de bola. Praticado sobre uma pista de madeira ou de tijolo, com bola dura em couro, entre duas equipes, originou mesmo a construção por muitos estalajadeiros de áreas cobertas para a sua prática, ao lados das pistas de boliche.

Exigindo uma pista muito ampla, o jogo da malha, antepassado do "croquet", tinha vários locais cobertos muito bem cuidados na maior parte das cidades. O taco, antepassado do hóquei moderno, era jogado no inverno sobre o gelo e no verão sobre um terreno plano (Paul Zumthor, pg.200).

Tiro ao alvo, arco e flecha, corridas a pé, corridas de argola, eram praticados regularmente, em várias regiões, algumas com tradições particulares. Menos edificantes eram os jogos cruéis com animais, dos quais participavam também as crianças.

À parte essas modalidades violentas existiam muitos jogos e brincadeiras infantis, complementados por canções, além das cantigas de roda, e brincadeiras com bonecas e miniaturas de casas, das meninas. Algumas das brincadeiras relacionadas: a cabra-cega, a carniça, o pião, o par ou ímpar, as bolas de gude.

A dança era igualmente muito difundida e popular. Inclusive com escolas e professores. Zumthor assinala que não havia festa pública ou privada que não terminasse com um baile. Dois estilos de dança predominavam: o de origem folclórica-tradicional e o de importação recente (influência sobretudo francesa). O primeiro mais popular e em muitos casos, com danças de uso regional; o segundo, preferido pela grande burguesia e pela pouco numerosa aristocracia local.

(53) ZUMTHOR, Paul, op.cit., página 196.



Banquetes e bebedeiras forneciam ocasião de convívio social. Eram aproveitadas todas as oportunidades da vida familiar, da vida corporativo-profissional, das festas, das viagens, das ocasiões solenes e dos eventos marcantes da vida pessoal (noivados, casamentos, batizados, etc.), para a sua realização.

Referência especial merecem as tabernas. Zumthor (pg.217) explica que o termo é genérico, e designa entre outros: o botequim camponês; o pequeno cabaré citadino; vasta sala lajeada, de janelas pintadas e grandes vigas enceradas; pontos de encontros campestres de ricos gourmets; estabelecimentos elegantes, com instalações luxuosas, de frequências ilustres e onde eram realizados os banquetes oficiais.

Toda a população masculina e muitas mulheres de condições simples frequentavam-nas assiduamente. Muitas ofereciam música, às vezes de boa qualidade.

Na segunda metade do século, surgiram os "cafés", locais que abriam a princípio somente pela manhã, das nove às onze horas, e atendiam aos apreciadores da nova bebida, o café. Posteriormente, as pessoas passaram a frequentá-los à noite, para jogar, e os cafés passaram a oferecer bebidas alcólicas.

O fumo afetou igualmente os costumes sociais: abriram-se casas de fumo, que juntamente com as de chá e os cafés, passaram a atrair uma numerosa clientela, e os burgueses adquiriram o hábito de sair à noite para frequentá-los, e muitos chegavam a passar os feriados inteiros nesses estabelecimentos.

Zumthor relata que, a partir de 1635, delineia-se na burguesia um gosto até então desconhecido pelos divertimentos extrafamiliares. São fundados em todo o país "colégios de divertimentos". Providos de estatutos, tem reunião em dia fixo, em geral na segunda ou terça-feira. Reúnem pessoas dos dois sexos ligadas por algum interesse comum ou por sua idade, que se juntam para beber, cantar, jogar cartas. Muitas vezes, os membros desses "colégios" se reuniam nos cafés (Paul Zumthor, pgs.224 e 225).

Os neerlandeses apreciavam grandemente as festas, e para realizá-las lançavam mão de todos os pretextos. Inclusive muitas antigas festas católicas sobreviveram, sob uma forma laica, apesar das recriminações da Igreja Reformada, e associadas a manifestações folclóricas. Em algumas aldeias, era representado no dia 6 de janeiro o velho auto medieval dos Reis Magos.

De modo geral, toda a nação participava dessas festas, apesar das restrições do governo e da Igreja Reformada (o governo proibira, por exemplo, o uso de fantasias na Terça-Feira Gorda).

Além das festas principais, muitas cidades tinham festas regionais, com costumes particulares. Por exemplo, em Amsterdam, na manhã de sábado anterior ao Pentecostes, as crianças percorriam as ruas levando uma coroa de ervas, fazendo barulho para despertar os burgueses e cantando refrões mais ou menos injuriosos (Zumthor, pg.228).

Ainda em Amsterdam, o edifício da Bolsa era aberto às crianças durante a primeira semana da quermesse de setembro, e elas podiam ali brincar à vontade, menos nas duas horas onde eram realizados os negócios.

Zumthor observa que uma das mais arraigadas tradições entre os neerlandeses era a das quermesses: "mais do que uma festa, a quermesse era um extravasamento periódico dos instintos coletivos, uma comunhão na liberdade e na fraternidade. Primitivamente feira da Igreja, a quermesse se laicizara depois da Reforma. No século XVII, não havia cidade ou aldeia de certa importância que não realizasse uma ou, por vezes, duas quermesses anuais. Nelas, a população da região se misturava à das redondezas e aos habitantes das localidades mais longínquas. As pessoas compram e vendem tanto quanto se divertem: a quermesse reforça tanto os laços econômicos do país quanto os seus laços culturais. Porém com o tempo uma clivagem social se delineia: cada vez mais, as pessoas "bem" a frequentam mais como espectadores, quase não se misturando à massa. A quermesse dura muitas vezes uma semana, por vezes duas, ou até três, como em Haarlem. Em Haia, a quermesse de maio estende-se por quinze dias; a de setembro, por oito (esta, abolida em 1643). Nessa cidade, a organização da festa é confiada à própria corte e ao governo... que dividem os lucros. Desenrola-se no interior e no exterior do vasto quadrilátero formado, no centro da cidade, pelos palácios principescos. Começa no dia 3 de maio, exatamente ao meio-dia e meia, por um toque de sinos da prefeitura, que se prolonga até a uma hora. Na praça principal, nas ruas, montam-se tendas. Toda a cidade está nas ruas. Um desfile de corporações a inaugura, seguido do tiro ao "papagaio". Filas de lojas, de balcões, de barracas, atulham as vias públicas. Os padeiros põe à venda o bolo da quermesse, que serve como intermediário para os primeiros contatos com as belas" (54).

(54) ZUMTHOR, Paul, op.cit., páginas 230, 231 e 232.

As quermesses ofereciam ocasião para os camponeses e aldeãos de se divertirem nas cidades vizinhas. E as grandes quermesses eram visitadas por artistas e saltimbancos estrangeiros, misturando-se com os charlatães, os curandeiros, as leitoras de sorte, e artesãos de todo tipo, além dos inevitáveis seres exóticos ou diferentes, homens fortes e mulheres barbadas.

O chamado "século de ouro" dos neerlandeses foi uma época rica em algumas modalidades das artes, aquelas "da vida interior"

(Paul Zumthor): pintura, música e poesia. Os pintores neerlandeses dessa época deixaram sua marca na história da arte. E encontraram uma clientela para os seus trabalhos, pois os burgueses, abastados ou não, utilizavam os quadros como móveis, para cobrir e ornar as paredes nuas. Os que haviam enriquecido encomendavam-nos para registrar a sua fortuna, como por exemplo o armador retratado com sua família e apontando os noventa e dois barcos que possuía. As quarenta telas conhecidas de Vermeer foram executadas sob encomenda. Isso não impediu muitos pintores de morrerem arruinados ou em má situação financeira, entre eles Rembrandt. Mas os artistas integravam-se sem dificuldades ou conflitos na vida social, formando uma corporação como as outras. E sua arte era comercializada por lojistas e também nas feiras e quermesses. Criaram um estilo próprio, retratando a vida cotidiana dos seus concidadãos, caminho igualmente seguido pela gravura, de alta qualidade.

Na música não se destacou nenhum grande nome, mas persistiu ao longo do século uma intensa vida musical coletiva, principalmente como vínculo social (como já observado, não havia festa familiar ou solenidade pública sem canções).

Formaram-se sociedades musicais, agrupando de quinze a vinte pessoas, que se reuniam em suas residências. As municipalidades muitas vezes forneciam-lhes locais próprios. E finalmente, pequenos grupos de músicos ambulantes percorriam o país tocando nas aldeias, nas quermesses, nos casamentos, nas serenatas (Paul Zumthor, pgs. 243, 244 e 245).

Cada cidade e cada aldeia possuía uma "câmara de retórica", agremiações cujos membros exercitavam-se na poesia, organizavam concursos literários e faziam teatro amador. Realizavam suas reuniões no albergue ou num local emprestado pela comunidade. Nas festas e quermesses, os retóricos apresentavam-se em público.

Na segunda metade do século, praticamente desapareceram, sendo somente encontradas nas aldeias.

Uma dessas sociedades, a da Roseira Brava, em Amsterdam, deu origem à academia de Samuel Coster, que em um barracão de madeira criou o primeiro teatro dos Países Baixos. Após a morte de Coster, o seu animador, a municipalidade de Amsterdam decidiu-se pela construção de um novo prédio em pedra, inaugurado em 1637 e renovado e modernizado em 1664.

Compunha-se de uma sala, rodeado por dois andares de camarotes, com um palco muito largo, estreitando-se ao fundo. Ao pé do palco agrupava-se a orquestra. Em sua modernização aproveitou-se o aperfeiçoamento da arte do cenário, aprofundando-se o palco e utilizando-se maquinário nas representações.

O segundo teatro do país foi construído em 1659 em Haia, onde um comerciante de madeiras reformou a sala de jogo de pêla para ali implantar um teatro de ópera, o qual subsistiu por quarenta anos.

Na falta de teatro, que mesmo em Amsterdam abria apenas alguns meses por ano e dois dias por semana, os artistas representavam sob tendas, em pavilhões de tiro, em salas alugadas públicas e privadas e em espaços abertos. Sempre enfrentando a ferrenha oposição da Igreja Reformada.

Os Países Baixos também eram percorridos pelas companhias ambulantes, de todas as nacionalidades. Na segunda metade do século, somente as companhias francesas visitavam as cidades neerlandesas.

E os neerlandeses davam preferência, como tema, à evasão do sonho e da fantasia ou a sátira da realidade, assistindo pouco às representações trágicas.

Já o balé holandês originava-se de uma tradição nativa, e até o século XVIII sofreu pouca influência estrangeira. Reproduzia antigas danças de quermesses e das câmaras de retórica, as rondas camponesas populares, e as danças de marinheiros. E a ópera manteve-se circunscrita à cidade de Haia.

Interessante assinalar que o público neerlandês era ávido por leitura, sendo o livro um objeto de consumo corrente. A leitura se constituiu em um dos elementos da vida familiar.

A edição ilustrada das poesias de Cats, por exemplo, livro considerado relativamente caro, atingiu, em 1655, cinquenta mil exemplares. O diário de viagem de Bontekoe ao Extremo Oriente atingiu em 1646 cinquenta edições.

Comparando com a época atual, poucas obras literárias no Brasil do final do século XX alcançam esses números.

Zumthor registra que na primeira metade do século XVII, duzentos e quarenta e quatro livreiros estavam inscritos na guilda (corporação) de Amsterdam. Na segunda metade, quatrocentos e setenta e seis (livreiro na época era frequentemente impressor e editor). Existiam mesmo tradutores profissionais. E havia uma grande liberdade de publicação<sup>(55)</sup>.

(55) ZUMTHOR, Paul, op.cit., páginas 219 a 266.



A handwritten signature or mark is located in the bottom right corner of the page.

\* OS LAZERES ENTRE OS MINEIROS, NO TEMPO DE GERMINAL

Germinal, o conhecido romance de Émile Zola, cujo cenário é uma mina de carvão na Bélgica, no século XIX, descreve realisticamente, ou com um pretenso realismo, as condições de vida e de trabalho dos mineiros.

Estudando a vida cotidiada entre os mineiros, na época de que trata o romance, Plessy & Challet<sup>(56)</sup> incluem os seus lazeres no texto, do qual podemos extrair ainda as referências à carga horária de trabalho dos mesmos mineiros.

Os estudos realizados pelos autores conduzem à verificação de que esses horários de trabalho apresentavam variações, conforme o local, conforme a empresa, as necessidades de produção, a falta ou a sobre de mão-de-obra, as relações sindicais. Concluem que na França da época, não há possibilidade de se indicar uma carga horária média de trabalho.

Quatro anos antes de 1865, o ano em que Zola situa a ação de Germinal, na região do Loire os mineiros trabalhavam de 4 horas da manhã até 6 ou 7 horas da tarde, sem direito a repouso para as refeições. Entretanto, o governo republicano havia fixado, já na década de 40, uma duração de trabalho de 10 horas diárias, para os mineiros (inferior em cerca de uma hora ao período de trabalho das demais categorias de operários). Em algumas regiões, mesmo pressionados, os mineiros não abriram mão das oito horas diárias de trabalho, porém em outras são registradas jornadas de até catorze horas diárias de trabalho, incluindo uma hora para a refeição.

Um documento de 1885 verificado pelos autores afirma que na maior parte das minas francesas a duração da jornada diária de trabalho é de nove horas, compreendendo também o tempo da descida e da subida. Mas era também frequente a exigência das minas que pelo menos uma vez por semana os empregados dobrassem a sua jornada, trabalhando então por um período contínuo de dezesseis horas.

De qualquer forma, qualquer que fosse a carga horária diária, somente o domingo era dia de folga. A semana de trabalho, portanto, era de seis dias.

O tempo para o lazer era portanto curto, considerando-se que após um trabalho cansativo e perigoso, o mineiro tinha de andar até a sua residência, geralmente localizada distante da mina.

(56) PLESSY, Bernard, e CHALLET, Louis, "La vie quotidienne des mineurs au temps de Germinal", Paris, Hachette, 1984, 339 páginas.

E o primeiro dos seus lazeres era o cabaré, conforme citação do texto de Plessy & Challet: "O cabaré tem para as classes operárias da sociedade atual o lugar da igreja na sociedade passada. É o que afirma Leroy-Beaulieu; essa afirmação, tida como evidente, se impõe como um clichê. E sem dúvida comporta a mesma uma parte de verdade, mas ela tem também nuances.

É certo que muito frequentemente e em todas as regiões de mineração o cabaré faz todos os domingos dos mineiros. Zola constatou isso, em Anzin, a região que ele tomou como base para o seu romance: Depois do meio-dia, começa o turno pelos cabarês. É lá que a embriaguez se torna possível. 5% dos bêbados entre os homens casados, 20% entre os jovens. Eles bebem, eles jogam, eles vão de um estabelecimento a outro, conhecendo os hábitos dos camaradas e os procurando. Às vezes, nas uniões mais sólidas, a mulher e as crianças vão encontrá-lo no estabelecimento, sobretudo naqueles onde existem bailes. É às vezes combinado previamente, em outras ocasiões a família vai procurar o pai, conhecendo os seus hábitos. As moças dançam. Retorna-se às 11 horas.

Charles Benoist julga severamente esses lazeres. Seus divertimentos são sem alegria, carregados de vapores de cerveja e de odor de tabaco, chatos e escuros como a região, enevoados como o céu, encardidos como a sala de fumar. Toda essa alegria do domingo é fictícia, é triste e entristece. Se a igreja, segundo Marx, é o ópio do povo, o cabaré, que a substitui, pode ser uma outra droga, pior ainda. Diante de um copo de cerveja ou de vinho, a vida repentinamente se aclara, depois de torna mais leve, até a vertigem, e termina por se sombrear no embrutecimento.

Moralistas e médicos, bem como a Igreja, fazem coro contra essa praga. E a Igreja mais ainda, pois o cabaré está associado com a dança, outro escândalo insuportável para o clero da época. A estatística dos cabarês apresenta, para toda a França, uma proporção de um cabaré para 105 habitantes, com um máximo de um para 52 no Norte e um mínimo de um para 260 no Gers. Nos distritos de extração da hulha, a proporção é ainda mais terrível: em Liévin (Pas-de-Calais), existem 50 cabarês para 500 operários, um para dez homens, e entre esses 500, existem 200 crianças de doze a dezesseis anos (1881).

Mas se existem, sobretudo nas cidades, ignóbeis espeluncas que são verdadeiras armadilhas, a imensa maioria dos cabarês são apenas honestos e pacíficos locais para se beber. Zola, que visitou alguns em Anzin, constatou a sua simplicidade e sua limpeza, sem maus odores. A porta envidraçada com uma cortina de algodão se abre para uma sala vasta e clara cujas lajes vermelhas são cobertos

de areia branca destinada a absorver a lama dos tamancos e as cusparadas dos fumadores de cachimbo. Ao longo da parede, o balcão de madeira coberto de zinco com a sua bomba de cerveja, no meio dos canecos e dos jarros. No centro, um pequeno fogão a carvão do qual se eleva uma tubulação, presa em ângulo reto no teto, atravessando toda a peça. Algumas mesas, com bancos e cadeiras. Lâmpadas a petróleo para a noite; mais tarde, bicos de gás. Às vezes, o estabelecimento, mais importante, se acrescenta de uma sala de baile assoalhada, com uma pequena tribuna para os músicos, o conjunto todo modestamente decorado.

Se o cabaré pode favorecer o vício, ele preenche outras funções necessárias à vida individual e social. E deve-se distinguir entre o uso que dele é feito no domingo e durante os dias da semana. Na saída dos poços, raros são os mineiros que retornam diretamente para casa. A maioria vai beber um caneco de cerveja no local mais próximo, mais para limpar a garganta ou matar a sede do que para se embriagar. Essa necessidade física concluída, eles vão para casa. Muitas vezes, retornam, após a sopa e a toilette, para esvaziar mais dois ou três canecos. O cabaré fornece então uma das raras formas de lazer que conhece o mineiro. Sem fazê-lo sistematicamente o local do anti-trabalho, ele aparece como uma enseada onde ele se reencontra consigo mesmo, ao abrigo dos problemas da casa, em um local acolhedor, limpo e agradável. É o local onde se exerce mais plenamente a sociabilidade. Ali se reencontra o outro, se trocam algumas palavras, sobre a jardinagem, o tempo, o trabalho ou a família, vagos comentários de acontecimentos longínquos conhecidos pelas gazetas ou por um estranho de passagem. Às vezes, torna-se palco de propaganda política ou sindical. E muitos cabarês, ou cafês, como também se tornaram conhecidos, se prestam à prática de muitos jogos" (57).

Os jogos e a vida associativa tinham mais lugar do que se acredita na vida do mineiro, e bem mais do que descreve Émile Zola no seu romance. Na pesquisa prévia que realizou em um região mineira (Anzin), Zola encontrou a prática de vários jogos, entre eles uma espécie de golfe todo terreno, o "jeu de la crosse"; e disputas como a rinha de galos.

Nos cafês ou cabarês, os mineiros jogavam: cartas, boliche, jogo de bola; no Norte, jogava-se muito o "jeu de crosse", descrito por Zola - batia-se em uma bola de madeira, com um bastão parecido com o do atual "hockey", e jogava-se no campo, apostando-se por exemplo com quantos golpes se percorreria determinada distância; no Norte também praticava-se o tiro com arco, e na região do Loire o tiro com

(57) PLESSY, Bernard, e CHALLET, Louis, op. cit., páginas 265 a 271.



zarabatana. Esses jogos deram origem a sociedades de suporte, musicais ou ginásticas, que se multiplicaram. "Nada mais institucionalizado do que seu modo de organização. A hierarquia é impressionante. Para um jogo de zarabatana, são necessários nada menos do que 11 dignitários; e os regulamentos apresentam uma interminável série de artigos sem cessar revistos, corrigidos e aumentados, pródigos em medidas disciplinares. A sociedade permite ao mineiro de entrar de pleno grado em uma comunidade que assegura seu equilíbrio face às restrições e ao anonimato do trabalho. Na medida em que sua constituição é garantia de dignidade moral e de bom comportamento social, ela a deseja rigorosa e disso exige toda aplicação. Disso ele tira o seu orgulho, e nada lhe dá mais gosto do que a aparência que lhe dá o seu uniforme quando ele participa dos desfile, bandeira à frente, em meio às aclamações. Quanto às multas, não se deve esquecer que elas alimentam a caixa comum, que servirá para o grande banquete anual: são pagas de boa vontade. No final das contas, são a promessa de festividades memoráveis. Deve-se com efeito sustentar esse paradoxo: essa época tinha um outro senso da festa do que a nossa. As condições de vida eram mais duras: as festas eram mais intensas. O automóvel e a televisão não haviam ainda desenvolvido o reino do lazer individual. A vida era mais comunitária, os prazeres mais simples e mais espontâneos, os costumes mais vivazes.

É impossível traçar um inventário das festas e reconstituir o seu ciclo anual. As diferenças são muito grandes de uma região para outra: a cidade e a coexistência da mina com outras atividades profissionais, como em Saint-Étienne, traziam uma abertura de espírito e uma diversidade de lazeres que não podiam conhecer as regiões exclusivamente mineiras. Os traços comuns entretanto não faltam: em todo lugar as festas são numerosas, variadas e plenamente vivenciadas.

Essas festas tem origens religiosas, seguindo um calendário herdado da Idade Média; as festas menos importantes são muitas vezes ligadas a tradições regionais, o que as torna mais valorizadas nessas regiões; as festas corporativas e patronais, hoje em desuso, eram então as mais populares. Acrescente-se a esse calendário as feiras, as passagens dos circos, as representações teatrais, os espetáculos de marionetes, e as festas de família, como batizados, casamentos, primeira comunhão.

De origem camponesa, o mineiro valorizava muito o seu jardim. As companhias compreendo isso deixavam sempre uma área livre em torno do alojamento, para que os mineiros ali implantassem uma horta, um pequeno local para criação de porcos, um pequeno cultivo de batatas. As vezes, o mineiro conservava ainda um pequeno espaço de terra, no campo, que cultivava em suas folgas, juntamente com sua família. Ou alugava uma extensão um pouco maior, onde passava as suas horas

de folga, entretido no cultivo e nos cuidados de suas pequenas  
plantações, acompanhado por seus familiares" (58).

(58) PLESSY, Bernard, e CHALLET, Louis, op.cit., páginas 272 a 281.



A handwritten mark, possibly a signature or initials, is located in the bottom right corner of the page.

\* OS LAZERES NOS ESTADOS UNIDOS, NAS REGIÕES E NA ÉPOCA DO FAROESTE

O cenário compreendido pelo chamado "faroeste" abrange a época entre 1860 e 1890, e o território compreendido entre os vales dos rios Missouri e Mississippi, e a costa do Oceano Pacífico, do Canadá ao México.

Época transformada em legendária pela literatura e pela nova arte, o cinema, para o qual forneceu personagens, mitos e sagas, acabou interpretada por uma fusão entre ficção, fantasia e realidade. Assim, um dos seus "locais" de lazer, o "saloon", tem presença constante no cinema, sendo um dos principais palcos para as façanhas de um dos seus maiores personagens, o mais lendário sobretudo, o "cowboy".

Para todos os personagens desse cenário já em si movimentado, porém ainda enriquecido pelo acréscimo fornecido pelas lendas e pela imaginação, a existência era dura, rude e extenuante. Mineiros, vaqueiros e colonos ou pioneiros, eram quase todos imigrantes do Leste do país ou dos países europeus, misturando-se com índios, mestiços destes com os mexicanos, e com mexicanos de origem ou estabelecidos há gerações nos territórios que os Estados Unidos haviam conquistado à nação vizinha.

Que a existência era dura e perigosa, o cinema já explorou à exaustão. O que o cinema não mostra é que essa mesma existência era muito monótona, para qualquer um dos seus personagens. As longas e demoradas viagens dos vaqueiros acompanhando os rebanhos para o leste, o cansativo e monótono trabalho dos mineiros, o esforço prolongado e muitas vezes infrutífero dos colonos para explorar a terra, superando as condições climáticas adversas, e distantes da civilização, representada pelas cidades do leste, formaram o real cenário dessa época e dessa imensa região.

Nesse cenário, eram poucas as oportunidades para outras atividades que não fossem trabalho, repouso físico, deslocamentos em pequenas e grandes viagens, e obrigações familiares e religiosas.

O tema "descanso e lazer" ocupa algumas poucas páginas da obra dedicada ao assunto (Fohlen, Claude, "O faroeste").

Em primeiro lugar, o autor assinala como atividade preferida a do teatro: "o teatro superou de longe todas as outras distrações. O fervor pelo palco remonta ao começo do século XIX e se manteve aceso durante o avanço da fronteira. Toda cidade de alguma importância teve desde cedo seu teatro, a exemplo de Pittsburgh, que construiu o seu em 1813, Cincinnati e Nashville, em 1819, San Francisco, em 1850."

e Sacramento, em 1849. O teatro parecia quase tão indispensável quanto a escola ou a igreja. Todas as cidades mineiras tiveram o seu. Nem bem os trilhos da Union Pacific atingiam Cheyenne, a cidade já fazia construir um teatro, de madeira, naturalmente, acolhendo duas companhias ambulantes. Os atores mais célebres da época apresentaram-se ali: Edwin Booth, o grande comediante; Helena Modjeska, a grande atriz polonesa de tragédias, que começou sua tournée americana em 1877, conquistando grande sucesso com sua interpretação das heroínas de Shakespeare e, mais para o final da sua carreira, Ibsen; Sarah Bernhardt, que atravessou o continente até Virginia City (Nevada), representando seus papéis em francês" (59).

O público apreciava igualmente os melodramas e as farsas; o autor mais popular foi Shakespeare, e San Francisco rivalizava com Nova York quanto ao número de representações de suas peças; seus habitantes frequentavam mais os teatros que os de Londres e Paris. E em 1882, conta Fohlen, a cidade mineira de Leadville recebeu a companhia inglesa de Ópera de Emma Abbott, que apresentou um extenso repertório, com grande sucesso e algumas pequenas decepções, mais ligadas ao estilo sóbrio de representar da companhia inglesa. Nesse mesmo teatro, Oscar Wilde falou de estética e do porvir da arte, em 1882, para um grande público que achou a conferência tediosa e lamentou não ter ido para o "saloon".

Outra preferência dos habitantes do velho oeste era a universal dança. Qualquer ocasião servia para organizar bailes, seja entre os mineiros, seja entre os colonos e pioneiros, ao som produzido pelos violinistas de ocasião. Uma das razões para se organizar bailes era a de arrecadar fundos, para construir um igreja, uma escola ou uma biblioteca.

Igualmente aproveitadas eram as festas nacionais, como a do dia 4 de julho, dia da Independência, com desfiles, libações, canções, mais bebedeiras, e demonstrações amadoras de pugilato.

O circo era muito popular e muito apreciado. Muitos circos percorriam as planícies do faroeste, e os artistas e componentes das caravanas eram frequentemente acolhidos e abrigados pelos habitantes da região. E a fusão entre os espetáculos circenses e os hábitos de trabalho dos "cowboys" deu origem aos rodeios: "é durante os anos de 1870 e 1880 que a marcação dos animais com ferro em brasa e a identificação dos rebanhos pelos proprietários passaram a ser acompanhadas de desfiles e demonstrações, incluindo cowboys, amazonas, às vezes índios, com seus cavalos e carroções. Os rodeios eram uma ocasião para os pioneiros se encontrarem, para tratar de negócios, certamente, mas também para

(59) FOHLEN, Claude, "A vida cotidiana no Faroeste (1860-1890)", São Paulo, Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1989, página 233. 

beber, discutir, jogar cartas, cantar e comer bem. Mas não é senão mais tarde que os rodeios se tornam verdadeiros espetáculos, dissociados do trabalho de marcação e de separação dos rebanhos, o qual desapareceu assim que os ranchos passaram a ser cercados. O rodeio de Cheyenne foi organizado a partir de 1897, e o mais famoso, em Calgary, mais tarde ainda" (60).

E a conquista do oeste, neste caso já misturando a realidade com a ficção, originou a famosa companhia de Buffalo Bill, que apresentava um espetáculo típico, o "Wild West, Rocky Mountain and Prairie Exhibition, a partir de 1883, e cujos maiores sucessos aconteceram no leste dos Estados Unidos e na Europa.

Em 1870, aproximadamente, botânicos, etnólogos, exploradores e militares, admiradores das Montanhas Rochosas e das outras belezas naturais daquela grande região, conseguiram estimular diversas personalidades públicas e parte da imprensa, para protegê-las da ocupação desordenada e predatória. Em 1872, uma lei do Congresso tombou uma parte do território de Montana, para servir como "área de descanso para o benefício e a distração dos habitantes", o primeiro Parque Nacional criado no mundo, o de Yellowstone, hoje no estado do Wyoming. "Estava nascendo uma nova forma de lazer, a dos passeios ao ar livre tão apreciados pelos habitantes do oeste, entusiastas do cavalo e dos piqueniques. A vigilância e a administração do parque, com um extensão de oito mil seiscentos e setenta quilômetros quadrados, foram confiados ao exército, que ali se tornou conhecido por seus grandes chapéus de abas achatadas, depois imitados pelos escoteiros. A idéia pareceu tão boa que, passado algum tempo, voltou a ser retomada na década de 1890. Graças à perseverança de John Muir, o defensor das sequoias da Califórnia, o sítio de Yosemite, na Serra Nevada, tornou-se Parque Nacional em 1890. As florestas de sequoias foram preservadas no Sequoia National Park, criado no mesmo ano. Na serra das Cascades, o antigo vulcão de Mont Rainier, célebre por suas neves eternas que se avistam da cidade de Seattle, tornou-se centro de atração de outro parque nacional, em 1899. Ao contrário do que se passava no leste e no meio-oeste, as belezas naturais eram preservadas em favor dos habitantes e dos hóspedes de passagem. Assim nasceu uma nova forma de turismo, ainda engatinhando antes de 1900, mas destinada a um grande porvir" (61).

(60) FOHLEN, Claude, op. cit., página 232;

(61) FOHLEN, Claude, op. Cit., página 236.

Claude Fohlen conclui esse capítulo afirmando que o oeste transmitiu uma herança cultural de alta qualidade, franqueando a instrução às mulheres, apreciando em todas as suas comunidades as apresentações teatrais, notadamente das peças de William Shakespeare, e convertendo gerações sucessivas ao amor pela natureza.

A respeito desse último item, existem fotografias da época, mostrando pessoas acampanhas em áreas dos Parques Nacionais então existentes, e mesmo em outras regiões, neste caso para conhecê-las e apreciar as suas belezas naturais.



## \* OS LAZERES NA RÚSSIA, DURANTE A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

Logo após a Revolução de Outubro de 1917, a população das grandes cidades vivia as consequências da reviravolta social e econômica destinada a fazer os mais pobres subirem e os mais ricos descerem, enquanto se armava no horizonte a terrível e prolongada guerra civil cujo final consolidaria a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Os relatos relativos a essa época mostram um cotidiano totalmente alterado, para as populações das maiores cidades, o que entretanto não pode ser generalizado para todo o imenso território do antigo Império dos Czares. As modificações radicais no cotidiano da população seriam provocadas pela guerra civil, e pelos movimentos de coletivização determinados pelo novo sistema político, se considerarmos a totalidade da população e do território.

Relatando essa época, intervalo para uma profunda mudança, os historiadores se concentram no palco principal, Petrogrado, antes São Petersburgo, depois Leningrado, e no final do Século XX qual será o seu nome? São Petersburgo em 1991, uma pergunta pueril.

Jean Marabini escreve: "As epidemias de Petrogrado não impedem que a imensa Narodny Dom realize grandes representações. Esse monumental teatro do povo, perto da Fortaleza Pedro e Paulo, é cercado por uma praia no Nievã, diversos parques de diversões, uma montanha-russa artificial, mil estandes que pretendem constituir um centro proletário para o repouso, o prazer e a educação: preço do ingresso, um rublo.

Desde o mês de maio\* e o início das noites brancas, os bailes se multiplicam, anunciados em todos os muros por bonitos cartazes multicores. Geralmente, eles terminam às sete horas da manhã. Um deles, realizado no mês de agosto no Museu das Carruagens, durará três dias e três noites consecutivos. As festas populares são bastante simples, espontâneas e sem problemas. Os bailes mais apreciados são organizados pelo Exército Vermelho, pelos marinheiros e pelos bombeiros, em dezenas de mansões requisitadas. Geralmente, os participantes sentam-se em torno da sala e ao fundo, em vários bancos. A orquestra, excelente, é a antiga banda da Guarda Imperial" (62).

(62) MARABINI, Jean, "A vida cotidiana na Rússia durante a Revolução de Outubro", 1ª edição, São Paulo, Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1989, páginas 221 e 222.

\*de 1918

Alguns dos "velhos-ricos", para sobreviver, estabeleceram-se em pequenos cafés, onde antigas damas da decaída nobreza serviam às mesas. "A maioria dos estabelecimentos, aonde certos altos funcionários gostam de levar uma estudante romântica, têm nomes franceses. Esses minúsculos oásis são tudo o que resta da vida cotidiana de antanho, numa Rússia inteiramente renovada e mobilizada" (63).

Registre-se que a população, sobretudo a dos grandes centros urbanos, viveu nesse período sob um regime alimentar dos mais restritos, com um racionamento rígido estabelecendo porções mínimas, em Petrogrado, entre 25g de pão por pessoa/dia até 100g de pão, 2 ovos e 10g de legumes e gorduras, conforme a categoria social e a atividade profissional. A situação no campo era melhor, e o mercado negro florescente.

Nessa nova situação, "o teatro para o povo é a igreja", observava o Secretário-Geral do Conselho dos Comissários, Bonch-Bruevitch. "Aliás, se as classes dirigentes tem razões para estimar que sua existência torna-se difícil, os trabalhadores vêem seu nível de vida melhorar e começam a interessar-se por tudo o que a educação proporciona, em particular pelo teatro, de que outroora estavam excluídos. Em plena epidemia de tifo, o público popular aclama Ravel e Debussy. Na época do cólera, não há, na sala do conservatório de Petrogrado, uma só coxia disponível para ouvir a música de Saint-Saens ou de Berlioz. Um referendo entre os metalúrgicos da Fábrica Putilov indica que eles preferem Carmen de Bizet aos dois jovens compositores russos do momento, Rachmaninov e Prokofiev" (64).

E em Moscou, registrou-se um anúncio em um vespertino: "O professor X pronuncia amanhã no Círculo Comunista uma conferência sobre o cólera. Os membros do Círculo estão convidados. Durante os entreatos: bufê e dança" (Jean Marabini, "A vida cotidiana na Rússia durante a Revolução de Outubro", página 219).

(63) MARABINI, Jean, "A vida cotidiana na Rússia durante a Revolução de Outubro", 1ª edição, São Paulo, Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1989, página 224;

(64) MARABINI, Jean, idem, página 220.



\*OS LAZERES NA ALEMANHA, NA ÉPOCA DA REPÚBLICA DE WEIMAR (1919-1933)

A Grande Guerra de 1914-1918 havia desequilibrado social e economicamente a Alemanha. A derrota aniquilara o sonho imperial, e ao mesmo tempo provocara um grande "choque psicológico" na população, com a rendição aos Aliados, a modificação das fronteiras, a ocupação estrangeira do território da Renânia, e o pagamento das reparações de guerra exigidas pelos vencedores.

As sequelas da guerra eram evidentes, e seus efeitos se prolongaram por um longo período: reconversão de grande parte da indústria para o esforço bélico, carestia geral, mercado negro, desemprego, uma brutal inflação (entre março de 1922 e março de 1923, os preços foram multiplicados por 100), e deterioração de valores sociais e culturais.

Promulgada em 11 de agosto de 1919, em Weimar, a Constituição da República alemã, consequência política e social da Primeira Guerra Mundial, deu origem a "um país novo nas suas fronteiras, na sua organização, na sua cultura"<sup>(65)</sup>. País herdeiro da rica civilização alemã, nela baseando suas realizações e experiências, que se sobrepõe ao cotidiano tradicional herdado dos períodos precedentes, sobretudo do tempo do Império.

País urbano, em primeiro lugar: com uma densidade populacional de 135 habitantes por km<sup>2</sup> (praticamente o dobro da densidade populacional da França na mesma época), com 11 cidades de mais de 500.000 habitantes, 28 com mais de 300.000 habitantes, e com 53 cidades de mais de 100.000 habitantes. Esse processo de urbanização teve uma evolução prolongada no tempo, pois ao final da Idade Média a Alemanha possuía já 3.300 cidades.

A época da República de Weimar não registrou um ciclo de modificações econômicas uniforme, mas pelo contrário, passou por situações diferenciadas: um período inicial de inflação e desemprego, uma fase de recuperação, graças principalmente ao auxílio norte-americano (110 milhões de dólares, em 1924, completado por um plano de ajuda econômica), e a crise de 1929/1930, que provoca a ruína do sistema econômico (em 1932, um terço apenas da população ativa dispunha de um trabalho em tempo integral). Ao final desse processo, segundo muitos historiadores e analistas, estava criado o quadro favorável à ascensão de um sistema político totalitário.

(65) RICHARD, Lionel, "A vida cotidiana na Alemanha no tempo da República de Weimar", 2ª reimpressão, São Paulo, Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1988, página 11.

Relativamente ao lazer, assinala-se em primeiro lugar a questão do turismo: com as brutais desvalorizações do marco, a partir de 1919, comparativamente às moedas estrangeiras, a Alemanha se tornara um local muito barato para o visitante de outros países. Lionel Richard assinala que, em 1922, 300.000 norte-americanos viajaram para a Alemanha, enquanto todos os hotéis da Floresta Negra estavam ocupados por suíços. Essa recepção turística era possível graças à infra-estrutura existente e herdada das épocas anteriores.

Esse custo para o turista estrangeiro era baixo mesmo com o critério de se cobrar mais deles do que dos alemães: nos museus, teatros e óperas, o ingresso para os estrangeiros era oito vezes mais caro do que para os naturais do país.

o segundo fato interessante a assinalar estava ligado ao progresso industrial. Vários grandes grupos industriais souberam se aproveitar da situação, e cresceram na crise. Entre estes, os produtores de aparelhos de rádio, novidade extremamente interessante na época. Telefunken e Lorenz abasteceram o mercado alemão, que contava com 28 emissoras de rádio e mais de 4 milhões de postos em 1931, em terceiro lugar no mundo, somente atrás de Estados Unidos e Inglaterra. Um crescimento muito rápido, considerando que as primeiras emissões aconteceram no país em outubro de 1923. E seus estúdios reuniam 30.000 músicos, cantores e atores, sendo que nas cidades metade dos habitantes eram ouvintes assíduos<sup>(66)</sup>.

Lionel Richard descreve igualmente um processo de transformação das preferências nacionais na época, partindo de um caso exemplar: "Em Frankfurt, em 1928, um público de 3.000 espectadores assistia, num salão de festas, a uma manifestação esportiva insólita: a maratona internacional de dança. Durante duas semanas, uns vinte casais selecionados deveriam dançar sem outra pausa a não ser uma interrupção de quinze minutos por hora. Era declarado vencedor o último casal a cair. Para assistir a esse estranho espetáculo, longo e monótono, a sala permanecia cheia. Tal como uma corrida ciclística ou um combate de boxe. Os lugares não eram ocupados pela alta sociedade. Era um jogo, uma distração destinada às massas. A organização cabia a uma empresa especializada: a Ross Amusement Company. Seu nome era americano. Assim como seus métodos. Desde 1924, os Estados Unidos estavam na moda na Alemanha. Os investimentos americanos na economia alemã até 1928 eram apenas parcialmente responsáveis por isso. A razão mais profunda era que os Estados Unidos representavam uma nova maneira de viver. Para a maioria dos alemães, essa imitação

(66) RICHARD, Lionel, "A vida cotidiana na Alemanha no tempo da República de Weimar", 2ª reimpressão, São Paulo, Companhia das Letras, Círculo do Livro, 1988, páginas 105 e 235.

adquiriria uma dimensão mítica. Eles tinham encontrado um país real que lhes permitia, em imaginação, evadir-se do seu e do tédio cotidiano. País de automóveis de grande velocidade, de construções gigantescas, do jazz, de espetáculo de todos os tipos, técnicos e esportivos" (67).

Todas as imagens dos Estados Unidos estavam representadas na ópera alemã que teve mais sucesso nessa época, "Johnny se põe a tocar", de Ernst Krenek, montada em Leipzig, em 1927, sobre a história de um músico negro, combinando os sons musicais norte-americanos, blues, foxtrote, charleston, shimmy e principalmente jazz com ruídos de automóveis, telégrafos, trens, isto é, o progresso técnico idealizado da América. Segundo Lionel Richard, para os alemães da época a civilização americana era o jazz, que se tornara conhecido com as excursões de algumas orquestras negras em 1925.

Os mesmos ritmos americanos foram utilizados por Kurt Weil na famosa "Ópera dos três vinténs", sobre texto de Bertold Brecht, que também fez grande sucesso, em 1928.

O jazz foi sair da moda com a crise de 1929, e a queda do mito americano, saindo da moda o estilo de vida da América. Volta a velha valsa vienense, e retorna-se a algumas tradições.

"A maratona internacional de dança mostra a força de atração exercida pelos Estados Unidos. Mas através dessa manifestação, planejada por uma empresa de espetáculos, revela-se um outro fenômeno: a americanização dos divertimentos de massa. Nas grandes cidades, as condições de vida impunham momentos e lugares de descanso. Daí o desenvolvimento, diante de tal potencial de clientes, de sociedades comerciais encarregadas das suas necessidades de distração. Quaisquer que fossem as categorias sociais, o tempo que era possível reservar para o lazer não era considerável. Todavia, no conjunto, os horários de trabalho haviam diminuído em relação à época imperial e sido regulamentados por leis sociais. Além disso, a proporção das camadas médias aumentara. Depois das atividades realizadas mecanicamente nos escritórios e nas fábricas, em virtude das tentativas de racionalização da economia, eles estavam pouco disponíveis, à noite ou no fim de semana, para ocupações que exigissem concentração intelectual. Era preciso oferecer-lhes uma evasão eficaz, que lhes permitisse esquecer, física e moralmente, suas preocupações cotidianas."

(67) RICHARD, Lionel, "A vida cotidiana na Alemanha no tempo da República de Weimar (1919-1933)", 2ª reimpressão, São Paulo, Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1988, páginas 211 e 212.

21

Financeiramente, era possível obter lucro, desde que se atingisse também, como em toda empresa comercial, a melhor rentabilidade. Era necessária, portanto, uma racionalização das distrações comparável à do trabalho na fábrica. Encampada por homens de negócios, a indústria do divertimento de massa introduzia-se na Alemanha" (68).

"Logo após a guerra, mais especialmente entre 1924 e 1929, a Alemanha conhece um pouco por toda parte, em função desses princípios, um florescimento de novos estabelecimentos especializados em espetáculos de variedades. O primeiro desse tipo é aberto em dezembro de 1918 em Colônia, num antigo hotel. Um ano mais tarde, um outro é inaugurado em Hamburgo. E, em novembro de 1920, em Berlim dessa vez, Jules Marx transforma um antigo campo de patinação numa sala de espetáculos de 2.500 lugares, La Scala. Sem possuir as dimensões da Scala berlinense, que rapidamente se torna célebre, surgem, até 1930, mais de trezentos estabelecimentos de variedades disseminados por uma centena de cidades" (69).

Nesses espetáculos, em espaços grandes o suficiente para receber o maior número de pessoas possível, procurava-se agradar ao público por meio de recursos da técnica, procurando-se atingir certos efeitos que o fascinassem. A finalidade era a diversão e a evasão. Esses empreendimentos de diversão foram estabelecidos em espaços originalmente diferentes, como teatros, antigos depósitos de mercadorias, cabarês, antigas áreas para esportes.

Como o próprio nome indica, os espetáculos reuniam apresentações curtas, de canto, dança, pequenas comédias e textos curtos, com cenários luxuosos, roupas com muito colorido, luzes e música, em rápida sucessão, para um maior impacto visual. Correspondiam ao que se tornou conhecido em outros países como "music-hall".

Essas diversões leves já eram bem difundidas, antes da guerra, nos Estados- Unidos e na Europa. Entre 1903 e 1914, indica Lionel Richard, atingiam um número de 300 espetáculos por ano, na Alemanha. Na época da República de Weimar, combinavam o cancã francês com o jazz norte-americano.

E também de acordo com o mesmo autor, "o espetáculo de revista", outra variação desses divertimentos ligeiros, desbancou a opereta, muito popular antes da Primeira Guerra, em voga primeiramente em Paris, depois em Viena e em seguida na Alemanha, onde se inspirara em ritmos e expressões populares de Berlim.

Mas mesmo perdendo terreno para as "revistas", a opereta de tradição vienense ainda tinha público na República de Weimar. Inclusi-

(68) RICHARD, Lionel, "A vida cotidiana na Alemanha no tempo da República de Weimar (1919-1933)", 2ª reimpressão, São Paulo, Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1988, página 214;

compositores de sucesso, como Franz Lehar, aceitaram adaptar suas obras, concebidas para o teatro, para transmissões radiofônicas, ouvidas pelo público alemão a partir de 1927.

Lionel Richard cita dois aspectos interessantes (página 218): o primeiro é que o espetáculo de revista oferecia muito mais diversidade, nos temas e na construção cênica e melódica, do que a opereta; e um artista chamado Eric Charell, ao mesmo tempo dançarino, mímico, coreógrafo, libretista, encenador, o espetáculo de revista exigia tanta arte, técnica e minúcia quanto o teatro.

Mas muitos empreendedores do gênero valorizavam mais rostos e corpos bonitos, e os nús femininos, do que as construções cênicas.

Para a posteridade, porém, a República de Weimar deixou os cabarês. Inúmeros e talentosos os seus "animadores", que utilizavam miscelâneas de "sketches", diálogos, danças e canções nos espetáculos, os cabarês passaram do "music-hall" para a revista. Muitos cabarês já existiam no início do século, mas o seu número cresceu à medida que aumentou o interesse do público por ele, e que muitos músicos, poetas e escritores de talento começaram a desenvolver trabalhos para as suas apresentações. Animadores e cabarês, concentrados principalmente em Berlim, se tornaram célebres, como Rudolph Nelson, Friedrich Hollander, Marcellus Schifer, entre os primeiros, e o Roland, o Gato Negro, o Megalomania, o Teatro Tsin-Tsoin, A Velha Baviera, entre os segundos.

Nesses cabarês, não se realizavam somente espetáculos de revistas; eles serviam de palco também para canções satíricas, sociais e políticas, e para a apresentação de poemas conhecidos ou inéditos. Serviam igualmente para números de circo e de prestidigitação. E vários animadores de cabarês empregaram os seus espetáculos para a luta política, contra a direita e contra o fascismo, em ligação com os partidos de esquerda.

No total, existiam na Alemanha cerca de 150 cabarês, dos quais 40 em Berlim. E serviram de palco para muitos poetas e escritores de talento, que se inspiraram da linguagem e das manifestações populares.

Lionel Richard lembra que os espetáculos populares de circo, de feira, de quermesse, datados de vários séculos, ainda permaneciam vivos no interior da Alemanha. A Festa de Cerveja de Munique havia reiniciado em 1919, no mês de outubro. E em muitas localidades, os escolares tinham direito a uma tarde especial de feriado, quando por elas passavam os circos itinerantes.

Porém uma nova arte deveria atrair a população, superando todas as outras formas de entretenimento: o cinema. Lionel Richard indica que em 1919 a Alemanha contava com 2.880 salas de cinema, e em 1929 com 5.200, sendo que entre 50% a 60% delas se localizavam em cidades médias ou pequenas. O número de lugares de cinema disponível por habitante era de trinta por mil, em 1929, bem superior ao índice da França, de vinte lugares por mil habitantes. Em 1920, Berlim tinha 300 salas, das quais vinte eram de grande capacidade. Em Hamburgo, sete salas tinham entre 1.500 e 2.000 lugares cada uma, e em Frankfurt o Circo Schumann foi transformado em uma sala com 5.000 lugares.

"Para muitos habitantes da cidade, sobretudo das camadas médias, o cinema se tornara o divertimento ideal. Em 1924, 2 milhões de entradas eram vendidas em toda a Alemanha. Os frequentadores do cinema eram mais atraídos pelos filmes de pura distração e de evasão do que pelas obras dos que são hoje considerados grandes realizadores" (70).

Não obstante esse preferência, algumas obras de qualidade receberam uma boa frequência de público, como Metrópolis de Fritz Lang em 1927 e O Anjo Azul de Josef Von Sternberg em 1930. Nesse último e famoso filme, uma das canções interpretadas por Marlene Dietrich era de Friedrich Hollander, um dos mais conhecidos animadores de cabaré.

Em artigo para o jornal Folha de São Paulo, exemplar do dia 15 de janeiro de 1991, Fernando Gabeira se referia aos orçamentos do Governo da República Federal da Alemanha para a Cultura como "impressionantes", totalizando 40 bilhões de marcos ou 28 bilhões de dólares, e assinala que naquele país se considera como um dever do Estado apoiar as atividades artísticas. Relata que a evolução das artes plásticas na Alemanha, transformando o país em um centro mundial, se tornou possível pela criação de uma ampla e bem montada infra-estrutura, com museus de arte moderna e centros de exposição sendo implantados em muitas cidades.

A admiração do jornalista tem causas históricas arraigadas: desde o Século XVIII, era tradição dos inúmeros principados alemães a subvenção às atividades culturais. É célebre na história da música, por exemplo, o auxílio que Richard Wagner recebeu do Rei da Baviera para desenvolver o seu trabalho.

(70) RICHARD, Lionel, "A vida cotidiana na Alemanha no tempo da República de Weimar (1919-1933)", 2ª reimpressão, Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1988, páginas 226, 227 e 228.

Essa tradição, mantida ao longo do Século XIX, havia dotado o país de uma estrutura em instalações para representações musicais e teatrais que garantiam à Alemanha uma sólida posição como um dos principais centros culturais do mundo da época. Berlim, "a capital da música", no dizer de Lionel Richard, tinha três teatros de ópera sustentados pelas finanças públicas, um Municipal e dois Nacionais, e as municipalidades e os governos regionais mantinham cinquenta excelentes salas. E quanto ao teatro, o panorama era semelhante, mantendo os poderes públicos, a nível nacional, provincial e municipal cerca de 150 teatros e companhias.

Pouco adiantaria toda essa estrutura sem artistas e sem produção. Um dos principais fatores culturais da Alemanha era justamente a sua riqueza musical, em excelentes compositores e músicos, desde o Século XVIII. E à tradição clássica e romântica na música, preferida pelos conservadores, viera se acrescentar um espírito modernista, com o surgimento de grandes compositores inovadores cujo trabalho influenciou poderosamente toda a música erudita do Século XX. E até a produção dos seus trabalhos também era garantida pelos recursos públicos, como, em exemplos citados por Lionel Richard, as montagens de *Pelleas und Mélisande* em 1920 e de *Pierrot Lunaire* em 1922, de Arnold Schoenberg, pela Ópera de Colônia, de obras de Igor Stravinski, Kurt Weil, Alban Berg, em festivais de música ou nas Óperas Nacionais. Se a regra geral, no entanto, era da montagem das obras modernistas por organizações independentes, concentrando-se os recursos públicos principalmente, com várias exceções, no financiamento da música erudita mais tradicional, essa estrutura em equipamentos culturais possibilitava todas essas realizações.

Para as representações teatrais, existia um público fiel. Somente a União dos Teatros Populares, controlada pelo Partido Social-Democrata, tinha mais de trezentas seções de base, com 500.000 membros no total, e representava a venda de 5 milhões de ingressos em 1930, em toda a Alemanha (Lionel Richard, página 232). Outros partidos mantinham associações semelhantes.

A preferência do público, de acordo com o mesmo autor, se dirigia para a comédia de boulevard e para os dramas de atualidade. De modo geral, as peças clássicas ou de autores consagrados eram as preferidas, e "o teatro verdadeiramente novo só tinha possibilidades de encontrar um público graças às subvenções e aos mecenas"<sup>(71)</sup>.

(71) RICHARD, Lionel, "A vida cotidiana na Alemanha no tempo da República de Weimar (1919-1933)", 2ª reimpressão, São Paulo, Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1988, página 232.

Se por um lado, observa Lionel Richard, a Alemanha possuía então atores e encenadores de imenso talento, o público não se ampliara suficientemente e não tinha renovados os seus hábitos, embora fosse muito mais diversificado do que o dos concertos. Mesmo assim, muitas peças com fundo político acentuado conheceram excelentes temporadas.

O mesmo autor relata que, durante toda a República de Weimar, duzentos romances ou livros de ficção tiveram edições superiores a 10.000 exemplares. A população da Alemanha na época tinha o hábito da leitura, como atividade de relaxamento, com preferência pelos autores clássicos ou consagrados. Uma rede de bibliotecas operárias, estruturada pelo Partido Social-Democrata, existia desde o final do século XIX. E o Partido Comunista, nas editoras onde tinha alguma influência, procurara criar um política do livro barato. Dos escritores que se tornaram conhecidos a nível mundial no século XX, somente Thomas Mann e Erich Maria Remarque conseguiram grandes edições de algumas obras.

A leitura era suplantada por outros tipos de divertimentos, como por exemplo a frequência aos balés ou aos espetáculos de coreografia moderna. Além do já referido desenvolvimento do sistema radiofônico, constituindo-se a audição dos seus programas em talvez a principal atividade de lazer da população alemã da época.

Além da música popular, as emissoras de rádio difundiam também peças de concertos, óperas, peças de teatro. E programas políticos.

"No entanto, mais do que a um recolhimento solitário, os alemães eram sensíveis a distrações em comum. Como todas as associações se precipitavam para organizá-los sempre que havia uma ocasião, os bailes eram numerosos e muito frequentados. Nas aldeias, ao lado dos ensaios de corais, a preparação das festas locais ou de antigos combatentes ocupava uma parte do tempo de lazer. Em muitos lugares, na cidade como no campo, havia também o hábito de promover, um dia por semana, reuniões masculinas, de acordo com as afinidades mais diversas"<sup>(72)</sup>.

Um dos divertimentos mais procurados nos fins de semana era a excursão coletiva; as pessoas partiam juntas, de trem, em bicicletas, em automóveis, para os subúrbios, para os barcos de passeio nos rios principais, ou para as montanhas.

E finalmente, as manifestações esportivas eram frequentes e constantes. A natação era muito praticada. Tênis e esgrima também eram razoavelmente praticados, porém menos do que a ginástica, cujas organizações reuniam mais de um milhão de membros. As associações da juventude promoviam competições regulares, onde entravam o atletismo, o futebol, o boxe. E os espetáculos, principalmente

(72) RICHARD, Lionel, "A vida cotidiana na Alemanha no tempo da República de Weimar (1919-1933)", 2ª reimpressão, São Paulo, Companhia das Letras/

de futebol, de boxe e as grandes competições ciclísticas, atraíam milhares de espectadores.

"E o que era distrair-se, para muitos, sobretudo nessa época? Na cidade, desde que se tivesse tempo, partir a pé para a aventura nas estradas, com mochila às costas. No campo, vestir-se com as melhores roupas no domingo de manhã para ir à missa ou ao sermão do pastor. E em toda a Alemanha, festejar o Natal em família, cantando lieder em torno de um pinheiro"<sup>(73)</sup>.

E nas grandes cidades da Alemanha, à semelhança dos principais centros urbanos europeus com vida cultural intensa, existiam muitos cafés e restaurantes de artistas, locais de encontro de atores, encenadores, escritores, poetas, artistas plásticos, músicos, e de interessados ou simples curiosos. Cafés que deram origem a alguns movimentos culturais.

Na Alemanha, antes de 1914, haviam sido fundadas várias associações literárias, algumas comunidades de artistas, e lançadas várias publicações regulares especializadas.

Esse movimento, após a Guerra, se concentrara em Berlim, que se tornou centro da vida intelectual alemã, e um dos principais centros culturais do mundo. Toda essa produção cultural possibilitava muitas realizações nos locais de entretenimento, como os cabarês.

No campo artístico, desenvolveram-se as artes gráficas. A tipografia, a fotografia e a fotomontagem são valorizadas pelos artistas.

As novas artes - fotografia e cinema, principalmente, encontraram uma grande receptividade na Alemanha de então, que atraía artistas de vanguarda da Europa Oriental, da Rússia e dos países nórdicos. E encontravam um público receptivo às idéias e aos conceitos novos.

Como exemplo, em 1929 foi realizado em Dusseldorf uma exposição internacional de cartazes de publicidade. E os editores contratavam artistas para elaborar as capas dos livros. E um grande público é sensível às artes decorativas e ao design dos móveis e dos objetos de uso cotidiano (Lionel Richard, página 261).

(73) RICHARD, Lionel, "A vida cotidiana na Alemanha no tempo da República de Weimar (1919-1933)", 2ª reimpressão, São Paulo, Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1988, página 238.



6

## BIBLIOGRAFIA

- 
- ARISTÓTELES, "A Política", São Paulo, Martins Fontes Editora, 1991, 287 páginas;
- ANDRÉ, Jean-Marie, "Les loisirs en Grèce et a Rome", Paris, Presses Universitaires de France, 124 páginas;
- CARCOPINO, Jérôme, "La vie quotidienne à Rome, a l'apogée de l' Empire", Paris, Librairie Hachette, 1939, 448 páginas;
- FOHLEN, Claude, "A vida cotidiana no Faroeste (1860-1890)", São Paulo, Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1989, 249 páginas;
- GRAZIA, Sebastian de, "Tiempo, Trabajo y Ocio", Madrid, Editorial Tecnos, 1966, 459 páginas;
- MARABINI, Jean, "A vida cotidiana na Rússia durante a Revolução de Outubro", São Paulo, Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1989, 241 páginas;
- MOATTI, Claude, "A la recherche da la Rome antique", Paris, Découvertes Gallimard, 1989, 208 páginas;
- MUNNÉ, Frederic, "Psicosociología del tiempo libre, un enfoque critivo", Cidade do México, Editorial Trillas, 1980, 206 páginas;
- PARKER, Stanley, "A Sociologia do Lazer", Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978, 184 páginas;
- PASTOREAU, Michel, "A vida cotidiana no tempo dos cavaleiros da Távola Redonda", São Paulo, Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1989, 217 páginas;
- PLESSY, B, e CHALLET, L., "La vie quotidienne des mineurs au temps de Germinal", Paris, Librairie Hachette, 1984, 339 páginas;
- RICHARD, Lionel, "A vida cotidiana na República de Weimar", São Paulo, Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1988, 327 páginas;
- SOUSTELLE, Jacques, "A vida cotidiana dos astecas na véspera da conquista espanhola", São Paulo, Companhia das Letras/Círculo do Livro, 313 páginas;
- 

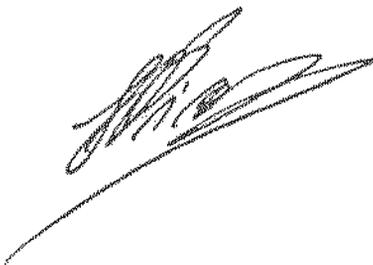
VERDON, Jean, "Les Loisirs en France au Moyen Age", Paris, Tallandier, 1980, 332 páginas;

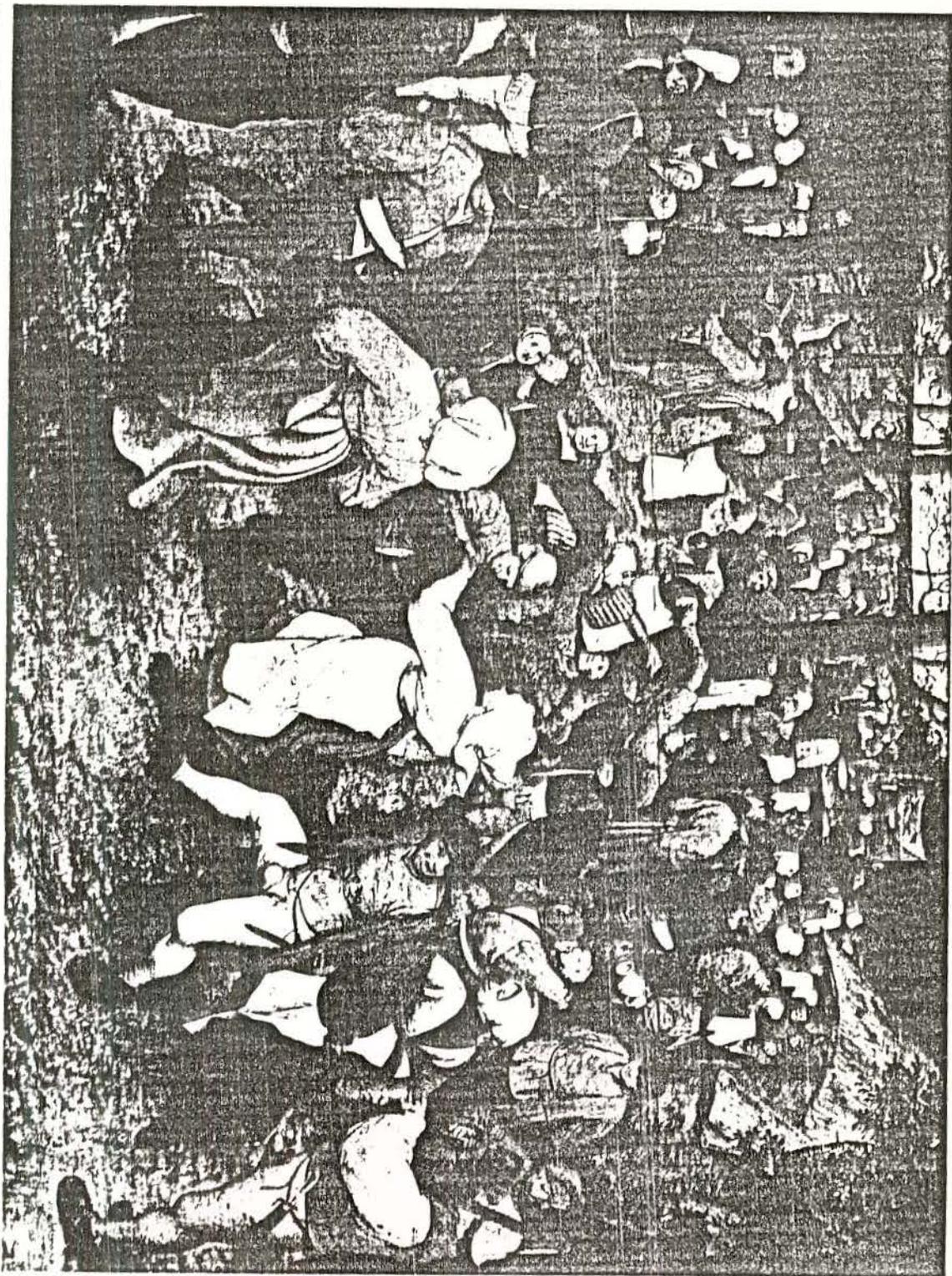
ZUMTHOR, Paul, "A vida cotidiana na Holanda no tempo de Rembrandt", São Paulo, Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1989, 391 páginas.

Periódicos

HISTORIA, Mensile illustrato di Storia fondato da Cino del Duca, Milão, nº 399, maio de 1991, 114 páginas;  
Jornal JORNAL DA TARDE, dia 29 de julho de 1991.

---





QUADRO DE PETER BRUEGEL, O VELHO - BAILE DE CASAMENTO AO  
AR LIVRE, 1566 - Institute of Arts, Detroit.